







REALIZAÇÃO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
SERVIÇO DE PSICOLOGIA

APOIOS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDC I
COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA

CAPA

Kátia Jane Chaves Bernardo

Autorizamos a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA Sistema de Bibliotecas da UNEB

150

Cafê Científico (8. : 2021 ; Salvador, BA)

Anais do VIII Café Científico, 25 e 26 de novembro de 2021 /
organização de **Katia Jane Chaves Bernardo** - Salvador, 2021.
XX p.

Inclui referências

1 *Projetos de extensão* 2 *Projeto de pesquisa* 3 *Experiências de estágio*
1. Bernardo, Katia Jane Chaves



O VIII Café Científico é projeto de extensão coordenado pelo serviço de psicologia da UNEB com o apoio do Departamento de Educação do Campus I, Colegiado do Curso, Serviço de Psicologia e Comissão Discente Organizadora. Oferecido anualmente, no segundo semestre letivo, tem como principal objetivo o compartilhamento entre os discentes e os egressos do Curso de Psicologia da UNEB, as produções científicas/acadêmicas produzidas ao longo dos semestres, a exemplo de Trabalhos Acadêmicos orientados, Relatos de TCC já concluídos, Relatos de Estágios Supervisionados, Relatos de Experiências no Mercado de Trabalho em Psicologia, Trabalhos de Pesquisa e Trabalhos vinculados às Ações Extensionistas em atividade no Serviço de Psicologia.

O conteúdo de cada um dos trabalhos incluídos neste livro de resumos expandidos é da inteira responsabilidade dos respectivos autores.

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Abraão Carneiro do Carmo Rodrigues. Bianca dos Santos Carneiro. Elizabeth de Jesus Santos. Jamile de Souza Carvalho da Silva. Kátia Jane Chaves Bernardo. Priscila Sena dos Santos. Sadi Borges Lopes de Oliveira.

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA:

Abraão Carneiro do Carmo Rodrigues, Bianca dos Santos Carneiro. Jamile de Souza Carvalho da Silva. Kátia Jane Chaves Bernardo.

COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO:

Elizabeth de Jesus Santos. Priscila Sena dos Santos. Sadi Borges Lopes de Oliveira.

COMISSÃO TÉCNICA:

Abraão Carneiro do Carmo Rodrigues. Bianca dos Santos Carneiro. Elizabete dos Santos. Jamile de Souza Carvalho da Silva Kátia Jane Chaves Bernardo. Priscila Sena dos Santos. Sadi Borges Lopes de Oliveira.

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO:

Abraão Carneiro do Carmo Rodrigues, Bianca dos Santos Carneiro. Jamile de Souza Carvalho da Silva. Kátia Jane Chaves Bernardo.



APRESENTAÇÃO

O uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no período da pandemia foi importante aliado para que as produções acadêmicas e científicas fossem mantidas e, graças às estratégias de busca de aproximação, mesmo que virtual, o envolvimento, participação ativa e colaboração de toda a comunidade acadêmica: docentes, discentes e pessoal técnica-administrativo foi uma realidade. Assim como aconteceu no VII Café Científico, realizado no ano de 2020, também em 2021, devido à pandemia do Coronavírus -19 o evento, coordenado pelo Serviço de Psicologia da UNEB/DEDCI, permaneceu na versão virtual, e foi transmitido pela plataforma TEAMS, nos dias 25 e 26 de novembro.

melhor desempenho por meio do ensino do uso de tecnologias; e (iii) desenvolver dispositivos e soluções tecnológicas físicas que atendam às necessidades e deficiências dos usuários (Stößel et al., 2009).

Participaram do VIII Café Científico, discentes e professores do curso de psicologia da UNEB e demais interessados pelos temas.

A programação incluiu mesas-redondas com o intuito de promover a troca de experiências entre os participantes do evento: discentes que apresentaram seus trabalhos, docentes mediadores e estudantes presentes como ouvintes.

O Evento contou com a presença de 145 inscritos e as(os) docentes do curso de Psicologia abaixo relacionados:

- Camila Barreto Bonfim
- Clarissa Iris Rocha Leite Medrado
- Claudia Regina Sobral Simões
- Daniela Maria Barreto Martins
- Edleusa Nery Garrido
- José Bonifácio do Amparo Sobrinho
- Kátia Jane Chaves Bernardo
- Paulo Wenderson Teixeira Moraes
- Sueli Barros da Ressurreição
- Vera Dantas de Souza Motta

PROGRAMAÇÃO





PROGRAMAÇÃO VIII CAFÉ CIENTÍFICO – UNEB 2021

DIA 01: 25/11/2021

MESA DE ABERTURA

Prof. Dr. Paulo Wenderson Moraes - Coordenador do Colegiado de Psicologia da UNEB

Profa. Dra. Katia Jane Bernardo - Coordenadora do Serviço de Psicologia da UNEB e organizadora do VIII Café Científico

MESA 01: PERSPECTIVAS DA PSICOLOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Debatedora: Profa. Dra. Edleusa Garrido

Apresentadoras: Bianca Carneiro e Priscila Sena

Burnout Materno no Contexto Pandêmico: a percepção de profissionais de Psicologia na atenção básica sob o viés de Gênero e Interseccionalidades. – **Janaína Veiga**

Saúde materno-infantil, pandemia da covid-19 e construção do cuidado: uma revisão integrativa. – **Clara Oliveira**

Sintomas de estresse em mães durante a pandemia da covid-19: uma proposta de escala psicométrica. – **Raquel Gusmão, Roberto Clovis**

A Atuação da Psicologia na Atenção Básica no Cuidado da População Idosa em Situação de Rua na COVID-19. – **Raquel Rego**

Atuação do Psicólogo na Atenção Básica: processo de Educação em Saúde da População Idosa na pandemia da Covid-19. – **Thaís Nery**

Impactos da Pandemia da COVID-19 na atuação de Psicólogas(os) da Atenção Básica junto a mulheres idosas: um olhar a partir da dimensão de gênero e interseccionalidades. – **Sadi Borges**

Humor Deprimido e Fatores Psicossociais Associados em Idosos na Pandemia de COVID-19. – **Caio Pereira, Luana Coutinho, Thiago Carvalho**



Lidando com o Luto Infantil em Tempos de Pandemia – **Ellen Desidério, Esther Fonseca, Larissa Batista**

Fatores Psicossociais no Uso do Instagram na Pandemia de COVID-19. –**Lara Lopes, Caio Pereira, Luanderson Santos**

Regulação Emocional, Felicidade Subjetiva e Sentido da Vida de Universitários na Pandemia. – **Natália Helem Cunha**

Neurometing: difundindo conhecimentos neurocientíficos na pandemia. – **Laura Sergio, José Victor Fraga, Caio Pereira**

“A máquina perfeita”: um estudo de caso sobre o imperativo do desempenho durante a pandemia de COVID-19 – **João Pedro Novaes**

MESA 02: PSICOLOGIA E VELHICE: PERSPECTIVAS EMERGENTES

Debatedora: Profa. Me.Cláudia Regina Simões

Apresentadora: Elizabeth Santos

Oficina Virtual com Idosas na Pandemia de COVID-19: uma estratégia de cuidado – **Jamile Carvalho, Kelly Santos**

A Relação da Moda com a Velhice Feminina. – **Bruna Bião, Emilie Lago, Luana Neves**

Autoestima e Imagem Corporal na Velhice: influências biopsicossociais. – **Amanda Vilas Boas, Ellen Desidério, Esther Fonseca, Larissa Batista, Letícia Dias, Maria Júlia Britto**

A realização da terceira idade no Brasil: desafios e vulnerabilidade. – **Amanda de Souza, Ana Caroline Fernandes, Crislaine Vieira, Edson Ferreira, Lucas Moura**

Idoso, família e asilo: a dinâmica das relações familiares no contexto de asilamento. – **Ana Carolina Costa, Francilene Santana, Gislaine Nunes, Jessica Alves, Laila Stephanie Bispo, Luiza Guimarães**

O Alcoolismo na Velhice e suas Repercussões Biopsicossociais. – **Ana Clara Lima**

Perspectivas sobre a velhice lésbica. – **Bruna Marinho, Lana Liz Cruz, Sofia Netto**

Assistência à Saúde Integral dos Usuários Idosos: prevenção ao suicídio – **Natália Helem Cunha**



DIA 02: 26/11/2021

MESA 03: PSICOLOGIA INFANTIL: DESAFIOS E AVANÇOS

Debatedora: Profa. Dra. Camila Bonfim

Apresentadora: Jamile Carvalho

Interloquções sobre os Direitos da Criança e a Saúde mental na Infância: relato de experiência de uma liga acadêmica – **Mable Menezes, Abraão Rodrigues**

Histórias contadas por contadores tradicionais e suas contribuições para o desenvolvimento de crianças com dificuldades de socialização. – **Aiane do Rosário**

A psicologia na articulação entre atenção básica e desenvolvimento infantil: revisão integrativa – **Mylena Mascarenhas**

Estágio supervisionado em Psicologia Escolar: relato de experiência em creche/pré-escola privada de Salvador – **Danilo Bonfim, Geisa Andrade, Keren Fonseca**

Estágio supervisionado em Psicologia Escolar: relato de experiência de atuação da psicóloga na função de Acompanhamento terapêutico (AT) – **Gabriela de Sousa**

A Contação de Histórias nos Processos de Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem: uma Leitura Psicanalítica da Musicalidade e Ritmicidade da Voz. – **Abraão Rodrigues**

MESA 04: MARCADORES BIOPSISSOCIAIS E SEUS IMPACTOS

Debatedora: Profa. Me. Clarissa Leite

Apresentador: Abraão Rodrigues

Dança e ancestralidade: (re)descoberta nos percursos identitários de mulheres negras professoras de dança afro-brasileira – **Ayodellê Rodrigues**

O Racismo como mediador de Sofrimento Psíquico: percepções na Clínica Psicológica – **Marcelle Gomes**

Paternidades Negras em Análise: Identidades e Subjetivações – **Danilo Bonfim**



Seriam todas as Masculinidades Tóxicas? Percepções de Masculinidade e Busca por Psicoterapia – **Douglas Mendes**

Intervenções psicossociais com gestantes de alto risco: atuação em maternidade pública, Salvador-Ba – **Clara Oliveira**

Impactos do trabalho informal na vida pessoal e acadêmica dos estudantes da UNEB – **José Victor Fraga**

As ressignificações afetivas e sexuais da população universitária: histórias de vida de estudantes da UNEB – **Thiago Carvalho**

Perspectivas e Desafios na Trajetória do(a) Estudante em sua Segunda Graduação – **Clara Leite**

O Transtorno de Personalidade Antissocial sob a perspectiva da Psicologia Jurídica – **Monalisa Ressurreição**

MESA 05: A PSICOLOGIA NA ATENÇÃO BÁSICA E PSICOSSOCIAL

Debatedor: Profa. Dra. Daniela Martins

Apresentadora: Sadi Borges

Contribuições da Psicologia em Situações Críticas: A Intervenção em Saúde Mental e Atenção Psicossocial – **Larissa Furlan**

Violência Doméstica contra Idosos/as: Práticas e Cuidado da Psicologia na Atenção Básica – **Lucas Magalhães**

Doenças Crônicas Não Transmissíveis e os Determinantes Sociais da Saúde: a psicologia na Atenção Básica e as práticas de cuidado às mulheres idosas – **Ana Carolina Fragassi**

Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação por psicólogos na Atenção Básica – **Raiza Costa**

ENCERRAMENTO

RESUMOS





SUMÁRIO



IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NA ATUAÇÃO DE PSICÓLOGAS (OS) DA ATENÇÃO BÁSICA JUNTO A MULHERES IDOSAS: UM OLHAR A PARTIR DA DIMENSÃO DE GÊNERO E INTERSECCIONALIDADES

Projeto de Pesquisa – Iniciação Científica

Sadi Borges Lopes de Oliveira, sadiborges@gmail.com ;
Daniela Maria Barreto Martins, professoradanielamartins@gmail.com
Orientador(a): Daniela Maria Barreto Martins, professoradanielamartins@gmail.com

RESUMO

Introdução: A pandemia da COVID-19 causou uma crise social e de saúde a nível global. Os números de violência doméstica contra a mulher aumentaram exponencialmente durante esse período, já o número de denúncias caiu. A população idosa, mais vulnerável ao COVID-19, acabou por necessitar, ainda mais que o resto da população, de isolamento, tornando sua vulnerabilidade a violências domésticas ainda maior. Sabe-se que a violência contra a mulher idosa é um fenômeno invisibilizado e que carece de estudos específicos e diferenciados. Dessa forma, esse público demanda muita atenção e cuidado, evidenciando a importância que a psicologia tem na modificação dessa realidade. **Objetivo:** Essa pesquisa, ainda em andamento, tem como objetivo compreender, a partir das dimensões de gênero e interseccionalidades, como as (os) psicólogas (os) estão lidando com as dificuldades e o cuidado às vítimas idosas de violência doméstica, considerando o agravamento do quadro no contexto pandêmico da COVID-19, especialmente dentre as mulheres mais vulnerabilizadas: negras e pobres. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de caráter qualitativo e de natureza exploratória-descritiva, que será realizado nas unidades de saúde voltadas para a atenção básica de Salvador. Serão feitas entrevistas semiestruturadas e aplicados questionários. **Resultados esperados:** Propõe-se, através desta pesquisa, expandir os estudos sobre como as políticas públicas estão sendo manejadas pelos profissionais de psicologia durante a pandemia.

Palavras-chave: Psicologia. Gênero. Idosos. SUS. Coronavírus

INTRODUÇÃO

Conforme o Art. 5º da Lei Maria da Penha, a violência doméstica e familiar contra a mulher é “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (BRASIL, 2006). Apesar de ser uma pauta bastante levantada e debatida em diversos setores como nas mídias sociais, na academia e pelo governo, a violência doméstica contra a mulher ainda é um fenômeno extremamente comum mundialmente, atravessando diversas culturas e regimes político-sociais (PIMENTA, 2011).



A Organização Das Nações Unidas (ONU) Mulheres vem alertando que, em tempos de pandemia, como a da COVID-19, os números de ocorrência da violência de gênero tendem a aumentar. Por conta do isolamento e do estresse causado pelo mesmo, que pode gerar mais atritos no ambiente doméstico, o risco de ser vítima de violência doméstica vem crescendo para as mulheres (NUPEGRE et al., 2020).

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública informou sobre a diminuição dos registros de boletins de ocorrência de violência doméstica durante os primeiros dias de isolamento por causa da COVID-19. Entretanto, os casos de feminicídio apresentaram crescimento, forte indicador do aumento da violência doméstica (FIOCRUZ, 2020). De acordo com o Atlas da violência (2019), a cada 13 mulheres assassinadas por dia no Brasil, oito são mulheres negras. Entende-se com esses dados, que as mulheres negras e pobres são os alvos principais deste tipo de violência e encontram-se, hoje, durante a pandemia da COVID-19, ainda mais vulneráveis.

Diante dos fatos, quando pensamos então na condição da mulher idosa, o que podemos constatar é uma dupla vulnerabilidade: ser mulher e pertencer a um grupo de risco durante a pandemia. O isolamento social é fator determinante para o controle da saúde desse grupo em específico. Porém, para mulheres e idosas, o ambiente doméstico é o local de maior perigo para sua integridade. Segundo Lídice (2019, p.1) “A mulher idosa que necessita de cuidados prestados por alguém da família ou por profissional contratado, fica vulnerável em seu próprio lar ou nos centros de convivência e, em inúmeros casos, permanece em silêncio diante dos maus-tratos.” Por isso, ao mesmo tempo em que o isolamento social foi e é importante para o controle do Coronavírus, também apresenta-se como fator de risco para violências no ambiente doméstico.

A geração, a etnia e a classe social, marcam os lugares sociais em que mulheres devem se posicionar na velhice. Culturalmente, o corpo velho é alocado na posição de descarte devido a sua não-produtividade. Então, tratando-se das mulheres, enxerga-se esses corpos não somente enquanto improdutivos a partir de uma lógica trabalhista, mas também não-reprodutivos, alocando essas mulheres em um não-lugar, tornando-as passíveis de descarte (BRITO DA MOTTA, 1999). Dessa forma, percebe-se que o olhar para o fenômeno supracitado a partir do viés de gênero e interseccionalidade é de extrema importância para compreender melhor processos de tamanha complexidade.



Compreende-se, então, que a atuação dos profissionais da psicologia na atenção básica possui papel fundamental no auxílio ao controle do fenômeno que se mostra tão alarmante. Através das estratégias de cuidado e suporte, as (os) psicólogas (os) que trabalham na atenção primária buscam promover saúde, localizando-se enquanto um dispositivo importantíssimo para acessar, quando necessário, os lares dos usuários da atenção primária, sendo uma possível rede de apoio às mulheres idosas diante de tantas faces da violência (FIOCRUZ, 2020).

MÉTODO

Trata-se de um estudo de caráter qualitativo e de natureza exploratória-descritiva que será respaldada por uma revisão de literatura visando ampliar os conhecimentos acerca da temática e conhecer o fazer científico diante do fenômeno. O estudo de campo será realizado através de entrevistas semi-estruturadas e aplicação de questionários com psicólogas (os) da rede de atenção básica da cidade de Salvador (BA). Para a análise dos resultados, será adotada uma abordagem interpretativo-compreensiva, cuja centralidade está na ênfase do significado da ação e na função dos atores sociais envolvidos na elaboração do cenário em que estão inseridos. A pesquisa irá atender os princípios de bioética determinados pelas Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se com esta pesquisa, contribuir para a ampliação da compreensão do fenômeno da violência doméstica, a partir de indicadores sociais de saúde; fomentar a discussão acerca da violência doméstica, pelo viés de gênero e interseccionalidades; contribuir para ampliar a compreensão acerca da atuação de psicólogas (os) no contexto da atenção básica; possibilitar a interlocução e troca de conhecimentos entre estudantes, pesquisadores e profissionais da saúde e incentivar debates das temáticas envolvendo gênero, como também outros marcadores sociais entre os profissionais de saúde, e também entre discentes docentes e pesquisadores, corroborando para o compromisso social da Psicologia.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 09 jan. 2022.

BRITTO DA MOTTA, Alda. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. Cadernos Pagu, Campinas, n. 13, p. 191-221, 1999.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) na atenção básica à saúde. Brasília, n. 1º, p. 33-63, 1 jan. 2019. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/11/CFP_atencaoBasica-2.pdf. Acesso em: 17 nov. 2021.

FIOCRUZ. Violência doméstica e familiar na covid-19. Saúde Mental e atenção psicossocial na pandemia covid-19, [s. l.], ed. 1º, p. 1-22, 1 out. 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/saude-mental-e-atencao-psicossocial-violencia-domestica-e-familiar-na-pandemia-de-covid-19>. Acesso em: 17 nov. 2021.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LÍDICE, Roberta. “Do Combate à Violência Contra Mulher Idosa”. Revista Síntese: Direito Penal e Processual Penal. Porto Alegre, v.19. n. 115, p. 204-207, abril/maio 2019.

NUPEGRE. et al. (Rio de Janeiro). Covid-19 Confinamento sem violência, Rio de Janeiro, 27 abr. 2020. PIMENTA, J. C. Violência Contra Mulher: Um desafio para a atenção básica à saúde. Universidade Federal de Minas Gerais. Governador Valadares, 2011. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/3829.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2021.

SIGNORELLI, Marcos et al. Violência doméstica contra mulheres e a atuação profissional na atenção primária à saúde: um estudo etnográfico em Matinhos, Paraná, Brasil. Cad. Saúde Pública, [s. l.], 1 jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v29n6/a19v29n6.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2021.

SILVA, Ariane et al. Entre machismo e racismo, mulheres negras são as maiores vítimas de violência. Instituto Az Mina, p. 1-1, 29 set. 2020. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/entre-machismo-e-racismo-mulheres-negras-sao-as-maiores-vitimas-de-violencia/>. Acesso em: 17 nov. 2021.



A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA ATENÇÃO BÁSICA, NO CUIDADO DA POPULAÇÃO IDOSA EM SITUAÇÃO DE RUA, NA COVID-19.

Projeto de Iniciação científica

Raquel Ferreira da Silva Rego, raquel.ferreira963172@gmail.com;
Kátia Jane Chaves Bernardo, kchaves@uneb.br.

RESUMO

Introdução: No âmbito da Reforma Sanitária e com o conseqüente nascimento do Sistema Único de Saúde (SUS), a atenção básica tem como intuito a geração de bem-estar à comunidade e é imprescindível que esse direito seja alicerçado na transmutação ativa de sua realidade social. Isso se aplica à população idosa em situação de rua, que demanda um olhar apurado e atento as suas especificidades, com adaptações referentes à COVID-19. **Objetivo:** O objetivo da pesquisa é identificar as práticas de cuidado integral prestados, na atenção básica da cidade de Salvador, aos usuários idosos em situação de rua no período da pandemia da COVID-19. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de caráter qualitativo, de natureza exploratória-descritiva, que se preocupará com a compreensão da abordagem contextual desse grupo social. Serão utilizados como instrumentos de coleta de dados, questionários e entrevistas semiestruturadas, com os profissionais da área da psicologia que atuam na atenção básica, nas Unidades Básicas de Saúde e atenderá aos princípios da bioética em pesquisa, de acordo com as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. A análise dos dados será feita através da análise temática de conteúdo. **Resultados Esperados:** Espera-se, com esta pesquisa contribuir teórico-metodologicamente com o trabalho do psicólogo para gerir o cuidado integral em saúde para essa população, bem como, o fortalecimento da aproximação da universidade com esses contextos de prática.

Palavras-chave: Atenção-primária. Idoso. Situação de rua. Covid-19.

INTRODUÇÃO

A atenção básica perpassa pela visão de aprimoramento integral da saúde, com o intuito da prevenção, do acompanhamento e perpetuação do cuidado integral, que gere bem-estar no âmbito de toda comunidade. Para isso, conta com a integração de serviços com caráter emancipatório para o sujeito/ usuário (BRASIL, 2012).

O Decreto Presidencial nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009 caracteriza a população de rua como grupo um grupo heterogêneo, atravessado por demarcadores de classe, gênero e geração e com pontos em comum, a exemplo da:



[...] pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados, a inexistência de moradia convencional regular e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (BRASIL, 2009a apud TIENGO, 2021, p. 48).

Estar no contexto de rua envolve uma gama de dificuldades e, por isso, as pessoas que compõem esse grupo se encontram em situação de extrema vulnerabilidade, que se torna mais grave quando atrelado à categoria idosa. Envelhecer é um processo que requer uma atenção maior, principalmente por se tratar de um grupo com muitas especificidades; por estar atrelado a um desgaste biológico maior. (MATOS, 2019).

Nesse contexto, a atenção básica tem relevância primordial na medida em que, além de promover saúde, permite, ao indivíduo, um caráter emancipatório, por meio da mudança de sua realidade social. Nessa perspectiva, a saúde deixa de ser entendida como algo compartimentado, e passa a ser considerada integral (integralidade), devendo atingir todas as instâncias e segmentos sociais em suas especificidades (universalidade) e sendo gratuita (equidade). (BRASIL, 2020).

Em conformidade com os fatores supracitados, faz-se necessário nas equipes de saúde da atenção básica, a ocorrência de equipes multiprofissionais, nas quais se inserem o(a) psicólogo(a). O (a) profissional psicólogo (a) atuante na atenção básica deve levar em conta os aspectos sócio-contextuais dos usuários, considerando a trajetória do indivíduo e não só a ação isolada dos serviços prestados. É necessário o acompanhamento do histórico do usuário, e dar enfoque às especificidades da população idosa em situação de rua, tratando-o como indivíduo único e, assim, possibilitando a integração da equipe de saúde junto à comunidade e na identificação de sujeitos importantes na multiplicação de conhecimento (ANDRADE; ARAÚJO, 2003; CALATAYUD, 1999; SAFORCADA, 2002, apud RONZANI; RODRIGUES, 2006).

Somado a isso, o avanço da pandemia apresenta um enorme desafio adicional para as políticas de atenção à população idosa em situação de rua. Não só os riscos da própria exposição à doença, mas também, as medidas médico-sanitárias impostas pelo isolamento social. Esse contexto é incompatível para esse grupo populacional, trazendo inúmeras barreiras, como a não circulação de pessoas, que propiciou a dificuldade de sua



subsistência diária. Além disso, os recursos inerentes à própria iniciativa do governo, como programas socioassistenciais voltados para esse público em específico, contaram com algumas barreiras físicas: se o idoso não tem dinheiro nem para comer terá recursos suficientes para ter acesso remoto ao auxílio emergencial, por exemplo? (SILVA; NATALINO; PINHEIRO, 2020).

A importância de implementação de políticas públicas de inclusão social em tempos de isolamento social é pauta de alta precisão, tendo em vista a grave situação que estamos vivenciando na atual conjuntura, a qual requer higienização constante e isolamento social total para todos os indivíduos componentes do Estado Democrático de Direito (INACIO et al., 2021, p.16).

Com o intuito de tentar driblar e sanar os entraves e embates vivenciados por essa população, intensificados principalmente com a COVID-19, a atenção primária conta com um serviço específico para esse grupo conhecido como, Consultórios de Rua. Trata-se de um recurso móvel ou fixo que atende os usuários, promovendo atenção integral à saúde (atendimentos, passeios, encaminhamentos entre outros) e que, com a pandemia, precisou sofrer adaptações para atender as especificidades dessa população, em um contexto inédito. (TRINO et al., 2020).

O objetivo geral da pesquisa é identificar como se dá a prática e o cuidado no trabalho do/a psicólogo/a junto a idosos/as em situação de rua em unidades da Atenção Básica na cidade de Salvador (BA) no período da pandemia da COVID-19. Para alcançar esse objetivo definiu-se como objetivos: definir o conceito de cuidado integral à saúde; identificar as práticas de assistência e cuidado integral da população idosa em situação de rua, nas UBS, desenvolvidas pelos psicólogos/as que atuam em Unidades Básicas de Saúde- UBSs; investigar e compreender possíveis desafios na prestação do cuidado integral a esse segmento populacional; identificar as estratégias de enfrentamento utilizadas por psicólogos/as que trabalham na atenção básica, para gerir o cuidado integral em saúde junto à população idosa em situação de rua no período da pandemia da COVID-19 e identificar os possíveis resultados das estratégias adotadas por esses profissionais junto aos usuários idosos que se encontram em situação de rua e que buscam as UBS.



MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa derivada do projeto guarda-chuva do Grupo de Estudos Multirreferenciais do Cuidado (GECUID-UNEB). É um estudo de caráter descritivo e exploratório, de abordagem qualitativa, na cidade de Salvador (BA), realizada junto aos psicólogos que trabalham nas Unidades de Saúde da Família (USF) e nas Unidades Básicas de Saúde (UBS).

Serão utilizados como instrumentos de coleta de dados questionários e entrevistas semiestruturadas. A análise dos dados se dará por análise temática de conteúdo que permite, além de codificar; agrupar em categorias, unidades de sentido, elementos e núcleos de sentido com os quais se pode fazer inferências e comparações com a literatura existente sobre a temática estudada (BARDIN, 2016 apud MORAES, 1999).

Esta pesquisa atenderá aos princípios da bioética em pesquisa conforme as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade do Estado da Bahia, sendo aprovado com o número de parecer 4.337.113.

Os participantes preencherão um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no qual serão garantidos o sigilo dos dados, benefícios, riscos e demais informações sobre a pesquisa. Os pesquisadores também se comprometem em garantir as condições para o sigilo nas plataformas digitais em que a pesquisa for conduzida.

RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que essa pesquisa possa apoiar teórico-metodologicamente o trabalho dos psicólogos no contexto de prática da atenção primária, para gerir o cuidado integral em saúde para a população idosa em situação de rua, bem como, o fortalecimento da colaboração da tríade: universidade e sociedade.

Além disso, espera-se contribuir e favorecer o fortalecimento da psicologia no espaço de integralidade do cuidado em saúde, tal como, na colaboração desses profissionais juntamente a esse público específico.



REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Governo Federal**. Sistema Único de Saúde (SUS): Estrutura, princípios e como funciona. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sistema-unico-de-saude-sus-estrutura-principios-e-como-funciona>>. Acesso em: 8 jan. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2012. 110 p. : il. – (Série E. Legislação em Saúde). ISBN 978-85-334-1939-1.
- INÁCIO, Y. Y. B.; CURSIO, M. V. C. S.; DA SILVA, J. A. C. A necessidade de políticas públicas sobre a população de rua frente ao cenário pandêmico brasileiro. **Cadernos de Graduação: Ciências Humanas e Sociais** [s. l.], v. 6,n.3, p. 13-21, 2021.
- MATOS, V. L. R. O processo de Envelhecimento: O lugar do Idoso na Sociedade Brasileira. **Rev. Longeviver**, Ano I, n. 4, Out/Nov/Dez, 2019. ISSN 2596-027X. Disponível em:<<https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/801/870>>. Acesso em: 8 de jan. 2022
- MORAES, R. Análise de Conteúdo. **Revista de Educação**, ed. 37, ano 1999, p. 7-32.
- TRINO et al. Recomendações para os consultórios na rua e a rede de serviços que atuam junto com a população em situação de rua. In: NOAL, Débora da Silva; PASSOS, Maria Fabiana Damasio; FREITAS, Carlos Machado de (org.). *Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19*. Brasília: Fundação Oswaldo Cruz, 2020. p. 204-223.
- RONZANI, T. M.; RODRIGUES, M. C. Scielo. [S.l.]. *O Psicólogo na Atenção Primária à Saúde: Contribuições, desafios e direcionamentos*. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.26, n.1, p.132-143, 2006. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/pcp/a/KCnZhJ6DdDwJjqqYZnDr7mp/>> . Acesso em: 8 jan. 2022.
- SILVA, T. D.; NATALINO, M.; PINHEIRO, M.B. População em situação de rua. *Brasília; IPEA; 20200600. 18 p. ilus. (Nota Técnica / IPEA. Disoc, 74)*. Monografia em Português | LILACS, ECOS | ID: biblio-1100680 Biblioteca responsável: [BR1541.1](https://br1541.1.lilacs.org/). Localização: BR1541 1. Disponível em:< <https://pesquisa.bvsalud.org/gim/resource/pt/biblio-1100680>>. Acesso em: 8 jan.2022.
- TRINO et al. Recomendações para os consultórios na rua e a rede de serviços que atuam junto com a população em situação de rua. In: NOAL, Débora da Silva; PASSOS, Maria Fabiana Damasio; FREITAS, Carlos Machado de (org.). *Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19*. Brasília: Fundação Oswaldo Cruz, 2020. p. 204-223.
- TIENGO, V. M. A pandemia e seus impactos para a população de rua. **Revista de Políticas Públicas**, v.25, n.1, p.46-62,2021. Disponível em: < <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/17332/0>> Acesso em: 8 jan. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2865.v25n1p46-62> .



A PSICOLOGIA NA ARTICULAÇÃO ENTRE ATENÇÃO BÁSICA E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: REVISÃO INTEGRATIVA

Trabalho de iniciação científica

Autor: Mylena Matos da Cunha Mascarenhas (mymascarenhas@outlook.com)

Orientadora: Profa. Dra. Camila Bonfim (cbbonfim@uneb.br)

RESUMO

INTRODUÇÃO: A atenção básica se coloca enquanto nível de atenção capaz de oferecer suporte para o acompanhamento do desenvolvimento infantil e dessa forma o psicólogo também contribui nessa atuação do cuidado integral da criança. Assim, amplia a sua atuação e torna a atenção básica um espaço de cuidado para além do conhecimento biomédico. Este trabalho apresenta o andamento da pesquisa do subprojeto vinculado ao Programa de Iniciação Científica. **OBJETIVO:** O objetivo desta pesquisa foi investigar estudos sobre a atuação da Psicologia no que tange o acompanhamento do desenvolvimento infantil realizado na atenção básica. **METODOLOGIA:** Nesse sentido, realizou-se uma revisão integrativa de literatura. Para a seleção dos artigos utilizou-se as bases de dados da SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) com os descritores: atenção básica, Psicologia, criança. Além disso, também buscou-se produções acadêmicas na literatura cinzenta que, por fim, resultaram em 3 artigos publicados entre 2013 a 2020. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A análise das publicações acadêmicas selecionadas evidenciou a necessidade da ampliação sobre a integralidade do cuidado à primeira infância e a importância da contribuição da Psicologia no Sistema Único de Saúde. **CONCLUSÃO:** Dessa forma, este estudo reforça a necessidade da realização de novas pesquisas com psicólogos, especificamente no recorte geracional: infância, para potencializar uma visão mais ampliada dessa categoria.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil. Atenção básica. Psicologia da criança.

INTRODUÇÃO

O acompanhamento do desenvolvimento da criança na atenção básica objetiva sua promoção, proteção e a verificação precoce de alterações passíveis de modificação que possam repercutir em sua vida futura. Isso ocorre principalmente por meio de ações educativas e de acompanhamento integral da saúde da criança (BRASIL, 2012).

Esse acompanhamento é desenvolvido pelos profissionais que atuam nas Unidades Básicas de Saúde (UBS). Assim, o psicólogo também contribui nessa atuação



fornecendo um cuidado integral, e consequentemente ampliando a sua atuação e tornando a atenção básica um espaço de cuidado para além dos aspectos biomédicos.

O Ministério da Saúde (2017, p.4) propõe em uma nota técnica de uma reunião com a sociedade acadêmica, cujo objetivo era fortalecer a vigilância do desenvolvimento que os “[...] profissionais especializados que farão o diagnóstico e o tratamento podem ser pediatras, outros médicos especialistas e demais profissões da saúde que atendem aos problemas de desenvolvimento infantil como psicólogos e terapeutas ocupacionais”.

Nesta nota técnica também aborda a importância de utilizar a Caderneta da Criança, como um instrumento de vigilância do desenvolvimento integral na atenção básica. Esse instrumento foi implementado em 2002 com o objetivo de acompanhar a saúde, o crescimento e o desenvolvimento da criança desde o nascimento até os nove anos. Dessa forma, possibilita aos profissionais uma atenção integral e aos pais, orientação para o crescimento e desenvolvimento, bem como sinais de alerta e de cuidados (BRASIL, 2017).

O desenvolvimento infantil engloba os aspectos físico, cognitivo e psicossocial que dependem da influência de fatores e interações com o seu meio. Para entender semelhanças e diferenças no desenvolvimento, precisamos compreender que o mesmo é influenciado pelo contexto histórico-cultural. (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Estima-se que uma em cada oito crianças apresenta alterações do desenvolvimento que interferem, de forma significativa, em sua qualidade de vida e inclusão na sociedade. Portanto, o diagnóstico e a intervenção precoce nos primeiros anos de vida são decisivos para o prognóstico de desenvolvimento dessas crianças (PIZOLATO et al., 2016). Em vista disso, é importante que o acompanhamento seja realizado por psicólogos que possuem conhecimentos sobre os principais marcos do desenvolvimento infantil desde a sua formação.

Sendo assim, este estudo possui como objetivo investigar estudos sobre a atuação de Psicólogos (as) no que tange ao acompanhamento do desenvolvimento infantil realizado na atenção básica.



MÉTODO

A presente pesquisa, consistiu em uma revisão integrativa que de acordo com Souza, Silva e Carvalho (2010, p. 102) “é um método que proporciona a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática”

E as seguintes etapas foram percorridas: 1ª fase: elaboração da pergunta norteadora; 2ª fase: busca ou amostragem na literatura; 3ª fase: coleta de dados; 4ª fase: análise crítica dos estudos incluídos; 5ª fase: discussão dos resultados e 6ª fase: apresentação da revisão integrativa (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Para a seleção dos artigos utilizou-se as bases de dados da SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) com os descritores: atenção básica, Psicologia, criança, fazendo-se da combinação dos descritores com o operador booleano “AND”. Além disso, considerando a escassez de estudos, também buscou-se produções acadêmicas na literatura cinzenta que, por fim, resultaram em 3 artigos publicados entre 2013 a 2020.

A busca nas bases de dados citadas resultou em 53 artigos. Uma primeira triagem foi feita a partir da leitura dos títulos e as publicações com baixa aderência ao objetivo proposto foram excluídos chegando a um total de 8 artigos. Na sequência, foram realizadas leituras minuciosas e aplicados os seguintes critérios de exclusão: publicações duplicadas e/ou com baixa aderência ao objetivo desta revisão. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, resultaram-se as fontes de informação utilizadas nesta revisão.

Estes artigos foram lidos na íntegra de forma detalhada e aprofundada, extraindo-se deles as informações que compõem uma matriz analítica composta pelos seguintes itens: base de dados, título, autor e ano de publicação, descritor, método, área de formação dos autores e principais resultados. O objetivo dessa matriz é organizar e sumarizar as informações de maneira sucinta, formando uma síntese do conhecimento sobre o tema proposto (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as publicações acadêmicas selecionadas, dois artigos possuíam abordagem qualitativa e foram escritas em 2013 e 2018, e por último, um era livro eletrônico referente ao ano de 2020. Em relação à área de formação dos autores, apenas uma produção foi da Psicologia e as outras duas eram a Psicologia associada à Medicina e Enfermagem.

Este livro aborda a integração de interconsultas entre Enfermagem e Psicologia na Unidade de Saúde da Família na cidade de Salvador, que relataram observações ocorridas nesse espaço com o objetivo de entender a forma que a profissional da enfermagem realizava seu trabalho e quais seriam as estratégias para uma atuação pautada na Psicologia. Estas interconsultas consistiam em um atendimento no qual atuam de forma conjunta duas ou mais áreas do saber, visando uma assistência integral do paciente.

E durante essa intervenção foi utilizado o Instrumento de Vigilância do Desenvolvimento de Crianças de 0 a 3 anos, presente na Caderneta de Saúde da Criança, que não era empregado anteriormente nesse atendimento. Os resultados da revisão verificaram que apenas Oliveira *et al.* (2020) abordam a utilização do instrumento da caderneta na atuação de psicólogos.

É importante enfatizar que a caderneta possibilita ao profissional acompanhar mês a mês o desenvolvimento afetivo, psicomotor e emocional da criança, pois, este instrumento possui um monitoramento sistemático e de uma metodologia simples que pode constituir um meio importante de detecção precoce de desvios e sua consequente prevenção e intervenção.

Oliveira *et al.* (2020) abordam que utilizaram materiais lúdicos, como brinquedos, livros, papel ofício e lápis de cor para viabilizar os procedimentos de avaliação. Enfatiza a importância do brincar para observar o desenvolvimento da criança.

Em contraponto, Alves e Serralha (2018) relataram a realidade do acompanhamento psicológico a crianças em UBS do município de Uberaba-MG e participaram do estudo 15 psicólogos. Esses profissionais trazem a falta de materiais para o atendimento de crianças, uma vez que, independentemente da abordagem, a utilização de recursos lúdicos facilita muito o contato e a expressão da criança. A atividade lúdica é



importante para o desenvolvimento emocional e a possibilidade de brincar constitui uma forma de cuidado em saúde mental infantil.

Os autores citados anteriormente propõem que todos os psicólogos entrevistados reconheceram a existência de uma grande demanda para o acompanhamento psicológico do público infantil. Mas, nem todos realizavam trabalho com esse público, justificando que existiria a presença de outro psicólogo na UBS que já o realizava ou a não identificação pessoal com esse público. Abordam também as limitações da estrutura do local; falta de envolvimento dos pais e de apoio da gestão.

Neste estudo, pôde ser percebido que o trabalho em equipe multiprofissional é um modelo ainda incipiente. Diferente de outras realidades, como nas pesquisas de Oliveira *et al.* e Lerner *et al.* (2013) que propõem a ocorrência de um trabalho multidisciplinar.

A produção de Lerner *et al.* (2013) propõem outro instrumento designado por: Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) que é um instrumento para detectar riscos para transtornos psíquicos de desenvolvimento em bebês de 0 a 18 meses. E a ausência de alguns dos itens pode representar risco para o desenvolvimento da criança.

Os autores apontam esses indicadores como uma contribuição da Psicologia para as políticas públicas em saúde. E alguns indicadores serviram de inspiração para a construção da Caderneta da criança nos anos de 2007 e 2017 (KUPFER; BERNARDINO, 2018).

Lerner *et al.* (2013) descrevem ainda a utilização desse instrumento em Unidades Básicas de Saúde por auxiliares de enfermagem e agentes comunitários através do monitoramento de psicólogos com experiência no uso do instrumento.

Os autores abordam que a utilização do IRDI pode levar o conhecimento psicológico a ter esse efeito transdisciplinar no campo da saúde, pois, o profissional é convocado a observar a dupla mãe/bebê e a conversar com a mãe para, então, poder proceder a uma leitura do que percebeu e, depois da consulta, preencher se o indicador está presente, ausente ou se não foi possível verificá-lo (LERNER *et al.*, 2013)



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa revisão percebe-se que a Psicologia vem se aproximando do Sistema Único de Saúde (SUS) de perspectivas e lugares de atuação diferentes. Ocorre uma mudança na atuação individual como a psicoterapia, para um prática multidisciplinar e integral no contexto da saúde. Ao analisar os trabalhos selecionados, observa-se uma escassez de pesquisas produzidas pelo campo da Psicologia sobre a atuação na Atenção Básica no que tange o desenvolvimento infantil. Foi necessário reunir resultados de estudos de demais áreas da saúde, como enfermagem e medicina, para que houvesse conhecimento acerca de elementos em que a psicologia foi incluída no estabelecimento de práticas de cuidado. Nesse sentido, o número ainda incipiente de pesquisas publicadas revela que essa temática possui lacunas a serem preenchidas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Carolina Martins Pereira; SERRALHA, Conceição Aparecida. A Assistência Psicológica a Crianças em Unidades Básicas de Saúde. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 18, n. 3, p. 912-931, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/4518/451859374011/451859374011.pdf>. Acesso em: 19 de novembro de 2021.

KUPFER, Maria Cristina Machado; BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. IRDI: UM INSTRUMENTO QUE LEVA A PSICANÁLISE À POLIS. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 62-82, abr. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282018000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 nov. 2021. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v23i1p62-82>

LERNER, R. *et al.* A Psicologia na articulação entre os âmbitos coletivo e psíquico: construção de uma política pública em saúde de cuidado com o desenvolvimento. *Psicologia: ciência e profissão*, v 33. Brasília, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000500011&lang=pt. Acesso em: 31 de março de 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. ORIENTAÇÃO ACERCA DA LEI Nº 13.438/2017, COORDENAÇÃO GERAL DE SAÚDE DA CRIANÇA E ALEITAMENTO MATERNO. Disponível em: https://www.conasems.org.br/wp-content/uploads/2017/11/NT_-Lei13438-3-2.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2021



MINISTÉRIO DA SAÚDE. CADERNOS DE ATENÇÃO BÁSICA. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

OLIVEIRA, Clara de *et al.* Protocolo de interconsultas na puericultura: interlocução entre enfermagem e psicologia.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento humano**. Artmed editora, 2013.

PIZOLATO, Raquel Aparecida *et al.* Vigilância do desenvolvimento da linguagem da criança: conhecimentos e práticas de profissionais da atenção básica à saúde. Revista CEFAC, v. 18, n. 5, p. 1109-1120, 2016. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462016000501109&lang=pt#B5. Acesso em: 31 de Março de 2021.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. Einstein (São Paulo) , v. 8, p. 102-106, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 19 de novembro de 2021.



O RACISMO COMO MEDIADOR DE SOFRIMENTO PSÍQUICO: PERCEPÇÕES NA CLÍNICA PSICOLÓGICA

Trabalho de Conclusão de Curso

Marcelle Gomes de Jesus, marcellegomes.contato@gmail.com

Orientadora: Prof.^a Me Josiane Mota Lopes, jmlopes@uneb.br

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Jeane Saskya Campos Tavares, jeanestavares@gmail.com

RESUMO

Introdução: A experiência de sofrer racismo de forma contínua e diária, junto ao silenciamento social sobre o tema, tem efeitos psicossociais para a população negra, o que resulta em sofrimentos psíquicos. **Objetivo:** A partir disso, a presente pesquisa tem por objetivo descrever como profissionais da psicologia que atendem na clínica psicológica na cidade de Salvador atuam frente ao sofrimento psíquico da população negra. **Metodologia:** Caracterizando-se como pesquisa qualitativa, foram feitas entrevistas narrativas a partir da técnica de análise temática, chegando-se a cinco temas: Atravessamento do racismo na subjetividade; Interseccionalidade e racismo; Problemas estruturais nos cursos de Psicologia; Letramento racial; e Estabelecimento de vínculo terapêutico e racialidade. **Resultados e Discussão:** Identificou-se que as/os psicólogas/os associaram os sofrimentos psíquicos das/os pacientes negras/os a situações de humilhação social relacionadas ao racismo. Tais sofrimentos se manifestavam em consonância à identidade de gênero, orientação sexual e classe. A pesquisa também demonstrou como as/os psicólogas/os percebem que o fenômeno do racismo as/os afeta pessoalmente e/ou profissionalmente. **Conclusão:** Tendo isso em vista, foi revelada a formação de redes negras como estratégia de enfrentamento a uma Academia que ainda tem como centralidade conceituações de mundo brancas e europeias.

Palavras-chave: Sofrimento psíquico. Manejo clínico. Saúde mental da população negra. Psicologia.

INTRODUÇÃO

A experiência de sofrer racismo junto ao seu silenciamento tem efeitos psicossociais, o que resulta em sofrimentos psíquicos. Estudos demonstram que há uma associação positiva entre a percepção de racismo/discriminação com transtornos psicológicos; ainda, a população negra apresenta maiores níveis de estresse e com os



maiores índices de suicídios de jovens no Brasil, quando em comparação com a população branca (TAVARES, 2018; BRASIL, 2018).

Apesar de existir um avanço nos estudos da psicologia no Brasil sobre a questão racial, a produção acadêmica no Brasil e a contribuição da psicologia frente à intersecção sobre saúde mental e racismo contra a população negra ainda é baixa. Assim, é fundamental que a Psicologia se debruce sobre questões sócio-históricas a fim de entender a amplitude do racismo e compreender sua estruturação simbólica no Brasil (CRP-PR, 2016).

Diante disso, o estudo traçou como principal objetivo descrever como psicólogas/os que atendem na clínica psicológica atuam frente ao sofrimento psíquico da população negra. Para isso, buscou-se descrever as principais demandas trazidas pela população negra na clínica psicológica e identificar se psicólogas/os que atendem pacientes negras/os na clínica associam os sofrimentos psíquicos desses pacientes a situações de humilhação social relacionadas ao racismo.

MÉTODO

O presente estudo aplicou o método de pesquisa qualitativo por se preocupar com relações não reduzíveis à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994). Participaram da pesquisa psicólogas/os, com registro no CRP-03, que atendem pacientes negras/os na clínica psicológica na cidade de Salvador, sendo esse o lócus da pesquisa. Não houve restrição quanto ao critério “gênero” e “raça” dos colaboradores da pesquisa, e buscou-se sujeitos com a faixa etária acima dos 18 anos.

Efetivamente, 12 profissionais foram contatados, sendo concedidas, ao final, 11 entrevistas, realizadas no período de abril e maio de 2021, com média de duração total de 4 h. Foram utilizadas as entrevistas narrativas para buscar reconstruir acontecimentos sociais por meio do ponto de vista dos colaboradores (MUYLAERT et al., 2014). A técnica e obtenção de dados ocorreu por entrevista aberta, tendo como pergunta disparadora: “Conte-me sobre sua experiência na clínica psicológica com a população negra?”. A partir disso, os colaboradores puderam narrar os fatos acontecidos.

Por ser realizada durante o período pandêmico por SARS-COV-19, as entrevistas foram realizadas remotamente através da plataforma virtual de videoconferência



Microsoft Teams. O formulário de preenchimento de identificação pessoal, divulgado através do Google Forms, também disponibilizava o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para a análise das entrevistas, o presente estudo se utilizou da análise temática proposta por Braun e Clarke (2006), por buscar identificar e interpretar temas a partir de dados qualitativos. Os temas encontrados foram: Problemas estruturais nos cursos de Psicologia; Letramento racial; Estabelecimento de vínculo terapêutico; Atravessamento do racismo na subjetividade; Interseccionalidade e racismo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A fim de melhor visualizar a caracterização dos colaboradores, foi produzida a figura abaixo; foram utilizados nomes fictícios para preservar a identidade dos colaboradores, e as respostas foram escritas conforme as falas dos participantes:

Figura 1: Caracterização dos colaboradores

Nome Fictício	Identidade de gênero	Identidade Racial
Flor	Mulher Cis	Negra
Sírius	Homem Cisgênero	Pardo
Estrela	Mulher Cisgênera	Preta
Azul	Mulher Cis	Preta
Céu	Cis Hétero	Negra
Luar	Mulher Cis	Negra
Sol	Mulher	Preta
Violeta	Mulher Cis	Branca
Marte	Bixa Preta	Negro
Lírio	Hétero Cis	Preta
Vênus	Mulher Cis	Negra

Fonte 1: Construído pela autora

Os onze colaboradores da pesquisa têm a média de idade de aproximadamente 30 anos. Todos atendiam no âmbito particular da clínica, e se alinhavam a diferentes abordagens.



O racismo se mostrou como um mediador na composição de sofrimento psíquico através da formação identitária e subjetiva da população negra no Brasil; padrões comportamentais que demonstram adoecimento psíquico dessa população se constituíram como estratégia de existir no mundo ocidental, um enfrentamento silencioso e doloroso (ROCHA; TORRENTÉ; COELHO, 2021).

Uma dessas estratégias se apresenta na dificuldade de vinculação como um mecanismo de defesa (hooks, 2010); tal dificuldade aparece no espaço terapêutico na forma de um desejo e/ou abandono do processo terapêutico. Também foram relatados o cansaço e o desgaste psíquico devido às inúmeras barreiras do sistema social a espaços de ascensão social (GONÇALVES FILHO, 2017), trazendo uma tendência a uma autocobrança.

A partir disso, há personalização de insucessos, ou seja, culpar a si por um problema que é da estrutura social, o que envolve um processo de auto-ódio (TAVARES; KURATANI, 2019). Quando conseguem acessar tais espaços de ascensão, tende-se a naturalizar sacrifícios, além de uma desautorização das próprias conquistas (NOGUEIRA, 2017).

Por meio das entrevistas, os colaboradores relataram que os sofrimentos mostrados na clínica provêm da intersecção de opressões do racismo com o sexismo, classismo e LGBTfobia. Tendo isso em vista, as pessoas negras que acessam o espaço da clínica particular possuem algum tipo de renda que as permite estar nesse ambiente, sendo essa uma questão de classe social.

Os profissionais expressaram a importância do letramento racial das/os suas/seus pacientes negras/os, o que facilitava o reconhecimento de violências raciais e de como se defender frente a elas. A pesquisa também demonstrou como as/os psicólogas/os percebem que o fenômeno do racismo as/os afeta pessoalmente e/ou profissionalmente.

Foi identificado que a ressonância se dá no ambiente terapêutico quando psicólogas/os brancas/os necessitam se deparar com a própria branquitude e o impacto da sua figura frente a um/a paciente negro/a, assim como profissionais negros precisam encarar as próprias questões enquanto pessoa negra para que não projete suas vivências nesse/a paciente (MAESIMA; BARRETO; BEIRAS, 2019).



A dita Psicologia branca e elitista foi contestada pelas/os psicólogas/os, pois há negligência das temáticas raciais nos cursos de psicologia ofertados nas instituições do Brasil. Isso se reflete em profissionais despreparados para lidar com minorias raciais na clínica psicológica, e na importação de conceituações psicológicas que não condizem com a realidade brasileira (SANTOS; SCHUCMAN, 2015).

Como estratégia de enfrentamento a essa realidade, redes negras têm sido formadas, a exemplo de grupos de pesquisa e trabalho na área de psicologia, redes de acesso ao SUS para pacientes negras/os, pacientes negras/os que recomendam psicólogos/as negros/as para que outras pessoas negras possam ser atendidas, e o apoio mútuo de psicólogas negras nas redes sociais e na divulgação de seus trabalhos. Dessa forma, surge um discurso contra hegemônico, que transfere o lugar da pessoa negra de objeto para produtor de ciência, o que demonstra a necessidade de uma crítica epistemológica na Academia, que ainda tem como centralidade conceituações de mundo brancas e europeias.

Tendo isso em vista, foi possível descrever a atuação de profissionais da psicologia atuantes na clínica psicológica frente ao sofrimento ligado à violência racial que é apresentado por pacientes negras/os. As limitações iniciais do presente estudo dizem respeito à atual pandemia do SARS-COV-2 que restringiu as pesquisas ao contexto remoto; apesar disso, essa tem sido uma demanda pertinente, o que gera reflexão sobre as novas possibilidades de pesquisa no contexto online.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretende entender o sofrimento psíquico da população negra relacionado ao racismo que se apresenta na clínica psicológica, levando em conta a importância da discussão devido à lacuna teórica e prática sobre o manejo clínico frente às repercussões psicossociais do racismo na saúde mental da população negra. Assim, esse trabalho pode contribuir para um encorajamento a estudos voltados ao tema, sensibilizando profissionais da psicologia em direção a uma melhor capacitação para atender pessoas negras na clínica.

Em pesquisas futuras, recomenda-se uma ampla discussão e resgate histórico sobre a negligência ainda presente dentro da Psicologia Social sobre a temática de



relações raciais; além disso, a discussão sobre recursos dentro da Psicologia para lidar com minorias sociais, e especificamente raciais, se mostra relevante, pois psicólogas/os precisam estar preparadas/os e capacitadas/os para receber tais populações na clínica.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde; Universidade de Brasília. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016**. Brasília, 2018.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. ISSN 1478-0887. Disponível em: <<http://eprints.uwe.ac.uk/11735>>. Acesso em: 04 jul. 2021. <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO PARANÁ. **Caderno de psicologia e relações étnico-raciais: diálogos sobre o sofrimento psíquico causado pelo racismo**. 1. ed. MÄDER, Bruno Jardim (Org.). Curitiba: CRP-PR, 2016.
- GONÇALVES FILHO, J. M. A dominação racista: o passado presente. In: KON, N. M.;
- SILVA, M. L.; ABUD, C.C. (Org.). **O racismo e o negro no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 143-159.
- hooks, b. **Vivendo de Amor**, 2010. Disponível em: <<https://geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso em: 16 jul. 2021.
- MAESIMA, G. M.; BARRETO, M.; BEIRAS, A. O conceito de ressonâncias no processo de formação do terapeuta: descobrindo potencialidades e limitações na prática terapêutica. **Nova perspectiva sistêmica**, São Paulo, v. 28, n. 64, p. 105-118, ago. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412019000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 set. 2021. <http://dx.doi.org/10.21452/2594-43632019v28n64a07>.
- MINAYO, M. Ciência, Técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 9-15.
- MUYLAERT, C. et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa.
- Revista da Escola de Enfermagem da USP**. [S.L.], v. 48, n. Esp 2, p. 193-199, 2014. Disponível em:



<<https://www.scielo.br/j/reensp/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYct/?lang=pt>>. Acesso em: 17 set. 2021.

NOGUEIRA, I. B. Cor e Inconsciente. In: KON, N. M.; SILVA, M. L.; ABUD, C.C. (Org.). **O racismo e o negro no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 121-126.

ROCHA, R. V. S.; TORRENTÉ, M. N.; COELHO, M. T. Á. D. **Saúde mental e racismo à**

brasileira. Narrativas de trabalhadoras e trabalhadores da atenção psicossocial. 1. ed. Salvador: Editora Devires, 2021.

SANTOS, A. O.; SCHUCMAN, L. V. Desigualdade, relações raciais e a formação de psicólogo(as). **Revista Epos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 117-140, dez. 2015. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2015000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 jul. 2021.

TAVARES, J. As repercussões do racismo na saúde mental. **Jornal Correio**, 2018. Disponível em:<<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/as-repercussoes-do-racismo-na-saude-mental/>>. Acesso em: 28 out. 2019.

TAVARES, J.; KURATANI, S. Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 39, e184764, 2019. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000100118&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 out. 2019. Epub jun. 27, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003184764>.



SINTOMAS DO ESTRESSE EM MÃES DURANTE A PANDEMIA DO COVID 19: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PSICOMÉTRICA

Trabalho Acadêmico

Láila Lavínea Santos da Silva, lailalavinea1707@gmail.com; Paula Nunes dos Reis, paulanunes155@gmail.com; Raquel Souza Gusmão, raquelgusmao21@gmail.com; Roberto Clovis dos Santos Junior, robcsjg@gmail.com; Tácio Dantas de Oliveira, taciодantas10@gmail.com

Orientadores: Mino Correia Rios, mino.rios@gmail.com; Camila Barreto Bonfim, cbbonfim@uneb.br

RESUMO

Introdução: As vivências na pandemia colocaram em evidência questões relacionadas à saúde mental, principalmente pelo aumento na prevalência de sintomas de estresse. Este cenário pode se agravar, inclusive, quando se consideram contextos histórico-sociais, como é o caso de mulheres, principalmente mães, que tiveram aumento na carga de trabalho durante esse período. **Objetivo:** O presente trabalho teve como objetivo geral desenvolver e testar a confiabilidade de um instrumento de avaliação do estresse em mães de crianças de idade entre 2 e 10 anos durante a pandemia. **Método:** Foi realizado durante o semestre 2020.2 sob a supervisão dos docentes Camila Bonfim e Mino Rios na disciplina de Medidas em Psicologia do curso de Psicologia da UNEB. Conduziu-se um *survey*, mediante formulário eletrônico, com 199 mães residentes em diferentes cidades do Brasil, contendo dados sociodemográficos, ocupacionais e hábitos de vida, além de uma escala Likert que avalia sintomas de estresse. Foram realizadas análises de estatística descritiva e uma análise fatorial da escala de sintomas de estresse. **Resultados e Discussão:** Em relação às entrevistadas, a maioria era parda, do município de Salvador, tendo em média 35 anos e um único filho. Através da análise fatorial da escala de estresse, identificou-se a presença de dois fatores: a) Fatores estressores ($\alpha=0,88$) e b) Manejo e suporte ($\alpha=0,71$). **Considerações finais:** Os resultados apontaram para uma boa confiabilidade do instrumento dentro do seu propósito. Salienta-se a importância de desenvolver outros estudos acerca do estresse e das vivências das mães na pandemia.

Palavras-chave: Estresse ocupacional. Maternidade. Pandemia. COVID-19.

INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 chegou ao Brasil em março de 2020, tendo o isolamento e distanciamento social como uma das principais medidas de prevenção, o



que levou a diversas mudanças como o ensino a distância e o trabalho remoto. Ao longo desse período, se tornou notório os agravos que a pandemia trouxe para a saúde mental dos brasileiros. Segundo o estudo de Bezerra et al (2020), 76% dos entrevistados relataram algum tipo de estresse em função do isolamento social.

O estresse é um mecanismo adaptativo, um estado gerado por estímulos que provocam excitação emocional disparando um processo que produz diversas manifestações físicas e psicológicas (MARGIS *et al.*, 2003). Os eventos ou estímulos que conduzem ao estresse, fatores estressores, podem ser agrupados em acontecimentos vitais, acontecimentos diários menores e situações de tensão crônica (MARGIS *et al.*, 2003). Os acontecimentos vitais, também chamados de eventos de vida estressores independentes, são aqueles que estão além do controle do sujeito e é nesse contexto que se encaixa a pandemia da Covid -19.

É necessário destacar que essas questões se tornam mais salientes se considerado o contexto histórico social, como por exemplo em relação à questão de gênero. Segundo o estudo de Zamarro, Perez-Arce e Prado (2020), as mulheres apresentaram sintomas leves de sofrimento psicológico em maior grau, se comparado com os homens, especialmente as mães. Isso ocorre principalmente devido a sobrecarga que atinge as mulheres, principalmente num contexto de suspensão das aulas em que os pais deixaram de contar com esse suporte das escolas, atingindo majoritariamente as mães pois, mesmo após inúmeras lutas do movimento feminista, a sociedade ainda se baseia numa construção patriarcal e na divisão sexual do trabalho, sendo as atividades domésticas socialmente instituídas as mulheres. (KERGOAT, 2003).

Tendo em vista esse contexto, este trabalho objetiva desenvolver um instrumento psicométrico que associe o estresse e a questão da maternidade, testando sua confiabilidade para avaliar os níveis de estresse em mães durante a pandemia da Covid-19.

METODOLOGIA

Para a elaboração do instrumento, foi feito primeiramente um levantamento bibliográfico para possibilitar uma compreensão do constructo a ser abordado, o estresse, focado em mães. Baseando-se no que foi pesquisado, foram elaborados itens para o



instrumento, sempre se atentando para a sua operacionalidade e se estavam de acordo com os critérios para elaboração de escalas psicométricas propostos por Pasquali (1998), como objetividade, relevância e clareza. Foram definidas 17 perguntas numa escala likert, que foram aplicadas junto a um questionário sociodemográfico, contendo dados ocupacionais e de hábitos de vida e ao termo de consentimento e livre esclarecimento. O questionário foi aplicado em dezembro de 2020 através do Google Forms, divulgado através das redes sociais tendo como público alvo mães residentes no Brasil que possuíam ao menos 1 filho com idade entre 2 e 10 anos.

O software SPSS foi utilizado para o tratamento de dados, o que inclui todos os cálculos realizados e a apresentação dos resultados. Para os dados sociodemográficos foram calculadas médias, medianas, assimetrias, curtose, frequências e percentuais e para validação do instrumento foram realizados o teste de KMO, esfericidade de Bartlet, cálculo de variâncias e rotação fatorial.

Considerando que se trata de uma pesquisa sem identificação do público-alvo, este trabalho dispensou aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, conforme Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 199 mães, com idades variando entre 19 e 45 anos, de 45 diferentes municípios, sendo 65 delas (o que equivale a 32,7% do total) de Salvador, fazendo desta a cidade com o maior número de participantes. Notou-se que, dentre as entrevistadas, 52% têm um único filho, 42% dividem casa com mais de 2 pessoas, 57,7% compartilham uma renda mensal de pelo menos 2 salários-mínimos, 59,3% se encontram casadas, 52,8% se declaram pardas, 52% possuem nível superior completo, 34,7 % são a principal fonte de renda em suas casas, 67,3% trabalharam durante a pandemia e apenas 22,6% recorreram a apoio psicológico nesse período.

No intuito de validar o instrumento, foi utilizado o método de análise fatorial. Primeiramente é necessário descobrir se ele é passível de fatoração, e, para isso, recorreu-se ao teste de KMO (Kaiser-Meyer-Olkin), onde foi obtido um valor de 0,823, e ao teste de esfericidade de Bartlet, que obteve uma significância de aproximadamente 0, denotando condições favoráveis para fatoração, segundo Damásio (2012).



Para a organização de fatores foi utilizado o método de análise de *eigenvalues*, que são as variâncias referentes a cada fator do instrumento. O limite máximo para a quantidade de fatores a serem utilizados será igual ao número de *eigenvalues* maiores que 1 (DAMASIO, 2012). O instrumento utilizado pode ser dividido em até 3 fatores, mas decidiu-se dividi-lo em 2 e, então, foi utilizado um método de rotação fatorial, possibilitando a análise das cargas fatoriais de cada item do instrumento e dos alfas de Cronbach.

Para os fatores, foram encontrados alfas no valor de 0,88 e 0,71, que, segundo a escala proposta por George e Mallery (2016), podem ser interpretados como resultados “bom” e “aceitável”, respectivamente. Baseando-se nisso, pode-se confirmar a confiabilidade do instrumento.

O Fator 1 avalia principalmente fatores estressores e a presença de sintomas associados ao estresse como a insônia e a irritabilidade. Já o Fator 2 envolve as condições de manejo e suporte que podem auxiliar na regulação dos níveis de estresse. De um modo geral, percebe-se que os fatores funcionam bem internamente e entre si, mostrando que o instrumento pode ser de grande utilidade na avaliação do estresse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o instrumento construído demonstrou uma boa confiabilidade, o que é promissor para estudar a saúde mental na pandemia fazendo um recorte de gênero. Mas, apesar dos resultados satisfatórios, é importante destacar que a falta de controle do ambiente de aplicação dos testes (por terem sido realizados de forma online) e o período de aplicação, após ter se passado a fase crítica da pandemia, podem ter afetado o processo de validação. Nesse sentido, vale salientar a importância da realização de novos estudos acerca do assunto para compreensão do fenômeno em questão de forma mais abrangente e eficiente.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, A.C.V. et al. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 1,



p. 2411-2421, jun. 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csc/a/9g4hLHkSSW35gYsSpggz6rn/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 10 dez. 2020.

DAMASIO, B.F. Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. **Avaliação Psicológica**, Itatiba, v. 11, n. 2, p. 213-228, ago. 2012. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712012000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 26 dez. 2020.

GEORGE, D.; MALLERY, P. **IBM SPSS Statistics 23 Step by Step: A Simple Guide and Reference**. 14. ed. New York: Routledge, 2016.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, p. 55-63, 2003.

MARGIS, R. et al. Relação entre estressores, estresse e ansiedade. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 65-74, abr. 2003. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082003000400008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10 dez. 2020.

PASQUALI, L. Princípios de elaboração de escalas psicológicas. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 25, n. 5, p. 206-213, 1998. Edição Especial.
ZAMARRO, G.; PEREZ-ARCE, F.; PRADOS, M.J. Gender Differences in the Impact of COVID-19. **Working Paper. Switzerland: Frontiers in Public Health**, jun. 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/CESRGenderDiffs>. Acesso em: 10 dez. 2020



IMPACTOS DO TRABALHO INFORMAL NA VIDA PESSOAL E ACADÊMICA DOS Pesquisa de Iniciação Científica

Autor: José Victor Fraga dos Santos, vicr.fraga@gmail.com
Orientadora: Edleusa Nery Garrido, edleusagarrido@gmail.com

RESUMO

Introdução: Recentemente, impulsionados por políticas públicas de acesso e permanência, populações marginalizadas passaram a ingressar na universidade com uma frequência cada vez maior. Contudo, somente a entrada não garante que o estudante de origem humilde conseguirá dar continuidade ao curso, pois sua condição financeira tende a impor barreiras. Em função disso, não é incomum a presença de discentes desenvolvendo atividades laborais informais dentro das universidades. **Objetivo:** Compreender os impactos do trabalho informal realizado por estudantes dentro da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no que tange a sua vida pessoal e acadêmica. **Metodologia:** Foi realizado um estudo de natureza qualitativa, utilizando-se a entrevista semiestruturada para produção dos dados. As entrevistas ocorreram via plataforma digital e a análise do material foi feita por meio da Análise Temática (AT). **Resultados:** Foram entrevistadas quatro discentes mulheres, do 3o ao 6o semestre. A partir da AT, foi constatado que o trabalho tem função relacionada à manutenção da sobrevivência e à permanência no curso. Sobre a vida acadêmica, foi identificado que ela exige, das entrevistadas, tempo e energia, dificultando o envolvimento estudantil em diversas atividades acadêmicas. No referente à vida pessoal, constatou-se que a rede de apoio discente é fundamental para a organização da cansativa rotina, mas, ainda assim, todas apresentaram sinais e sintomas de adoecimento. **Conclusão:** Verificou-se que, embora traga prejuízos à vida pessoal e acadêmica das estudantes, o trabalho está associado a manutenção dessas duas dimensões, revelando a necessidade de políticas educacionais de auxílio material que visem fomentar a qualidade formativa dos estudantes.

Palavras-chave: Educação superior; Estudante; Trabalhador.

INTRODUÇÃO

O ensino superior brasileiro é historicamente marcado por um caráter elitista que perdurou por muitos anos, excluindo a maior parcela da população. Contudo, recentes mudanças sociais, advindas da luta de grupos minoritários, têm possibilitado que grupos marginalizados ocupem esse e outros espaços em que outrora foram excluídos.



Embora essa entrada possibilite transformação social, ela não garante que o discente de origem sócioeconômica vulnerável conseguirá dar continuidade no curso e ter sucesso em seu percurso formativo. Acerca do assunto, Paula (2017) traz que o ensino superior brasileiro ainda possui traços elitistas. Dessa forma, é possível que o discente recorra ao trabalho como uma ferramenta que fomente a sua continuidade do curso e ajude a prover financeiramente a si mesmo e a sua família.

Outros estudos indicam que a atividade laboral é um complicador na formação do discente, sendo também uma situação comum no ensino superior brasileiro (DIAS, SILVA, 2018; PEREIRA, 2017; VARGAS, PAULA, 2012). Apesar disso, ainda são poucos os estudos sobre o tema e produções sobre estudantes que trabalham informalmente na universidade não foram encontradas. Sendo assim, surge a necessidade de enriquecer a literatura acerca do assunto, além de explorar mais esse universo estudantil.

Para tanto, esta pesquisa teve como objetivo compreender os impactos do trabalho realizado informalmente na vida pessoal e acadêmica dos discentes da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Investigando também o perfil socioeconômico desses sujeitos e as estratégias utilizadas por eles.

METODOLOGIA

A luz da metodologia qualitativa, quatro discentes – um de cada departamento da UNEB - foram entrevistados seguindo um roteiro semiestruturado (Gil, 2008). Os estudantes foram selecionados com base em uma amostragem por conveniência (GIL, 2008), sendo que o critério de inclusão foi: estar matriculado no terceiro semestre ou acima em algum curso do campus I da UNEB.

As participantes foram convidadas a ler e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respeitando assim os critérios da ética em pesquisa com seres humanos conforme a resolução nº510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Esse estudo faz parte do projeto “TRAJETÓRIAS ESTUDANTIS E QUESTÕES EMERGENTES NA EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA”, de autoria da Profa. Dra. Edleusa Nery Garrido, aprovado no comitê de ética da UNEB com parecer de aprovação no 2.532.720 de 08/03/2018.



Para a análise dos dados foi utilizada a Análise Temática (AT), possibilitando flexibilidade e aprofundamento ao longo das questões da pesquisa (CLARKE; BRAUN; HAYFIELD, 2019). Dessa forma, após a transcrição das entrevistas a AT foi aplicada, possibilitando a identificação de três eixos centrais, que orientam a apresentação dos resultados e discussão, são eles: Dimensão Laboral e Financeira, Dimensão Acadêmica e Dimensão da Vida Pessoal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Acerca do perfil das entrevistas, são todas do gênero feminino e com idades entre 20 e 25 anos. Elas estão matriculas entre o 3o e 6o semestre de curso, a maioria e autodeclarou preta e parda e duas são cotistas. Sobre a renda, foi identificado que somente uma delas recebe auxílio financeiro estudantil, além disso a maior renda familiar é de seis salários mínimos, enquanto a menor é de menos de um salário.

Todas trabalhavam comercializando alimentos dentro da UNEB, além disso uma delas realizava aulas de reforço para crianças aos finais de semana. A carga horária de dedicação ao trabalho variou de 20 a 50 horas semanais.

No eixo da Dimensão Laboral e Financeira busca-se discutir acerca do papel do trabalho na vida estudantil. Desse modo, foi observado que a maioria das entrevistas tem origem socioeconômica vulnerável, de forma que, para a maioria delas, a busca pelo trabalho ocorreu com o intuito de fomentar a sobrevivência e manutenção do curso. Esses achados vão de encontro com a literatura encontrada (TOMBOLATO, 2005; ZAGO, 2006).

No mais, todas participantes apresentam falas que remetem ao cansaço e estresse. Cabe destacar que por venderem alimentos e serem autônomas a maioria das discentes está envolvida em todo o processo de preparo e produção do produto final, sendo, portanto, uma atividade que não se limita ao ambiente universitário.

Também foi identificado que metade das entrevistas estão envolvidas nos cuidados domésticos. Sobre o assunto, Ávila e Portes (2012) concluíram que a conciliação da tripla jornada de trabalho (lar, universidade e trabalho) gera estresse e ansiedade, trazendo prejuízos a saúde e atividades universitárias.



Por sua vez, no eixo da Dimensão Acadêmica foram aprofundados os aspectos relacionados à vida acadêmica das entrevistadas. Os achados indicam que o trabalho prejudica as responsabilidades estudantis, pois o cansaço e o pouco tempo podem afetar negativamente o envolvido em aulas e outras atividades, além disso, as avaliações universitárias também são prejudicadas.

Para o estudante que trabalha a falta de tempo soma-se ao cansaço e estresse, complicando a conciliação da múltipla jornada de trabalho. Além disso dificulta também o envolvimento estudantil em práticas extensionistas, que compõe o tripé universitário – ensino, pesquisa e extensão -, sendo uma prática importante para aproximação de academia e comunidade, além de fomentar um maior crescimento profissional para o estudante (SILVA, 2019; SOUZA, CARVALHO, 2018). A literatura também chama atenção para a dificuldade do estudante que trabalha em se envolverem atividades extensionistas, podendo haver prejuízos formativos em função desse fenômeno.

Na Dimensão da Vida Pessoal foram exploradas as questões que envolvem o impacto do trabalho na vida pessoal das discentes. Neste eixo foi observado que a rede de apoio estudantil é um importante pilar, que fornece aos estudantes suporte afetivo e laboral, auxiliando assim em seu bem-estar e realização de atividades aborais e acadêmicas. Zago (2006) teve achado semelhante, destacando que o apoio familiar é de suma importância, principalmente para aqueles discentes que são de baixa renda.

Os achados também indicam que a compreensão e suporte de docentes pode auxiliar na organização da rotina dos discentes que trabalham, além de oferecer maior bem estar. Esses resultados se opõem aos encontrados por Ávila e Portes (2012), que trazem indícios de que alguns docentes acreditam que não há espaço para o estudante que trabalha na universidade.

Outro estudo identificou que quando associado com o gênero feminino e idades entre 18 e 22 anos o trabalho concomitante ao estudo pode comprometer a qualidade de vida (QV) (TOMBOLATO, 2005), abrindo margem para a interpretação de que as entrevistadas possuem uma baixa QV. Dessa forma, a literatura evidencia que é preocupante a situação do estudante que trabalha.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi identificado que a maioria das entrevistadas tem origem socioeconômica que denota a vulnerabilidade, uma vez que para elas o trabalho está associado a permanência na universidade e sobrevivência. Apesar disso, a atividade laboral privadas estudantes oportunidades de participação ativa em práticas extensionistas e vivência universitária, além de dificultar a realização de atividades avaliativas. No mais, em função da cansativa e estressante rotina também foram observados sinais e sintomas de adoecimento.

Os achados vão de encontro com a literatura, além de corroborarem com a ideia de que a democratização do ensino superior não foi concluída. No mais, foi identificada que a literatura acerca do estudante que trabalha não é ampla, e não foram encontradas produções sobre aqueles que trabalham de maneira informal, o que suscita a importância de novos estudos.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Rebeca Contrera; PORTES, Écio Antônio. A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 809-832, dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000300011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 de set. 2020.

CLARKE, Victoria; BRAUN, Virginia; HAYFIELD, Nikki. Análise Temática. In: SMITH, Jonathan A. (ed.). *Psicologia Qualitativa: um guia prático para métodos de pesquisa*. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. cap. 10, p. 295-327.

DIAS, Regina Lúcia Cerqueira; SILVA, Izabela Mathias dos Santos. O acesso e permanência das classes populares na universidade pública: trajetória escolar de uma estudante da Universidade Federal Fluminense. *Movimento: revista de educação*, n. 9, p. 192-219, nov. 2018. ISSN 23593296. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32681>. Acesso em: 30 set. 2020.

GIL, Antonio Carlos. Entrevista. In: GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 109-120. Disponível em: gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf (wordpress.com). Acesso em: 6jul. 2021.



PAULA, Maria de Fátima Costa de. Políticas de democratização da educação superior brasileira: limites e desafios para a próxima década. *Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas, SP, v. 22, n. 2, p. 301-315, ago. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141440772017000200301&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 1 nov. 2020.

PEREIRA, Márcia da Silva. Condições Laborais e de Saúde dos Estudantes Universitários Trabalhadores. 2017. Dissertação (Mestrado em Promoção da Saúde) – Universidade Cesumar, Maringá, PR. 2017. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/dissertacoes_teses/dissertacao_marcia_silva_pereira.pdf. Acesso em: 28 set. 2020.

SILVA, Luciane Fontana Matoso. Assessoria executiva em arquivos: relato das percepções acadêmicas de um projeto de extensão universitária. *Revista de Gestão e Secretariado (GESEC)*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 73-90, 24 abr. 2019. Disponível em: <https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/792>. Acesso em: 29 maio. 2021.

SOUZA, Jacira Nunes; CARVALHO, Thaís Cristina Flexa. A percepção de pais sobre projeto de extensão universitária em escola amazônica. *Enfermagem em Foco*, [S.L.], v. 9, n. 3, p. 25-29, nov. 2018. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1148/456>. Acesso em: 29 maio. 2021.

TOMBOLATO, Maria Claudia Roberta. Qualidade de vida e sintomas psicopatológicos do estudante universitário trabalhador. 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) -Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/260&62>. Acesso em: 28 set. de 2020.

VARGAS, Hustana Maria; PAULA, Maria de Fátima Costa de. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação superior*, Campinas, SP, vol. 18, n. 2, p. 459-485, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772013000200012&script=sciabstract&tlng=pt>. Acesso em: 2 nov. de 2020.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 226-237, ago. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em:



SAÚDE MATERNO-INFANTIL, PANDEMIA DA COVID-19 E CONSTRUÇÃO DO CUIDADO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Iniciação Científica

Clara de Oliveira, clarinha.oliveira@hotmail.com
Orientadora: Camila Barreto Bonfim, cbbonfim@uneb.br

RESUMO

Introdução: O período da pandemia tem gerado preocupações concernentes à saúde da mulher. Em relação à Saúde Materno-Infantil, dados atestam esse grupo como de risco. O presente estudo tem como objetivo levantar as principais evidências acerca do cuidado à Saúde materno- infantil frente a pandemia da COVID-19. **Metodologia:** A partir de uma revisão integrativa, nas bases de dados Pubmed e CAPES com os descritores “Maternal- Child Health”; “Maternal- Child Services”; “COVID-19” e “Mental health”, foram encontrados 141 artigos. Os critérios de inclusão foram estudos a partir do ano de 2020 com a temática Saúde Materno-Infantil, artigos com acesso livre, estudos de Psicologia e trabalhos com a metodologia qualitativa e quantitativa. Os achados foram categorizados em Saúde Materno- Infantil e impactos na saúde durante a pandemia da COVID-19 e Saúde Materno-Infantil e condutas para os serviços de saúde. **Resultados:** As principais evidências são de caráter biomédico: sintomas da COVID-19 em grávidas e puérperas, possível transmissão vertical e aleitamento. **Discussão:** Poucos estudos sobre as repercussões psicossociais, sendo as principais: maior risco de depressão, disparidades raciais, insegurança alimentar e falta de apoio social, as condutas nos serviços de saúde variaram. **Conclusão:** É importante pensar em um cuidado baseado em evidências para este público e defesa do Sistema Único de Saúde no Brasil.

Palavras-chave: Saúde materno- infantil. Serviços de Saúde Materno-Infantil. COVID-19. Sistema Único de Saúde.

INTRODUÇÃO

A saúde materno-infantil perpassou por diferentes contextos sócio-políticos e modelos de atenção à saúde. Destacam-se as políticas de saúde voltadas para a mulher e à criança nas últimas décadas como responsáveis pela redução da mortalidade materna e infantil. De acordo com dados do IBGE (2018), a taxa de mortalidade materna em 2018 atingiu a marca de 59,1 por 100.000 nascidos vivos, sendo as regiões norte e nordeste com os maiores índices, 80,8 e 67,1, respectivamente. Esses dados geram preocupação



que se agravaram desde o início da pandemia, já que gestantes e puérperas podem desenvolver formas graves da doença (BOLETIM OBSERVATÓRIO COVID-19, 2021).

Dessa forma, nesse período o agravamento das desigualdades sociais, econômicas, de gênero, geração e raciais refletem no contexto da saúde. Com isso, consideram-se as mulheres como um grupo de risco, e que vivenciam dificuldades ao acesso aos direitos reprodutivos, principalmente em situação de vulnerabilidade (BRITO *et al.*, 2020). Além disso, destaca-se a dificuldade no acesso à saúde devido às incertezas quanto a segurança sanitária, mudanças nos serviços, dentre outras situações referentes ao acesso à rede de saúde.

A Saúde Materno- Infantil representa um importante foco de atenção à saúde da mulher e perpassa pela compreensão das interseções que atravessam o sujeito e que definem a sua condição de saúde, com isso, uma política de atenção integral à saúde da mulher e uma equipe de atenção primária deve levar em consideração esses aspectos, sob uma perspectiva interseccional (CRENSHAW, 2002). Diante do atual cenário, o SUS tem se mostrado essencial para o enfrentamento da pandemia.

O presente estudo é uma revisão integrativa cujo objetivo é propor uma análise do cuidado à Saúde Materno- Infantil durante a pandemia da COVID-19 a partir de pesquisas recentes. Trata-se de um estudo preliminar, parte de uma pesquisa guarda-chuva intitulada “Múltiplos referenciais da Psicologia na construção do cuidado no contexto da Atenção Básica: um estudo junto às Unidades Básicas de Saúde e/ou Unidades de Saúde da Família no município de Salvador-BA”, iniciação científica do grupo de pesquisa Grupo de Estudos Multirreferenciais do Cuidado (GECUID).

MÉTODO

Trata-se de uma revisão integrativa que é um método que sintetiza e incorpora conhecimentos e aplicabilidade significativa para a prática (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010). Dessa forma, buscou-se sistematizar a revisão nas seguintes etapas: (1) elaboração da questão norteadora; (2) busca na literatura nas bases de dados; (3) coleta e análise dos achados; (4) resultados e discussão. A questão norteadora foi elaborada a partir das reflexões acerca da vigência do tema Saúde Materna- Infantil na pandemia da



COVID-19 e quais práticas fundamentam o Cuidado a este grupo e como a Psicologia contribui para a temática. Foi realizado um levantamento dos estudos a partir das bases de dados *Pubmed* e *CAPEL*, tendo a finalidade de abarcar estudos publicados em inglês e português. Utilizou-se os descritores “Maternal- Child Health”; “Maternal- Child Services”; “COVID-19”; “Mental health”, usando o operador booleano “AND”. Incluiu-se estudos a partir do ano de 2020 relacionados a pandemia e Saúde Materno-Infantil, artigos com acesso livre, estudos sobre o trabalho da Psicologia frente a temática e trabalhos com a metodologia qualitativa e quantitativa com o público de gestantes e puérperas, estudos que contemplassem diferentes países. Foram excluídos estudos anteriores a 2020 relacionados à Saúde Materno- Infantil, editoriais, estudos que não abrangiam o contexto pandêmico. A coleta nas bases de dados e a sua análise foi a partir da síntese dos estudos, o que possibilitará a apresentação da revisão integrativa com a discussão dos achados agrupados nas categorias, a saber: Saúde Materno- Infantil e impactos na saúde durante a pandemia da COVID-19 e Saúde materno- infantil e condutas para os serviços de saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram analisados 141 artigos dentre revisões sistemáticas, relatos de experiência e revisões narrativas que versavam sobre a temática nos anos de 2020 a 2021. Foram excluídos 97 estudos, dentre eles: estudos com acesso fechado e aqueles que não se relacionavam diretamente ao tema. Após a leitura dos 44 resumos selecionados, foram analisados 16 artigos. A maioria desses estudos é da área médica e de universidades estrangeiras. O levantamento dos estudos relacionados à Saúde Materno- Infantil e os impactos na saúde mostraram poucas evidências devido ao recente curso da pandemia.

Os principais achados concentram-se na manifestação e transmissão da doença em gestantes. Estes estudos mostram que o risco da COVID-19 em grávidas pode ocasionar admissões na UTI, ventilação invasiva, partos prematuros, maior número de cesáreas e morte materna (KOTLAR *et al.*, 2021; CIAPPONI *et al.*, 2021; FORATORI-JUNIOR *et al.*, 2021). Souza e Amorim (2021) destacam o elevado número de casos registrados por Síndrome Respiratória Aguda (SRAG) em gestantes e puérperas até



setembro de 2020, sendo 44% positivos para COVID-19. A pesquisa de Godoi *et al.* (2021) e Takemoto *et al.* (2020) aponta para a hospitalização da maioria dos casos com SRAG e o aumento de mortes maternas relacionadas a comorbidades como cardiopatias. Os achados de Ciapponi *et al.*, (2021) e Kotlar *et al.*, (2021) convergem ao apontar a importância de mais estudos sobre a possibilidade de transmissão vertical. Já Santos *et al.* (2021) em sua revisão narrativa reitera que os benefícios do aleitamento materno superam os riscos da COVID-19 e, com isso, ressalta a importância do incentivo ao aleitamento mesmo em pessoas positivas para a doença com os devidos cuidados necessários. Cardoso *et al.* (2021) complementa que o isolamento deve acontecer apenas em casos severos de contaminação.

Relacionado à saúde mental materna, analisou-se artigos direcionados às gestantes e puérperas. Machado *et al.* (2021) aponta que o período da pandemia tem sido estressor para as gestantes, agravado pelo isolamento e distanciamento social. Assim sendo, tem-se que a depressão neste grupo foi o transtorno mais evidente, na pesquisa de Pechinim, Barbosa e Weneck (2021) com gestantes em uma maternidade no Brasil, constatou a depressão e ansiedade relacionadas ao estilo de vida. Cameron *et al.* (2020) também constatou esses transtornos como os mais prevalentes. Rocha *et al.* (2021) analisa a saúde mental materna e a insegurança alimentar no Brasil, os resultados constatarem que a insegurança alimentar é proporcional ao aumento de transtornos mentais em mães durante a pandemia.

Em relação aos artigos que apontam condutas e orientações para a Saúde Materno-Infantil, os impactos são traduzidos em restrições nos serviços de saúde, dificuldade de interação com os profissionais de saúde no pré-natal, isolamento durante o pós-parto nas maternidades e falta de apoio social (MEANEY *et al.*, 2021). Bech *et al.* (2021) recapitula a queda da mortalidade materna no período pré pandemia e o risco do aumento a mortalidade nesse grupo durante a pandemia da COVID-19 em países de média e baixa renda. Outro efeito indireto seria a dificuldade de atendimentos nos sistemas de saúde, além da falta de recursos financeiros devido a crise econômica agravada pela COVID-19, esses fatores resultam em uma menor cobertura de saúde.

Os achados de Ojo *et al.* (2021) orientam como alternativas o uso da telemedicina e atendimentos online de doulas. Além disso, é necessário garantir o suporte social,



principalmente para a população negra que se encontra mais vulnerável à pandemia. O artigo de Oliveira *et al.* (2021) realizou um levantamento sobre as condutas do Ministério da Saúde, durante o período da pandemia, em relação ao cuidado de gestantes, puérperas e crianças, onde a última Norma Técnica se tem a recomendação em relação à disposição dos leitos no pós-parto. Os artigos relacionados aos impactos na Saúde Materno-Infantil e COVID-19 ilustram as consequências biomédicas para esse grupo em detrimento das repercussões psicossociais que carecem de mais literatura para dimensionar os efeitos a curto e a longo prazo da pandemia e que relacione as intersecções de raça, classe e gênero que atravessam esses sujeitos e influenciam no processo de saúde e doença. Ao relacionar dois estudos estrangeiros, compreende-se que a atenção aos grupos vulnerabilizados é essencial, bem como se atentar a possíveis colapsos nos sistemas de saúde (OJO *et al.*; BECH *et al.*, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta revisão buscaram traçar um panorama dos achados recentes sobre o tema que relacionassem os impactos na Saúde Materno-Infantil e as principais evidências até o presente momento. Diante do exposto, a presente revisão tem como potencialidade contribuir para observar os grupos vulneráveis e refletir sobre a importância de políticas eficazes para o enfrentamento da crise sanitária no país. O estudo tem como limitação as poucas evidências devido a temática recente, realidade que exige cautela na análise e divulgação de dados. Ao se tratar de um estudo preliminar, tem-se a importância de ampliar a pesquisa para mais bases de dados e futuras análises das consequências a longo prazo na Saúde Materno-Infantil.

Salienta-se, a importância de se traçar um perfil sociodemográfico desses sujeitos para o atendimento em serviços de saúde. Em relação à saúde pública, o SUS garante a universalidade em todos os níveis de atenção, em detrimento do subfinanciamento e o constante ataque a esse setor, com ênfase nos últimos cinco anos. É importante difundir a defesa e luta pelo sistema único de saúde gratuito e universal no Brasil, pois a sua continuidade garante condições dignas à população.



REFERÊNCIAS

- BECH, C.M., *et al.* Indirect effects of the COVID-19 pandemic on mortality of mothers and children in low-and middle-income countries. *Ugeskrift for Laeger*, v. 183, n. 11, 2021. Disponível em < <https://europepmc.org/article/med/33734073>>.
- BRASIL. Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. 82 p.
- BRITO, L, *et al.* Impactos sociais da Covid-19: uma perspectiva sensível às desigualdades de gênero. Observatório Covid-19 Fiocruz; 2020. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/41375/2/>>.
- CAMERON, E.E.. *et al.* Maternal psychological distress & mental health service use during the COVID-19 pandemic. *Journal of Affective Disorders*, v. 276, p. 765-774, 2020. Disponível <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S016503272032526X?casa_token=Q6wfpIayXC4AAAAA:nkpTh6cSB5JqFAM8qFd4zPespFrMeGqNvMOg-ychdL6EFF9fpkv56ECcFQLoUMoDN1h5nsBf1PU>.
- CIAPPONI, A., *et al.* COVID-19 and pregnancy: An umbrella review of clinical presentation, vertical transmission, and maternal and perinatal outcomes. *medRxiv*, 2021. Disponível em < <https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2021.04.29.21256327v1>>.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas* [online]. 2002, v. 10, n. 1, pp. 171-188. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>>.
- FORATORI-JUNIOR, G.A., *et al.* COVID-19 and its relation to pregnancy and neonates: a systematic review. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil* [online]. 2021, v. 21, n. 03, pp. 697-727. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-93042021000300002>>.
- GODOI, A.P.N., *et al.* Severe Acute Respiratory Syndrome by COVID-19 in pregnant and postpartum women. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil* [online]. 2021, v. 21, n. Suppl 2, pp. 461-469. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9304202100S200008>>.
- KOTLAR, B., *et al.* The impact of the COVID-19 pandemic on maternal and perinatal health: a scoping review. *Reproductive Health*, v. 18, n. 1, p. 1-39, 2021. Disponível em < <https://reproductive-health-journal.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12978-021-01070-6>>.
- MACHADO, M.M.T., *et al.* COVID-19 and mental health of pregnant women in Ceará, Brazil. *Revista de Saúde Pública*, v. 55, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055003225>>.
- MEANEY, S., *et al.* The impact of COVID-19 on pregnant womens' experiences and perceptions of antenatal maternity care, social support, and stress-reduction strategies. *Women and Birth*, 2021.
- OJO, A., *et al.* Ensuring Racial Equity in Pregnancy Care During the COVID-19 Pandemic and Beyond. *Maternal and child health journal*, p. 1-4, 2021. Disponível em < <https://link.springer.com/article/10.1007/s10995-021-03194-4>>.



Oliveira, M.A., *et al.* Recommendations for perinatal care in the context of the COVID-19 pandemic. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil* [online]. 2021, v. 21, n. Suppl 1, pp. 65-75. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9304202100S100004>>.

PECHINIM, I.; BARBOSA, G. A. S. .; WERNECK, A. L. Anxiety and depression in the COVID-19 pandemic context and the relationship with the defense mechanisms of pregnant women . *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 10, n. 10, p. e93101018489, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i10.18489. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18489>>.

SANTOS, R. C. et al.,. Exclusive breastfeeding in COVID-19 pandemic times: integrative review. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 10, n. 3, p. e28310313167, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13167>.

SOUZA, A.S.R.AMORIM, M. M. R. Maternal mortality by COVID-19 in Brazil. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil* [online]. 2021, v. 21, n. Suppl 1, pp. 253-256. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9304202100S100014>>.

ROCHA, H.A.L., *et al.* Coronavirus disease 2019, food security and maternal mental health in Ceará, Brazil: a repeated cross-sectional survey. *Public Health Nutrition*, v. 24, n. 7, p. 1836-1840, 2021. Disponível em <

SOUZA, M.T. SILVA, M .D. CARVALHO, R. Integrative review: what is it? How to do it?. *Einstein (São Paulo)* [online]. 2010, v. 8, n. 1, pp. 102-106. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>>.

TAKEMOTO, M..S., *et al.* The tragedy of COVID-19 in Brazil: 124 maternal deaths and counting. *International Journal of Gynecology & Obstetrics*, v. 151, n. 1, p. 154-156, 2020. Disponível em < <https://obgyn.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/ijgo.13300>>.



PERSPECTIVAS SOBRE A VELHICE LÉSBICA

Trabalho solicitado no componente curricular (Psicologia do Desenvolvimento - Velhice)

Beatriz Malta Coutinho, biamalta48@gmail.com; Bruna Góes Marinho, brugoes3@gmail.com; Fernanda Carolina Sá Barreto Gonzaga de Menezes, fcsbgmenezes@gmail.com; Gabriel Chaves dos Santos Brandão, gabrielbrandao10@hotmail.com; Lana Liz de Oliveira Cruz, lanaliz19@gmail.com; Sofia Passos Netto, sofipassos@gmail.com.
Orientadora: Kátia Jane Chaves Bernardo, katiajanebernardo@gmail.com

RESUMO

Introdução: Pode-se afirmar que existe uma estigmatização da sexualidade na velhice, sobretudo se pensarmos sobre diversidade sexual dessa coorte. Como sabemos, a homossexualidade e a pluralidade de gênero sempre estiveram presentes na nossa sociedade ocidental, mas por muito tempo não eram discutidas. Há uma importância em se observar as marcas das vivências de pessoas LGBTQIA+, e se tratando de lesbianidade, nota-se uma certa invisibilidade por se tratar de duas minorias. No que tange produção acadêmica da temática, estudos se concentram em faixas etárias jovens. **Objetivo:** O objetivo dessa pesquisa é identificar questões que envolvem a sexualidade de mulheres lésbicas na velhice. **Metodologia:** Para este fim, foi feita uma pesquisa bibliográfica nas plataformas Google Acadêmico e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), por meio das palavras-chave “Idosas”, “Lésbicas” e “Sexualidade”, sendo critério para exclusão os artigos terem sido publicados entre 2010 e 2020 e abarcar a interseção das palavras buscadas, resultando na seleção de quatro artigos. **Resultados:** Nos artigos analisados, observou-se quão plural é a vivência sexual na velhice e como as imposições patriarcais e homofóbicas ainda deixam marcas na história das mulheres idosas lésbicas. **Discussão:** Essa fase da vida também pode permitir a vivência de experiências inovadoras, possibilitando contato com particularidades até então desconhecidas por essas mulheres. **Conclusões:** Concluímos que a homossexualidade feminina na velhice é duplamente um estigma, já que abrange orientação sexual e a sexualidade de idosos. Faz-se necessário dar maior visibilidade a essa temática, tendo em vista que ainda é pouco discutida academicamente.

Palavras-chave: Idosas. Lesbianidade. Sexualidade.

INTRODUÇÃO

A existência de pessoas de diversas identidades de gênero e sexualidade é um fato presente nas mais diversas sociedades desde que se há registro. Apesar da naturalidade



desses corpos, ainda vemos como são estigmatizados e hostilizados na sociedade ocidental capitalista. Podemos afirmar que grandes mudanças ocorreram e que a população LGBTQIA+ está começando a ter seus direitos garantidos, porém ainda há um longo caminho a percorrer. Segundo Gonçalves e Carvalho (2019), o reconhecimento da população LGBTQIA+ não se deu meramente através da aceitação da sociedade hegemonicamente heteronormativa, mas sim por meio de uma luta constante e diária enfrentada por essa população em busca de visibilidade e validação de seus direitos. Dando enfoque a comunidade lésbica, observamos que há uma certa invisibilidade social quanto a seus corpos, vivências e necessidades. Como é citado por Carvalho e Gonçalves, 2019, p. 137):

[...] fica claro que as mulheres lésbicas, por fazerem parte de duas minorias, são menos vistas e validadas pela sociedade como um todo [...], há uma questão de negligência parcial e até total da existência lésbica mesmo na produção acadêmica feminista.(GONÇALVES; CARVALHO, 2019, p.137)

Nota-se que a invisibilidade lésbica é traçada pela legitimação da experiência masculina, sobrepondo-se à experiência feminina. Podemos atribuir essa responsabilidade à sociedade machista e heteronormativa, que trata essas mulheres como sujeitos “desviantes”, e que evita trazer à tona a lesbianidade, já que se defrontariam com a própria falha e opressão do sistema em que vivemos (GONÇALVES; CARVALHO, 2019).

Há uma quantidade de produção acadêmica sobre a lesbianidade, mas é concentrada nas faixas etárias mais jovens, como aponta Como apontado por Fernandes-eloi et al (2017), algo que se explica a partir da estigmatização da velhice feminina que limita-se a temas como o luto, a solidão, às doenças físicas e psicológicas, assim como também a visão de uma assexualidade dessa coorte (FERNANDES-ELOI et. al, 2017). O objetivo do presente trabalho é identificar as questões que envolvem a sexualidade de mulheres homossexuais na velhice trazendo um fundamental destaque para esse grupo, propondo maior visibilidade e atenção para suas histórias, vivências e questões.

MÉTODO

Foi realizada pesquisa bibliográfica nas plataformas Google Acadêmico e *Scientific Electronic Library Online* (Scielo) utilizando-se as palavras-chave “idosas”, “lésbicas” e



“sexualidade”, no período compreendido entre os anos de 2010 e 2020, por estarem localizados temporalmente na mesma década. Foram encontrados 1.900 resultados na primeira plataforma e 0 na segunda. Dos diversos materiais encontrados, selecionamos quatro artigos devido ao fato de interseccionar a temática da lesbianidade e velhice. O primeiro artigo conta com depoimentos de mulheres velhas e lésbicas da cidade do Rio de Janeiro, enquanto o segundo artigo - mais recente - além de conter o depoimento de uma mulher velha lésbica também possui uma perspectiva da velhice feminina heterossexual. Já o terceiro artigo foca sobre a invisibilidade que essas mulheres velhas e lésbicas têm na sociedade e a falta de estudos sobre suas necessidades e particularidades; por último, o quarto artigo propõe uma revisão da obra de Judith Butler sobre gênero, sexo e teoria *queer*.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nos artigos analisados pudemos identificar pontos latentes sobre o envelhecimento e a liberdade sexual, no que concerne às mulheres lésbicas. No trabalho de Fernandes-Eloi et. al (2017), observa-se que há uma padronização dos corpos na qual o ideal de beleza e de atração sexual é o corpo jovem, o que afasta ainda mais a visão de uma sexualidade idosa; ainda segundo os autores, há a imposição de um mito de que ao envelhecer o desejo sexual diminui e o manejo da atividade sexual se limita, o que traz um pensamento de que não há vida sexual na velhice. Isso inclusive acaba trazendo um certo estranhamento dos idosos a sua própria vida sexual.

Todavia, essa questão é apresentada de forma diferente no trabalho de Alves (2010). A autora aponta que essa padronização corporal que resulta no “declínio do poder de atração sexual da mulher no mercado erótico heterossexual” não se apresenta no discurso das mulheres homossexuais entrevistadas:

Entre as mulheres que entrevistei para essa pesquisa, a idade não foi referida como um obstáculo em suas vidas amorosas [...] as entrevistadas continuam namorando e coabitando com suas parceiras e não se referem à velhice como um elemento que dificulte seus encontros amorosos com outras mulheres (ALVES, 2010, p.217).

Ainda segundo o estudo de Alves (2010), há uma diferenciação da prática sexual das idosas em comparação à mesma prática quando jovens, isso pode ser explicado devido



a quebra de estigmas antes impostos. Um caso que exemplifica bem essa situação é o de uma entrevistada cujo nome fictício é Roberta; essa senhora relata que quando jovem se punha num papel de “sapatão”, ou seja, uma lésbica mais masculinizada, sua função no coito se restringia majoritariamente a dar prazer. Porém, já idosa e em seu atual relacionamento, Roberta não se limita a esse papel, como relata: “Eu sempre assumi a postura de dar prazer. Hoje já não é mais assim, foi uma mudança de postura, de tudo” (ALVES, 2010, p.224).

Butler (2010 *apud* FIGUEIREDO, 2018) aponta como a performance de gênero imposta pela sociedade patriarcal e machista limita a vivência sexual livre dessas mulheres as enquadrando em estruturas definidas.

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade e feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2010 *apud* FIGUEIREDO, 2018, p. 44)

Para além disso, essa mudança de percepção de si vivenciada por Roberta pode ser explicada na motivação de novas experiências apontada por Fernandes-Eloi et. al (2017, p. 02): “O aumento na expectativa de vida e a possibilidade de desfrutar uma aposentadoria de maior período proporciona ao idoso enxergar o envelhecimento como um momento também de novas experimentações”.

Segundo Alves (2010), há certa transição e contraposição de visões, a “naturalidade” e fluidez com que os papéis nas relações sexuais são vistos atualmente com as imposições dualistas que as acompanhavam de seus tempos de juventude. A pressão social de ser “o sapatão” ou a “namorada da sapatão”, se dissolve aos poucos como visto no discurso de Joana:

Eu vi muito isso pela R. [a parceira anterior], eu tinha que ser muito ativa, porque ela tinha um perfil muito passivo, das mulheres que vinham de relações com homens, e ela não gostava de mulher. Ela foi fundamental pra mim, pra saber o que eu não era. [...] Eu quero uma relação em que eu possa ser o que eu bem entender, o que eu quiser. Com a O.[atual parceira] é exatamente isso. Foi uma descoberta, e a gente pôde ser tudo. (ALVES, 2010, p.14)

É de extrema importância entender que há ainda um longo caminho a percorrer para uma vivência lésbica da velhice menos estigmatizada. As amarras sociais misóginas e



homofóbicas ainda reverberam na vivência sexual e plena de pessoas LGBTQIA+, como podemos ver na fala de uma das entrevistadas por Fernandes-Eloi et al. (2017), há uma certa internalização dos preconceitos, mais especificamente da homofobia, que refletem no seu próprio entendimento do que é ter uma postura adequada quanto a sua sexualidade: “Nunca tive preconceito na minha família. Nos hospitais onde eu trabalhei, nunca tive preconceito [...]. Sempre fui discreta [...]. Eu não sinto necessidade de mostrar pras pessoas o que eu sou ou o que eu não sou” (FERNANDES-ELOI et al. 2017, p. 67).

A partir dos artigos e das entrevistas presentes, identificamos o quão plural é a vivência sexual na velhice, envolvendo imposições patriarcais e homofóbicas que ainda carregam marcas na história dessas mulheres. A exemplo disso temos os vários relatos de mulheres que se relacionaram sexualmente com homens mesmo se identificando como lésbicas e também na estigmatização de uma performance “masculina” e “feminina” num relacionamento entre mulheres, o que fora apontado por Butler (2010 *apud* FIGUEIREDO, 2018) como uma heteronormatividade compulsória.

Outra característica advinda dessa sociedade homofóbica que pudemos identificar está presente na visão um tanto conservadora de não “mostrar a todo momento” que são homossexuais. Seguindo a perspectiva da velhice, observa-se como alguns desses fatores sociais inibitórios se apresentam de forma diferente: quanto a imposição da beleza dos corpos jovens, as idosas lésbicas não apresentaram isso como questão que afetasse suas vidas sexuais; já na performance de gênero e feminilidade, também há uma quebra dessa barreira, permitindo a essas mulheres agirem de forma com que mais se identificam. Isso se explica no estudo de Fernandes-Eloi et. al (2017) quando se afirma que essa nova fase da vida também permite viver experiências inovadoras e descobrir lados de si que ainda não conheciam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A homossexualidade feminina na velhice é duplamente um estigma, até mesmo dentro da comunidade LGBTQIA+, porque abrange tanto a questão da sexualidade nessa fase da vida quanto da orientação sexual. Não se pensa em sexualidade nos idosos e muito menos nos idosos que não se enquadram no padrão heterocisnormativo. A dificuldade de



se assumir numa sociedade recheada de preconceitos juntamente com todo o tabu que a sexualidade representa impossibilitam que essa velhice lésbica seja discutida e refletida nos espaços sociais, culturais e de saúde. A pressão da sociedade, tanto no âmbito da estética quanto no âmbito sexual, também interfere negativamente na vida dessas mulheres, fazendo com que elas evitem explorar seus próprios desejos e subjetividades. Faz-se necessário dar uma maior visibilidade nessa temática para que a velhice lésbica tenha maior liberdade, autonomia e segurança nas suas relações e para que tenham melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ALVES, Andrea Moraes. **Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina.** Horizontes Antropológicos [online], v. 16, n. 34, p.213-233, Nov 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/3jRy8yYzMt3zWYr9XYLmN6b/?lang=pt>>.

FERNANDES-ELOI, J.; DANTAS, A. J. L.; SOUZA, A. M. B. D; SANTOS, E. C; MAIA, L. M. **Intersecções entre envelhecimento e sexualidade de mulheres idosas.** Saúde & Transformação Social/Health & Social Change, v.8, n.1, p.61-71, 2017. Disponível em: <<http://stat.cbsm.incubadora.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/4196/496>>.

FIGUEIREDO, E. **Desfazendo o gênero:** A teoria queer de Judith Butler. Criação & Crítica, n.20, p.40-50, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138143>>.

GONÇALVES, J. A.; CARVALHO, A. R. R. F. **Lesbianidade e Psicologia na contemporaneidade:** Uma revisão sistemática. Gênero, v.20, n.1, p.135-156, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/rg.v20i1.38495>>.



O ALCOOLISMO NA VELHICE E SUAS REPERCUSSÕES BIOPSISSOCIAIS

Trabalho solicitado no componente curricular Desenvolvimento III: Velhice.

Ana Clara dos Santos Lima, anadslima101@gmail.com; Hannah Nacif Baião Nunes, hannahnaciff@gmail.com; Janaína Câmara Rebouças, janac.reboucas@gmail.com; Jayna Marques dos Santos Alves, souljayna@gmail.com; Maria Luiza Cysne de Sousa, m Luizacysne@gmail.com; Pedrina da Conceição Pereira, pedrina.co.pereira@gmail.com

Orientadora: Professora Dr^a Kátia Jane Chaves Bernardo, katiajanebernardo@gmail.com

RESUMO

Introdução: O processo de envelhecimento é atravessado por diversos marcadores biopsicossociais, de gênero e de raça, que provocam implicações e repercutem na saúde mental do idoso. A perda de entes queridos, aposentadoria, e a solidão, são exemplos de situações que caracterizam alterações sociais de possível impacto sobre o sofrimento psíquico desse grupo. Ante essas mudanças, o idoso torna-se mais vulnerável a hábitos nocivos à sua saúde, como o uso abusivo do álcool. **Objetivo:** Identificar os impactos biopsicossociais do alcoolismo na velhice. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter exploratório. Foi realizada revisão bibliográfica narrativa, nas bases de dados SCIELO, Google Acadêmico, LILACS, Medline e Periódico CAPES. Usou-se como critérios de inclusão a) estar publicado no idioma português; b) estar disponível na íntegra online gratuitamente c) ter sido publicado entre 2014-2021. A busca bibliográfica resultou em 30 artigos, sendo selecionados 5 artigos por atenderem aos critérios estabelecidos. **Resultados:** Os artigos evidenciam que no processo de envelhecimento encontra-se uma propensão ao consumo excessivo de álcool, por ser um período em que esses sujeitos enfrentam grandes mudanças. Tal abuso é preocupante por se tratar de pessoas mais sensíveis aos efeitos biopsicossociais do álcool. **Conclusão:** O alcoolismo é um dos principais problemas de saúde pública e, na velhice, torna-se um agravante para a saúde do idoso. São necessárias mais pesquisas que busquem o aprofundamento do tema, assim como o planejamento de programas de intervenção voltados para os(as) velhos(as) de forma a minimizar os agravantes do processo de envelhecimento e, concomitantemente, o uso abusivo de álcool.

Palavras-chave: Alcoolismo. Velhice. Fatores Biopsicossociais.



INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional tem se tornado cada vez mais presente na realidade do Brasil desde os anos de 1960, devido à redução nas taxas de fecundidade e mortalidade. Assim, diversas projeções da população do país indicam que com o passar dos anos, todo o aumento populacional será concentrado no público idoso (LIMA, 2014). Esse processo de envelhecimento é atravessado por diversos desafios ante as alterações físicas e funcionais, os estigmas sociais, e às diversas mudanças e perdas simbólicas que acarretam danos significativos à saúde psíquica desses indivíduos (GAIARSA, 1986 apud MARTINS, 2014). Desse modo, a emergência de novas situações, como: aposentadoria, perda de entes queridos, afastamento social e a solidão, caracterizam algumas alterações sociais de possível impacto ao sofrimento psíquico desse grupo (DEOLINO, 2015). Frente a isso, segundo Costa et al. (2017), os idosos tornam-se vulneráveis a hábitos nocivos à saúde, dentre eles, o abuso alcoólico. De acordo com o relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 2004, o problema com bebidas alcoólicas ocupa o primeiro lugar no ranking brasileiro dentre os fatores que contribuem para a redução da expectativa de vida saudável (MARTINS, 2014). Ademais, apesar de ser uma doença crônica, o alcoolismo raramente é diagnosticado entre os idosos, tendo em vista que muitos deles não relatam o seu consumo alcoólico, seja por medo, vergonha, estilo de vida ou isolamento (DEOLINO, 2015). Logo, o presente estudo busca indentificar quais especificidades acometem o alcoolismo na população velha, considerando os possíveis impactos biopsicossociais particulares desse grupo.

METODOLOGIA

O presente estudo se trata de uma pesquisa qualitativa exploratória, na qual foi realizada uma revisão bibliográfica. Para tal, foram percorridos os seguintes passos: 1) identificação da questão norteadora; 2) definição dos critérios de inclusão e exclusão; 3) busca e seleção dos estudos; 4) avaliação dos estudos selecionados; 5) interpretação dos resultados; 6) apresentação da síntese da pesquisa. Sendo assim, a questão norteadora para esta revisão é: “Quais os impactos biopsicossociais do alcoolismo na velhice?”. Para



tanto, os critérios de inclusão definidos foram: a) estar publicado no idioma português; b) estar disponível na íntegra online gratuitamente nas bases de dados eleitas; c) ter sido publicado entre 2014-2021. Para critérios de exclusão foram determinados: a) produções que não respondessem à questão norteadora; b) artigos científicos repetidos nas bases de dados; c) outros artigos de revisão. As bases de dados utilizadas foram: LILACS, SCIELO, Google Acadêmico, Medline e Periódico CAPES. Para a seleção das amostras foi empregada como estratégias de busca, a combinação dos descritores: Alcoolismo com dois cruzamentos: velhice AND alcoolismo, idosos AND alcoolismo e o cruzamento abuso de álcool AND idosos. O levantamento dos dados ocorreu em outubro de 2021. A busca bibliográfica resultou em 30 artigos, na qual foram eleitos 5 artigos para a discussão, mediante os critérios de inclusão descritos acima.

RESULTADOS

As pesquisas encontradas mostram que o número de idosos que fazem uso abusivo de álcool é maior do que entre os jovens de 18 a 34 anos. Logo, esse torna-se um problema de saúde pública que merece atenção e cuidado, sendo responsabilidade do SUS em todos os seus níveis de atenção. Segundo os dados apontados por Lima (2014) em concordância com os estudos de Deolino (2015) e Costa et al (2017), essa população é, na sua maioria, de homens de baixa renda e pode ser dividida entre um consumo precoce (antes dos 45 anos) e um consumo tardio (após os 45 anos).

Deolino (2015) traz que esse público tem uma maior propensão ao consumo excessivo de álcool por estarem em um período da vida em que enfrentam grandes mudanças nos papéis sociais, perda de amigos e familiares, isolamento, declínio da saúde e maior limitação financeira. “Diante do descaso e das angústias sofridas pelo “peso da idade”, alguns idosos buscam o consolo no álcool como um remédio/refúgio para o sofrimento” (MARTINS, 2014, p. 1). De forma geral, os estudos sugerem que o abuso de álcool nessa faixa etária é preocupante por se tratar de indivíduos mais sensíveis aos efeitos biopsicossociais da bebida, propensos a desenvolver problemas de hipertensão, diabetes e outras consequências como quedas, fraturas, transtornos psicológicos e má nutrição. Além disso, os sujeitos nessa faixa etária costumam utilizar remédios para a



manutenção da saúde e esses, associados ao álcool, podem gerar graves consequências. Outro aspecto preocupante encontrado nas pesquisas é o fato de que o diagnóstico de alcoolismo nesse período da vida nem sempre é feito devido a associação das doenças decorrentes do alcoolismo com as doenças próprias do envelhecimento. Guimarães e Tavares (2019) ainda destacam que o abuso e dependência alcoólica na velhice estão diretamente ligados a quadros psicóticos, de ansiedade, demência e, com maior frequência, depressão. Martins (2014) também ressalta que o uso abusivo da substância gera modificações notórias no comportamento desses indivíduos (muitos tornam-se agressivos e violentos, outros isolam-se ainda mais) tornando difícil a manutenção de um convívio social e familiar saudável levando, conseqüentemente, a brigas, divórcios, rompimento de laços e abandono.

CONCLUSÃO

O uso do álcool é socialmente, assim como legalmente, aceito e pode ser inserido na vida da pessoa através de influências culturais, socioeconômicas, religiosas, familiares entre outras (MARTINS, 2014). Todavia, o abuso dessa droga oferece consequências e impactos na vida do indivíduo numa esfera biopsicossocial, e há especificidades quando se trata de abuso entre a população idosa. Os estudos referentes ao alcoolismo na velhice apresentam que o abuso de álcool feito por pessoas idosas contribui para o desenvolvimento ou agravamento de hipertensão e diabetes, além de aumentar o risco de quedas e fraturas. Ademais, é evidenciado por Guimarães e Tavares (2019) o prejuízo resultante da associação entre álcool e medicação - a qual é normalmente usada decorrente aos problemas de saúde que os idosos têm no geral - e a relação entre o abuso de álcool na velhice e a presença de quadros psicóticos, demência, ansiedade e depressão. Por fim, é valoroso considerar o uso abusivo desta droga como causador de modificações no comportamento das pessoas velhas, tornando, desse modo, conflituoso o convívio social e familiar. São necessárias mais pesquisas que aprofundem o tema, assim como o planejamento de programas efetivos de intervenção voltados para os(as) velhos(as) com o objetivo de minimizar os agravantes do processo de envelhecimento e, concomitantemente, o uso abusivo de álcool.



REFERÊNCIAS

COSTA, Iluska et al. Aspectos relacionados ao abuso e dependência de álcool por idosos. Biblioteca Virtual em Saúde: Rev enferm UFPE On Line, Recife, ano 2017, 29 out. 2021. DOI 10.5205/reuol.10827-96111-1. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1032151>. Acesso em: 14 out. 2021.

DEOLINO, Suênia. CONSUMO E ABUSO DE ÁLCOOL EM IDOSOS DA COMUNIDADE. Orientador: Prof.^a Mestra Cecília Danielle Bezerra Oliveira. 2015. 57 p. CONSUMO E ABUSO DE ÁLCOOL EM IDOSOS DA COMUNIDADE (Bacharel em Enfermagem) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2015. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/4448?locale-attribute=es>. Acesso em: 17 out. 2021.

GUIMARÃES, MSF, TAVARES, DMS. Prevalência e fatores associados ao abuso e provável dependência de álcool entre idosos. Texto Contexto Enferm [Internet]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0078>. Acesso em: 15 out. 2021.

LIMA, Ana Kelly. IDOSOS DO GRUPO ALCOÓLICOS ANÔNIMOS: HISTÓRICO DE USO DE ÁLCOOL E TRATAMENTO. Orientador: Verbena Sandy. 2014. 91 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Serviço Social.) - Centro Superior do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: <http://ww2.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/monografias/graduacao/8-servico-social/805-idosos-do-grupo-alcoolicos-anonimos-historico-de-uso-de-alcool-e-tratamento>. Acesso em: 15 out. 2021.

MARTINS, Karina. A dependência do álcool na dialética do envelhecimento. Revista Cocar, [s. l.], ano 2014, v. 8, ed. 16, 27 mar. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/374>. Acesso em: 15 out. 2021



As ressignificações afetivas e sexuais da população universitária: histórias de vida de estudantes da UNEB

Trabalho de Iniciação Científica

Thiago Dias Carvalho; carvalhothiagodias@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Edleusa Nery Garrido; edleusagarrido@yahoo.com.br

RESUMO

A entrada na universidade significa mais que a aquisição de técnicas e teorias para uma atuação profissional, por possibilitar o ingresso em novas redes de sociabilidade e a tomada de novas formas de pensar sobre si e o mundo. Assim, questiona-se como a universidade pode ser um local onde o ingressante vivencia e repensa sua sexualidade e afetividade, além da cisheteronorma. Objetivou-se compreender as ressignificações afetivas e sexuais de estudantes universitários, como identificavam seus padrões afetivos e sexuais antes e depois da entrada na universidade, refletindo sobre seus desafios e apoios. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco estudantes do *campus* I da Universidade do Estado da Bahia. Os dados foram submetidos à análise temática. Observou-se heterogeneidade na autodescoberta e autoaceitação de indivíduos cisheterodissidentes, sendo a LGBTIA+fobia internalizada um complicador nessa trajetória, provocando comportamentos autodestrutivos. Pessoas que já se viam como LGBTIA+ antes da universidade relatam maior autodescobrimento após o ingresso nesse espaço. Ademais, houve narrativas sobre experimentação sexual na universidade para confirmar ou descartar determinada identidade. Percebeu-se o amadurecimento de questões sobre saúde sexual e relacionamentos amorosos. Entretanto, a UNEB foi considerada ambígua, por não estar livre de preconceitos. Em conclusão, verificou-se que o ingresso na universidade propulsionou novas formas de se enxergar para os entrevistados. Contudo, o preconceito nesse espaço precisa ser combatido. Observou-se também a necessidade de campanhas contra relacionamentos abusivos e sobre saúde sexual. Outros estudos são sugeridos de modo a aprofundar a discussão sobre o tema.

Palavras-chave: Universidades. Construção social da identidade. Sexualidade.

INTRODUÇÃO

A entrada na universidade proporciona, para além da aquisição formal de técnicas e teorias para uma futura ocupação profissional, o ingresso em novas redes de sociabilidade que influenciam no surgimento de novas formas de pensar sobre si e sobre



o mundo ao redor. Para mais, uma vez que o ingresso no mundo acadêmico pode significar estar longe de suas famílias, tais jovens passam a viver uma liberdade muito maior em relação a sua sexualidade e afetividade do que em momentos anteriores de suas vidas.

Diante disso, eles podem engajar em situações relacionados à *scripts* de experimentação sexual, como ir a festas e bares, lugares que Kuperberg e Padgett (2014) relacionam com uma vivência maior de relações mais casuais. Complementando essa perspectiva, Kalish e Kimmel (2011) discorrem como as relações casuais têm sido cada vez mais preferidas entre os jovens universitários, já que entrar num relacionamento mais sério significaria gastar um tempo com outra pessoa que esse sujeito poderia fazer uso para investimento no próprio futuro e carreira.

Ademais, é possível dizer também que a natureza dessas experimentações sexuais e afetivas que esses jovens têm na universidade pode ir para além da cisheteronorma, servindo para a construção de uma identidade sexual contra-hegemônica. Kuperberg e Walker (2018) ao investigar as práticas sexuais de estudantes autointitulados heterossexuais, mas que se envolveram sexualmente com pessoas do mesmo gênero, perceberam que alguns estudantes mais conservadores podem ter maior dificuldade para assumir uma identidade cisheterodissidente, mesmo tendo gostado da experiência. As autoras concluem que, uma vez superadas essas questões, tais estudantes podem se juntar às pessoas que não tiveram sentimentos negativos nessas relações, e declarar-se LGB+ futuramente.

Por sua vez, a literatura brasileira, a despeito do crescimento que têm ocorrido nos últimos anos de trabalhos que tratam da experiência de estudantes LGBTIA+ no espaço acadêmico, tem predominância de trabalhos sobre os comportamentos de risco dos universitários e seus conhecimentos a respeito das práticas preventivas contra gravidez e infecções sexualmente transmissíveis (PIROTTA; CIBELLE, 2008; BRAGA *et al.*, 2009; SPINDOLA *et al.*, 2018), revelando lacunas que precisam ser preenchidas.

Com essas questões em mente, esse estudo objetivou compreender as ressignificações afetivas e sexuais daqueles que ingressam na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Além disso, buscou-se caracterizar os sujeitos pesquisados, discutindo como identificavam seus padrões afetivos e sexuais antes e depois da entrada na



universidade. Por fim, pretendeu-se refletir sobre os desafios e os elementos encorajadores desses processos durante o percurso acadêmico desses discentes.

METODOLOGIA

Esse foi um estudo qualitativo de caráter exploratório que faz parte do projeto “TRAJETÓRIAS ESTUDANTIS E QUESTÕES EMERGENTES NA EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA”, de autoria da Profa. Dra. Edleusa Nery Garrido, que submeteu tal trabalho ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNEB, com parecer de aprovação nº 2.532.720 em 08/03/2018.

A técnica usada para coletar os dados foi a de história de vida, a qual é uma forma de compreender, por meio dos depoimentos dos participantes, os processos de socialização, as estruturas da sociedade e como os indivíduos encaram aquilo que eles vivem (MINAYO, 2014). As histórias de vida dos sujeitos foram captadas através de entrevistas semiestruturadas. A amostra foi composta por cinco estudantes, acima do quarto semestre do seu curso, do *campus* I da UNEB e que faziam parte dos departamentos de Ciências da Vida e Educação. Os entrevistados foram encontrados através da amostragem por conveniência e técnica da bola de neve.

Os dados foram submetidos a uma análise temática, conforme proposta por Clarke, Braun e Hayfield (2020). Assim, os dados foram lidos e relidos, codificados e aglutinados em categorias semelhantes. Por fim, o conteúdo das entrevistas foi comparado com a literatura vigente sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No estudo foi percebido como a autodescoberta e autoaceitação dos indivíduos de identidades cisheterodissidentes pode ser diferente para cada indivíduo, sendo a LGBTIA+fobia e a cisheteronorma que atravessam a sociedade um fator que pode dificultar essa trajetória. Nesse aspecto, a socialização dentro da família, escola e outros espaços que essas pessoas viviam desde muito jovens as direcionavam para a identidade tida como a norma, confluindo com os constructos de Lauretis (2019) e Martins (2019), que põe esses espaços como disciplinadores daqueles que tentam desviar-se do que é tido como natural.



Foi visto também que as experiências de preconceito vividas por esses sujeitos podem ser internalizadas, motivando-os a tomarem atitudes e adotarem comportamentos negativos direcionados a si. Com isso, atitudes como desejar mudar a própria sexualidade, duvidar dessa identidade ou, ainda, ter comportamentos autodestrutivos, tais como as práticas sexuais de risco, foram trazidas nas entrevistas, estando de acordo a literatura visitada acerca do preconceito internalizado (ANTUNES, 2017).

Os estudantes declaradamente LGBTIA+ antes da entrada na universidade afirmaram que o ingresso no ensino superior incentiva maior autodescoberta, fortalecendo essa identidade contra-hegemônica, a partir das amizades e discussões decorrentes desse local. Ocorreram também narrativas sobre a aquisição de uma identidade sexual diferente da cisheteronorma após o ingresso na UNEB, concordando com a discussão proposta por Kuperberg e Walker (2018) sobre a experimentação sexual na universidade como uma forma de confirmar ou descartar uma identidade.

Houve o amadurecimento dos entrevistados de questões relacionadas à saúde sexual, com as práticas sexuais de risco sendo problematizadas e repensadas, tais como uso inconstante de camisinha e compulsão sexual. Foi visto que relações amorosas mais sérias eram inicialmente desconsideradas, havendo ingresso dos estudantes em festas e outros contextos de relações casuais, com posterior mudança desse padrão.

Entretanto, ao mesmo tempo em que a universidade foi considerada um local seguro para se descobrir, ela é vista como contraditória, por não estar livre de preconceitos. A cidade de Salvador também saiu da idealização em que era colocada por ser uma cidade grande, pelo fato desses locais frequentemente serem vistos como uma resolução para os problemas de indivíduos LGBTIA+ de cidades pequenas, onde suas vivências podem ser restringidas (LIMA; CERQUEIRA, 2012). Chegando em Salvador eles percebem que, apesar da maior liberdade para poder ser e explorar quem são, preconceito e violência ainda são realidades possíveis.

Por fim, a pesquisa aborda como as pessoas cisheterodissidentes estão inseridas majoritariamente em redes de apoio ambíguas, sendo a primeira delas a família. Assim, percebeu-se que os estudantes passavam, ou sentiam medo de passar pela rejeição de seus familiares, com a saída do armário sendo uma atitude temida pelos impactos negativos que pode trazer na relação com os entes. Além da família, a comunidade LGBTIA+ foi



uma rede muito presente na fala dos estudantes para fortalecimento na sensação de pertencimento dentro da universidade e nas adversidades do cotidiano.

Todavia, essa mesma comunidade não está livre de perpetuar preconceitos sobre pessoas próximas a si, sobretudo sujeitos bissexuais. Jaeger *et al.* (2019) abordam isso quando afirmam que bissexuais têm sua identidade invisibilizada, questionada ou, até mesmo, associada a acometimento por infecções sexualmente transmissíveis. Concluindo, um dos outros elementos citados foi a psicoterapia, mas não uma psicoterapia ambígua, mas sim uma que buscou potencializar as pessoas que a procuraram para conseguir viver de forma mais plena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ingresso na universidade foi considerado um propulsor para reconfigurações afetivas e sexuais, inclusive para aqueles que já tinham uma maior noção de si desenvolvida. Contudo, o preconceito nesse espaço precisa ser combatido. Com isso, foram recomendadas medidas contra a LGBTIA+fobia presentes no campus da UNEB, tais como treinamento de professores e dos demais funcionários da universidade a respeito dessa temática, além da promoção dentro do campus de debates acerca das demandas e saberes da população LGBTIA+. Ademais, observou-se a necessidade de campanhas sobre a saúde sexual dos universitários, e a conscientização e combate aos relacionamentos abusivos. Mais pesquisas são necessárias para que, através de um público mais diversificado, com pessoas de outras áreas do conhecimento e homem monodissidentes (bissexuais, pansexuais e etc), a temática seja mais bem compreendida.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, P. P. S. **Homofobia internalizada**: o preconceito do homossexual contra si mesmo. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2017.
- CLARKE, V; BRAUN, V; HAYFIELD, N. Análise Temática. *In*: SMITH, J. A (Ed.). **Psicologia Qualitativa**: um guia prático para métodos de pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 295-327.
- JAEGER, M. B. *et al.* Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. **Periódicus**, Salvador, vol. 2, n. 11, p. 01-16, maio/out. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/peri.v2i11.28011>. Disponível em:



<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/28011>. Acesso em: 10 out. 2020.

KALISH, R.; KIMMEL, M. HOOKING UP: Hot Hetero Sex or the New Numb Normative?. **Australian Feminist Studies**, [Reino Unido], vol. 26, ed. 67, p. 137-151, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1080/08164649.2011.546333>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/08164649.2011.546333?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 10 set. 2020.

LAURETIS, T. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 121-157.

KUPERBERG, A.; PADGETT, J. E. Dating and Hooking Up in College: Meeting Contexts, Sex, and Variation by Gender, Partner's Gender, and class Standing. **Journal of Sex Research**, [Reino Unido], vol. 52, ed. 5, p. 517-531, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/00224499.2014.901284>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00224499.2014.901284?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 12 set. 2020.

KUPERBERG, A.; WALKER, A. M. Heterosexual college students who hookup with same-sex partners. **Archives of sexual behavior**, [Estados Unidos da América], vol. 47, ed. 5, p. 1387-1403, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1194-7>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10508-018-1194-7>. Acesso em: 20 set. 2020.

LIMA, A.; CERQUEIRA, F. A. Identidade homossexual e negra em alagoinhas. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 1, p. 269-286, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2262>. Acesso em: 01 jun. 2021.

MARTINS, J. G. B. A.; FIGUEIREDO, L. S.; ARAGÃO, J. A.; SANTOS, L. G.; SOUSA, E. A. Sexualidades e bullying homofóbico na escola. **REVISTA INTERSABERES**, v. 14, n. 32, p. 445-472, 6 set. 2019. DOI: <https://doi.org/10.22169/revint.v14i32.1594>. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/1594>. Acesso em: 02 jun. 2021.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14 ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

PIROTTA, M.; CIBELLE, K. Não há guarda-chuva contra o amor: estudo do comportamento sexual e reprodutivo e de seu universo simbólico entre jovens universitários, 2002. **Saúde Coletiva**, São Paulo, vol. 5, n. 26, p. 232-237, jan./fev. 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84202603>. Acesso em: 28 set. 2020.

SPINDOLA, T. *et al.* Jovens universitários e o conhecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 2, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452018000200208&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 29 set. 2020.



OFICINA VIRTUAL COM IDOSAS NA PANDEMIA DE COVID-19: UMA ESTRATÉGIA DE CUIDADO

Relato de experiência de Monitoria de Extensão

Elizabeth de Jesus Santos, elizasantos350@gmail.com; Jamile de Souza Carvalho da Silva, jamile.carvalho13@hotmail.com; Kelly Clécia dos Santos, clecia.santos352@gmail.com, Lucas Magalhães da Conceição, lucas.magalhaes.goode@gmail.com; Ronald Santos de Santana, ssantana.ronald@gmail.com; Sayuri Yandra Dutra .com

Orientador(a): Kátia Jane Chaves Bernardo, katiajanebernardo@gmail.com da Silva,

RESUMO

Introdução: A pandemia de COVID-19 e a medida de distanciamento físico têm como um de seus efeitos o isolamento social, impactando com maior gravidade as pessoas idosas. Esta situação pode impor barreiras à participação social desses sujeitos e afetar significativamente o autocuidado, podendo culminar em diversas perdas físicas, sociais e cognitivas. **Objetivo:** O projeto de extensão "Oficina Além do Horizonte" tem como objetivo realizar intervenções psicossociais virtuais com idosas participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade do campus I da Universidade do Estado da Bahia. **Metodologia:** São realizados encontros semanais síncronos e assíncronos. As atividades desenvolvidas abrangem videochamadas em grupo, bem como dinâmica do Anjo Virtual, exercícios de estimulação cognitiva e divulgações diversas, através do *WhatsApp*. A psicoeducação e a estimulação de funções cognitivas são estratégias metodológicas utilizadas. O grupo é formado por 14 mulheres com idades entre 62 e 81 anos. **Resultados e Discussões:** Percebe-se que os processos de socialização, valorização dos conhecimentos prévios e dos sentimentos das participantes, promovidos pelas atividades desenvolvidas, podem facilitar a criação de vínculos afetivos, a oferta de apoio social e contribuir para o processo de aprendizagem. **Considerações finais:** A participação na oficina pode contribuir significativamente para o bem-estar psicológico das idosas, mediante a oferta de cuidado à distância e a promoção da participação social.

Palavras-chave: Intervenção Psicossocial. Oficina Virtual. Cuidado. Envelhecimento. COVID-19.

INTRODUÇÃO

No Brasil, utiliza-se o marco cronológico que considera idoso(a) o indivíduo que possui 60 anos ou mais de idade, como definido pela Política Nacional do Idoso - PNI



(IPEA, 2016). Sousa et al. (2020) apontam que a mudança na pirâmide etária populacional, caracterizada pelo crescimento da população idosa ao longo do tempo, é um fenômeno recorrente no mundo e de acelerado progresso no Brasil.

A OMS concebe o Envelhecimento Ativo como um “processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida” dos sujeitos no curso de seu envelhecimento (OMS, 2005, p.13). Ressalta-se que a utilização do termo “ativo” é referente à inclusão do indivíduo nos âmbitos econômico, cultural, social, civil e espiritual, independente de suas habilidades físicas ou de estarem, ou não, ativos com relação às atividades laborais. A partir dessa perspectiva, as pessoas idosas podem contribuir de maneira ativa com seu círculo social (OMS, 2005).

Segundo Bezerra, Nunes e Moura (2021), um dos fatores que pode afetar diretamente e impor barreiras à participação social da pessoa idosa é o isolamento social. Diante da pandemia de COVID-19, a medida de distanciamento físico tem como um de seus efeitos o agravamento dessa situação, impactando com maior gravidade os idosos (SILVA JÚNIOR, 2020). O autor também salienta que a população idosa, nesse contexto, se configura como uma parcela populacional que experimenta com maior frequência consequências emocionais graves, como sentimentos de solidão, depressão e ansiedade. Ademais, esse tipo de vivência prejudica significativamente o autocuidado, podendo culminar em diversas perdas físicas, sociais e cognitivas (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2020).

A adoção de estratégias que minimizem os efeitos do distanciamento físico é fundamental para promoção da saúde mental desta parcela da população neste momento atípico. A Fundação Oswaldo Cruz (2020) também recomenda os recursos digitais, como mensagens de texto, áudio e vídeo, como estratégia para incentivar e facilitar as conexões das pessoas idosas com sua rede de apoio enquanto o contato face-a-face não é possível. No entanto, é necessário ressaltar a existência de desigualdades na posse e no uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), como celular, computador, *notebook* e internet. Quando considerados raça, renda e localização geográfica, essas desigualdades podem aumentar no acesso às TICs (KNOP, 2020).

A Oficina virtual “Além do Horizonte” toma como referência a "Oficina Ô de Casa: Abrindo as Janelas da Vida", que também foi realizada virtualmente em 2020, pelo



Serviço de Psicologia da UNEB. O projeto "Além do Horizonte" está vinculado à Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), da UNEB, programa que tem como objetivo geral proporcionar atividades de ensino e de extensão de formação continuada para sujeitos idosos (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, 2020). Devido à pandemia, foi necessário adaptar as vivências na UATI ao ambiente virtual e, para isso, a utilização das TICs torna-se uma aliada ao cuidado à distância e a promoção da participação social do idoso. Assim, o projeto "Além do Horizonte" provém da necessidade de desenvolvimento de ações de promoção do cuidado e bem-estar junto à população idosa durante a pandemia e tem como objetivo realizar intervenções psicossociais virtuais com idosos participantes da UATI.

MÉTODO

As inscrições para a oficina foram realizadas através da coordenação da UATI e dos monitores, que utilizaram o grupo de *WhatsApp* da oficina de 2020. A efetivação da inscrição se deu através do preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Informado. Também foi utilizado um formulário do *Google Forms* no intuito de conhecer o perfil das participantes, incluindo dados socioeconômicos, acesso à internet e dispositivos digitais. O projeto teve início em maio de 2021 e será finalizado em dezembro do mesmo ano.

Quanto à composição, o grupo é exclusivamente feminino: 14 mulheres com idades entre 62 e 81 anos e todas com acesso a aparelho celular e a *Wi-Fi* em casa. Às terças-feiras pela manhã acontecem encontros síncronos no *Google Meet*, com duração de 01h30min, quando são desenvolvidas discussões e atividades de temas relacionados ao processo de envelhecimento, funções cognitivas, além de questões relevantes ao atual contexto de pandemia. As estratégias metodológicas utilizadas são a psicoeducação (RABELO, NERI, 2013) e a estimulação de funções cognitivas (SOUZA et al., 2009; PESSOA et al., 2016). Ainda na terça-feira, é realizada a atividade “Anjo Virtual”, em que cada participante recebe o contato de outra, tornando-se responsável por conversar com aquela pessoa durante a semana.

Na quarta-feira, propõem-se exercícios e desafios de estimulação cognitiva no grupo da oficina no *WhatsApp*. Na sexta-feira, quinzenalmente, divulga-se sugestões



diversas, que podem ser produção audiovisual ou literária relacionada aos encontros, informações qualificadas sobre assuntos que contemplam os objetivos da oficina ou exercício de alongamento e respiração.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grupo é composto exclusivamente por mulheres idosas, o que aponta para o fenômeno de feminização da velhice, que corresponde “[...] a maior proporção de mulheres que de homens na população idosa, especialmente em idades mais avançadas.” (SOUSA et al., 2018, p. 2).

A partir do que foi observado até o momento quanto às interações entre as participantes, percebe-se que os processos de socialização e valorização dos conhecimentos prévios e sentimentos do grupo, promovidos pelas atividades síncronas e assíncronas, podem facilitar a criação de vínculos afetivos e a oferta de apoio social. Em especial, a dinâmica do Anjo Virtual tem promovido interações e trocas significativas entre as idosas, facilitando identificações, resgate de memórias e novas amizades. Tais resultados encontram-se em consonância com os efeitos observados nos programas de Universidades Abertas à Terceira Idade (GARCIA, LEONEL, 2007; CACHIONI, NERI, 2012).

Diversos estudos citados por Guedes et al. (2017) (MELCHIORRE et al. 2013; NERI; VIEIRA 2013; FREITAS et al. 2016; JOHNSON, 2014), assinalam a importância da rede de apoio em variados âmbitos da vida dos idosos. Esses estudos, ainda de acordo com Guedes et al. (2017), apontam que o apoio social, ou suporte social, oferecido pela rede de apoio à pessoa idosa favorece o bem-estar psicológico e social dos idosos, contribuindo para o controle das situações estressantes e enfrentamento das adversidades da vida. Guedes et al. (2017) também refletem sobre o manejo do apoio social como estratégia do cuidado integral à saúde dessa população. Com o devido apoio, as pessoas idosas podem permanecer ativas, autônomas e independentes por tanto tempo quanto for possível (VERAS, CALDAS, 2004; OMS, 2005).

Observamos também que, à medida que o grupo cria laços qualitativos entre si e a confiança se estabelece, as participantes apresentam um movimento de abertura,



expondo suas experiências, pensamentos e sentimentos com mais autenticidade e espontaneidade. Scola e Seminotti (2013) discutem o fenômeno da abertura como processo importante no desenvolvimento grupal ao favorecer o desenvolvimento pessoal, as comunicações interpessoais e o alcance dos objetivos do grupo.

Durante todo o trabalho na oficina, busca-se promover a psicoeducação de forma que exista um diálogo entre as informações trazidas e as vivências pessoais, percepções e estratégias de resoluções de problemas compartilhadas pelas participantes. Através da psicoeducação, almeja-se desmistificar algumas noções do senso comum, que focam em aspectos negativos do processo de envelhecimento, como a perda de memória. Portanto, diante de um contexto em que é possível observar ansiedade e medo frente às perdas que o processo de envelhecimento pode causar na vida das participantes, compreender aspectos dessas funções cognitivas pode auxiliá-las a enxergarem essa fase do ciclo vital humano de maneira mais elucidada e menos negativa.

Os processos de socialização e as trocas observadas a partir das atividades propostas, especialmente o Anjo Virtual, podem ser capazes de promover o fator terapêutico de coesão grupal. Segundo Yalom e Leszcz (2006), a coesão grupal refere-se a dimensões sobrepostas do relacionamento terapêutico entre paciente e o terapeuta do grupo (ou terapeutas, se houver co-facilitadores), entre paciente e os outros membros do grupo, e entre o indivíduo e "grupo" como um todo. Os referidos autores definem a coesão grupal como “[...] o resultado de todas as forças que agem sobre todos os membros, de maneira que permaneçam no grupo, ou, de forma mais simples, a atração de um grupo por seus membros.” (YALOM, LESZCZ, 2006, p. 62).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível inferir que a participação na oficina pode contribuir para o bem-estar psicológico das idosas, ao promover a criação de vínculos afetivos, oferta de apoio social e aprendizagem. Tais resultados preliminares podem ser eficazes para minimizar os efeitos do contexto atual e para manutenção da autonomia e independência da pessoa idosa. Além disso, o distanciamento físico não impede a realização de atividades capazes de auxiliar na manutenção da saúde mental e de estimular a socialização e aprendizagem



da população idosa por meio das TICs, cujo uso é priorizado e ampliado no cenário pandêmico. É necessário considerar os contextos dos idosos para não agravar a exclusão tecnológica deste público.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, P. A., NUNES, J. W.; MOURA, L. B. A. Envelhecimento e isolamento social: uma revisão integrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 34, p. 1-9, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ape/a/yWmVrhzcDq8mfZCvLFfj8yq/?lang=pt>>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- KNOP, M. F. T. **Desigualdade digital e desigualdade social no Brasil**. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/evlhecimento_saude_pessoa_idosa.pdf. Acesso em: 26 jun. 2021.
- CACHIONI, M.; NERI, A. L. Educação e velhice bem-sucedida no contexto das universidades da terceira idade. In.: **Velhice bem-sucedida: Aspectos afetivos e cognitivos**. NERI, A. L.; YASSUDA, M. (orgs.). Campinas: Papirus, 2012.
- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19: recomendações aos trabalhadores e cuidadores de idosos**. Brasília: 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/41686/2/CartilhaIdoso.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.
- GARCIA, A.; LEONEL, S. B. Relacionamento interpessoal e terceira idade: a mudança percebida nos relacionamentos com a participação em programas sociais para a terceira idade. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 2, n. 1, p. 130-139, 2007. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/14artigo.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.
- GUEDES, M. B. O. et al. Apoio social e o cuidado integral à saúde do idoso. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 1185-1204, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312017000400017>>. Acesso em: 20 set. 2021.
- IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Política nacional do idoso: velhas e novas questões**. Alexandre de Oliveira Alcântara, Ana Amélia Camarano, Karla Cristina Giacomini (Orgs.). Rio de Janeiro: Ipea, p. 615, 2016. Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2016/10/Pol%C3%ADtica-Nacional-do-Idoso-velhas-e-novas-quest%C3%B5es-IPEA.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.



NERI, A. L. Conceitos e teorias sobre envelhecimento. In: MALLOY-DINIZ, L.; FUENTES, D.; CONSENZA, R. M. **Neuropsicologia do Envelhecimento: Uma Abordagem Multidimensional**. Porto Alegre: Artmed, 2013. Disponível em: <https://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_016.pdf>. Acesso em: setembro de 2021

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Traduzido por Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. p. 1-62. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf. Acesso em: 22 set. 2021.

PESSOA, R. M. P et.al. Da Demência ao Transtorno Neurocognitivo Maior: Aspectos Atuais / From Dementia to Major Neurocognitive Disorder: Current Aspects. **Revista Ciências em Saúde**, v. 6, n. 4, p. 5-17, 16 dez. 2016. Disponível em: <http://186.225.220.186:7474/ojs/index.php/rcsfmit_zero/article/view/606>. Acesso em 26 jun. 2021.

RABELO, D. F.; NERI, A. L. Intervenções psicossociais com grupos de idosos. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 43-63, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/20022/14897>. Acesso em: 21 mai. 2021.

SCOLA, L.S.; SEMINOTTI, N. Processo grupal num Grupo de Formação de Coordenadores. **Revista da SBDG**, v. 06, p. 30-42, 2013. Disponível em: <http://www.sbdg.org.br/arquivos/REVISTA-N6/030a42.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.

SOUSA, M. C. et al. O envelhecimento da população: aspectos do Brasil e do mundo, sob o olhar da literatura. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n. 61871-61877, 2020. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/15567>>. Acesso em: 22 set. 2021.

SILVA JÚNIOR, M. D. Vulnerabilidades da população idosa durante a pandemia pelo novo coronavírus. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia [online]**. 2020, v. 23, n. 3 Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbgg/a/jpMqfmC6tvz3MjHLY8D5kw/?lang=pt#>>. Acesso em: 19 jun. 2021

SOUSA, N. F. S. et al. Envelhecimento ativo: prevalência e diferenças de gênero e idade em estudo de base populacional. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 11, p. 1-16, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/CgHpmyrd4pDy3yq5dMLmLbs/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 set. 2021.

SOUZA, P. et al. Oficinas de estimulação cognitiva para idosos com demência: uma estratégia de cuidado na enfermagem gerontológica. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 6, n. 3, 21 nov. 2009. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/305/817>. Acesso em: 28 jun. 2021.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Conselho Universitário. **Resolução N° 1.439/2020, de 29 de dezembro de 2020.** Aprova a Regulamentação do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI/UNEB). Salvador: Conselho Universitário, 2020. Disponível em: <https://portal.uneb.br/conselhos/wp-content/uploads/sites/103/2020/12/1439-consu-Res.-regulamento-UATI.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2021.

VERAS, R. P.; CALDAS, C. P. C. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 9, n. 2, Jun 2004. Disponível em <
<https://www.scielo.br/j/csc/a/tJz7rRmdQSWVbQCJLH5ZM6g/?format=pdf&lang=pt>>

YALOM, I. D.; LESZCZ, M. Coesão grupal. In: _____. **Psicoterapia de grupo: teoria e prática**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 61-78



ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA ATENÇÃO BÁSICA: PROCESSO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE DA POPULAÇÃO IDOSA NA PANDEMIA DA COVID-19

Projeto de Pesquisa – Iniciação Científica

Thais Nery Franca, thaisnery.psiuneb@gmail.com; Kátia Jane Chaves Bernardo, kchaves@uneb.br

Orientador(a): Kátia Jane Chaves Bernardo, kchaves@uneb.br

RESUMO

Introdução: No atual momento, em que vivemos uma pandemia ocasionada pelo Novo Coronavírus, pode ser muito desafiador implantar as diretrizes da Educação em Saúde. A chance de uma evolução desfavorável é significativamente maior na população idosa. Dessa forma, nota-se a necessidade de um olhar especial para essa categoria no processo de Educação em Saúde. **Objetivo:** Essa pesquisa, em andamento, tem como objetivo compreender de que forma os Psicólogos que atuam na Atenção Básica, no município de Salvador-BA, utilizam o processo de Educação em Saúde junto à população idosa, no contexto da Covid-19. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de caráter qualitativo e de natureza exploratória-descritiva e atenderá aos princípios da bioética em pesquisa conforme as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Terá sua coleta de dados realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários. **Resultados Esperados:** Espera-se, com esta pesquisa, contribuir para a aproximação da relação entre a sociedade e a atuação do Psicólogo na Atenção Básica, tendo em vista que o equilíbrio emocional e o cuidado nas relações são partes inquestionáveis da prevenção das doenças, preconizada em programas de atenção como as Unidades Básicas de Saúde/Unidades de Saúde da Família.

Palavras-chave: Educação em Saúde. Idosos. Cuidado. Coronavírus.

INTRODUÇÃO

Frente à pandemia provocada pelo Novo Coronavírus, pesquisadores e equipes da área da saúde e da educação têm levantado preocupações sobre uma das maiores adversidades na atividade dos profissionais de saúde, a implementação das diretrizes da Educação em Saúde. De acordo com esses profissionais de saúde a população tem dificuldade em seguir as recomendações para se prevenir da Covid-19. Além do mais, seguir essas recomendações fica mais difícil hoje em dia em vista do uso das mídias



sociais pois, apesar de serem muito importantes na distribuição de informações, as redes sociais podem conter informações de caráter contestável que são capazes de ocasionar o surgimento de *fake news* que são disseminadas entre a população (PALÁCIO; TAKENAMI, 2020).

Segundo o Ministério da Saúde (2013, p. 19), "a Educação em Saúde é um processo educativo de construção de conhecimentos em saúde que visa à apropriação temática pela população". Podemos, então, observar a importância de uma nova construção no processo de Educação em Saúde, na qual a população idosa possa confiar e construir uma cultura do cuidado, da prevenção e promoção da Saúde.

No cenário vigente, em que vivemos uma pandemia, existe uma chance significativamente maior da população idosa apresentar uma evolução desfavorável do seu estado de saúde devido a Covid-19, especialmente, quando apresentam comorbidades tais como diabetes, cardiopatia e hipertensão, que aumentam os perigos da infecção do Novo Coronavírus, pois, estas comorbidades tornam difíceis para os pacientes lidarem com a doença e se recuperar dela. E, isso tem inferências significativas para o avanço de ações estratégicas na prevenção e tratamento da doença (ARANTES, 2020).

Por isso, vemos a necessidade de um olhar atencioso para o cuidado desse grupo geracional no processo de Educação em Saúde, visto que na velhice encontramos um número considerável de óbitos, principalmente, nas casas de repouso ou em locais de longa permanência para os idosos. Assim, é possível afirmar que a Covid-19 é uma "Grande Síndrome Geriátrica" aguda, que deve ser representada e manuseada de forma adequada (BRASIL, 2021).

Contudo, sabemos que esse olhar não foi assimilado por toda sociedade uma vez que podemos observar certos estigmas, tais como a fragilidade do idoso, só foram reforçados a partir de imagens, vídeos, músicas com exposições para essa classe. Em vista disso, existe uma demanda para a eliminação da visão preconceituosa, estigmatizada e direcionando-a para um processo de ações e estratégias que proponham o acolhimento do sujeito idoso (HAMMERSCHMIDT; SANTANA, 2020).

Portanto, este projeto de iniciação científica justifica-se, pois há uma necessidade de medidas eficazes na conscientização da Educação em Saúde e no enfrentamento emocional/social para com o grupo de risco dos idosos, no cenário pandêmico. Espera-se,



com este estudo, assimilar de que forma os psicólogos empregam a Educação em Saúde na Atenção Básica, considerando o aspecto multirreferencial do cuidado nesse processo educativo da população idosa.

Em vista disso, a presente pesquisa tem como objetivo compreender de que forma os Psicólogos que atuam na Atenção Básica, no município de Salvador-BA, utilizam o processo de Educação em Saúde junto à população idosa, no contexto da Covid-19. Para se aproximar deste objetivo planeja-se circunscrever o conceito de Educação em Saúde; identificar o apoio psicossocial oferecido pelos psicólogos nas Unidades de Saúde aos pacientes idosos; compreender a relação do trabalho interdisciplinar desse profissional de Psicologia em conjunto a uma equipe de Saúde da Família na elaboração da Educação em Saúde na Atenção Primária (Salvador/BA).

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa, em andamento, de caráter qualitativo e de natureza exploratória-descritiva. É considerada pesquisa qualitativa, visto que responde a questões que não podem ser quantificáveis e é um estudo exploratório, pois visa compreender um fenômeno novo que ainda carece de hipóteses explicativas. Envolverá a análise e a identificação de como os (as) psicólogos (as) que atuam há mais de 6 meses em Unidades de Saúde e Programas de Saúde da Família operam no processo de Educação em Saúde, junto aos idosos, no atual cenário da Covid-19 na Atenção Básica, no município de Salvador. Será realizado um estudo de campo por meio de entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários. Um diário de campo será utilizado como instrumento de apoio para o registro das informações.

Após a análise dessas experiências, será feito um aprofundamento na abordagem interpretativa, crítica e compreensiva. Os dados qualitativos serão analisados utilizando o método hermenêutico-dialético e analisados à luz da teoria da Psicologia Social Crítica. Esse método parte do pressuposto que a fala dos sujeitos deve ser considerada em seu contexto para que haja maior compreensão. Esta pesquisa atenderá aos princípios da bioética em pesquisa conforme as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto de pesquisa será submetido a um Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos e atenderá a todos os requisitos éticos de autonomia,



beneficência, não-maleficência e justiça. Os participantes preencherão um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no qual serão garantidos o sigilo dos dados, benefícios, riscos e demais informações sobre a pesquisa.

RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se, com esta pesquisa, contribuir para a aproximação da relação entre a sociedade e a atuação do Psicólogo na Atenção Básica, tendo em vista que o equilíbrio emocional e o cuidado nas relações são partes inquestionáveis da prevenção das doenças, preconizada em programas de atenção como as Unidades Básicas de Saúde/Unidades de Saúde da Família.

Espera-se também que essa pesquisa seja capaz de compreender as práticas, dificuldades e estratégias utilizadas pelo (a) psicólogo (a) no apoio à população idosa no campo da atenção primária, com a finalidade de proporcionar reflexões acerca da Educação em Saúde frente às particularidades desse grupo geracional durante a pandemia da Covid-19, ocasionando em um suporte maior que lhe garanta autonomia.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS). **Profissionais de Saúde e Cuidados Primários. Coleção Covid-19**. Vol. 4 p.230. Brasília, 2021.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Glossário temático : gestão do trabalho e da educação na saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

ARANTES, Ana C. Quintana et al. Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: recomendações aos trabalhadores e cuidadores de idosos. Rio de Janeiro: Fiocruz/CEPEDES, 2020. Cartilha.

HAMMERSCHMIDT, K.S de A.; SANTANA, R.F. Saúde do idoso em tempos de pandemia Covid-19. **Cogitare Enfermagem**, vol. 25, e72846, abril, 2020.

MOROSINI M.V.; FONSECA A.F.; PEREIRA I. Educação em Saúde. In: Pereira I.B., Lima J.C.F., organizadores. **Dicionário de Educação Profissional em Saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV. p. 155-162. 2008

PALÁCIO, M.A.V.; TAKENAMI, I. Em tempos de pandemia pela COVID-19: o desafio para a educação em saúde. **Revista: Visa em Debate**. Disponível em: <https://doi.org/10.22239/2317-269X.01530>. Acessado em: 17 de nov. de 2021.



USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO POR PSICÓLOGOS NA ATENÇÃO BÁSICA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Iniciação Científica

Raiza Ormundo Costa, raizaormundo@gmail.com

Orientadora: Camila Bonfim, cbbonfim@uneb.br

RESUMO

Introdução: A pandemia de Covid-19 trouxe uma necessidade de distanciamento social para diminuir a transmissão do vírus causador. Assim, órgãos públicos passaram a orientar e estimular uma atuação mediada por Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). E, em se tratando de um estado de emergência de larga escala, fica evidente a importância do trabalho dos psicólogos no SUS para a saúde mental da população, inclusive a atuação na Atenção Básica. **Objetivo:** Esta pesquisa em andamento tem como objetivo geral identificar a utilização das TIC na atuação de psicólogos da Atenção Básica de Salvador; sendo os objetivos específicos analisar de que forma se dá esta utilização e caracterizar o perfil dos usuários da Atenção Básica atendidos por meio das TIC, de acordo com os marcadores sociais como gênero, raça e geração. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo e exploratório, o que incluirá estudo de campo com os psicólogos atuantes e pesquisa bibliográfica para análise de dados sobre as condições de acesso às TIC dos usuários. **Resultados e Discussão:** No momento, a pesquisa encontra-se em fase de revisão bibliográfica de resoluções, cartilhas e artigos relacionados à temática. Será comparado o uso das TIC pelos profissionais com as condições de acesso a este serviço pelos usuários em uma análise qualitativa. **Conclusões:** Espera-se contribuir para a atuação do psicólogo na Atenção Básica analisando novas formas de acessar o usuário e buscando melhorias de políticas públicas para acesso equânime.

Palavras-chave: Sistema Único de Saúde. Atenção Básica. Psicologia. Acesso às TIC. Pandemia.

INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 2020 o primeiro caso do novo coronavírus foi confirmado no Brasil. Poucos dias depois, em março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara pandemia, o que trouxe a necessidade de distanciamento social como uma das medidas para diminuir a transmissão do vírus causador. Tendo isto em vista, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) enviou um ofício circular a gestores públicos, empregadores de psicólogos e usuários de serviços recomendando a suspensão das atividades de



psicólogos na modalidade presencial em todo o país. Recomendou, também, a disponibilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para o exercício profissional da Psicologia a distância (CFP, 2020). Neste mesmo período, o CFP publica a Resolução nº 4/2020 que atualiza a Resolução nº 11/2018 temporariamente (enquanto durar a pandemia), e passa a permitir a prestação de serviços psicológicos por TIC após realização do Cadastro e-Psi, retirando a necessidade de aguardar a pronta emissão de parecer para iniciar o trabalho remoto. Além disso, a partir desta resolução, passa a ser autorizada a prestação de serviços psicológicos por meios de TIC a pessoas e grupos em situação de urgência, emergência e desastre, bem como de violação de direitos ou violência, buscando minimizar as implicações psicológicas diante da COVID-19 (CFP, 2020). Estas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) podem ser definidas como sendo todas as mediações informacionais e comunicativas com acesso à Internet, por meio de televisão, aparelhos telefônicos, aparelhos conjugados ou híbridos, websites, aplicativos, plataformas digitais ou qualquer outro modo de interação que possa vir a ser implementado (CFP, 2018).

Se tratando de um estado de emergência de larga escala, fica evidente a importância das organizações públicas, como o Sistema Único de Saúde (SUS) que, como citado por Werneck e Carvalho (2020), apesar de suas fragilidades históricas, agiganta-se diante do desafio e, com todo sacrifício, enfrenta a pandemia. Se fez imprescindível o planejamento de ações de caráter preventivo e interventivo com vistas à saúde integral do usuário, como preconiza o princípio da integralidade que norteia as práticas do SUS (BRASIL, 1990).

Neste contexto de vulnerabilidade, o trabalho dos psicólogos na Atenção Básica se faz importante, especialmente por se tratar da porta de entrada do SUS, focada na prevenção e promoção de saúde. Torna-se um espaço adequado para acolhimento de situações de adoecimento como a pandemia da COVID-19 em que a ansiedade na comunidade pode piorar com a ocorrência de morte, aumento de volume de notícias sobre o tema na mídia, aumento do número de novos casos e a quarentena em massa (LIMA *et al.*, 2020).

Assim, esta pesquisa de Iniciação Científica em andamento tem como objetivo geral identificar a utilização das TIC na atuação de psicólogos da Atenção Básica de



Salvador; sendo os objetivos específicos identificar o uso das TIC e seus o(s) objetivo(s) por psicólogos que atuam na Atenção Básica; analisar de que forma se dá a utilização das TIC na atuação dos psicólogos na Atenção Básica; e caracterizar o perfil dos usuários da Atenção Básica atendidos por meio das TIC de acordo com os marcadores sociais como gênero, raça e geração, conforme relato dos psicólogos. Como a pesquisa ainda está em processo de construção, o recorte a ser desenvolvido, neste momento, será a revisão de literatura.

MÉTODO

Esta pesquisa de iniciação científica está inserida no projeto guarda-chuva “Múltiplos referenciais da Psicologia na construção do cuidado no contexto da Atenção Básica: um estudo junto às unidades do PSF/ESF e NASF no município de Salvador.” do Grupo de Estudos Multirreferenciais do Cuidado (GECUID) da Universidade do Estado da Bahia.

Trata-se de uma pesquisa em andamento de caráter descritivo e exploratório, sendo necessário para sua realização o estudo de campo com os psicólogos que atuam na Atenção Básica em Salvador (GIL, 2002). Para tal, serão utilizados questionários e entrevistas (GIL, 2002) aplicados de forma virtual em respeito ao distanciamento social, posto que esta pesquisa se passa em meio a pandemia de COVID-19, para posterior compilação de relatos sobre a utilização das TIC neste cenário. Além disso, se faz necessária pesquisa bibliográfica para análise de dados sobre as condições de acesso às TIC dos usuários, considerando os marcadores sociais raça, gênero e geração. Assim, será comparado o uso das TIC pelos profissionais com as condições de acesso a este serviço pelos usuários em uma análise qualitativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No momento, a pesquisa encontra-se em fase de revisão bibliográfica de resoluções, cartilhas e artigos relacionados à temática. Esta pesquisa está sendo realizada em bancos de artigos científicos, como a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), a Scielo e Pubmed, pesquisando e analisando os descritores que levem a resultados relevantes. São descritores que têm sido utilizados: “telepsicologia”, “acesso às TIC”, “psicologia” e



“pandemia”. Até este momento, foi feita uma pesquisa sistematizada somente na base BVS LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Houve uma dificuldade em encontrar os descritores que levem aos artigos mais relevantes ao tema. Não foi encontrado nenhum resultado nesta base utilizando o operador booleano “and” para unir descritores que envolvam a psicologia, a atenção básica e as TIC. Os descritores mais abrangentes como “pandemia”, “psicologia” e “telepsicologia” levaram a mais resultados (139 artigos), levando assim a uma exploração inicial dos artigos relevantes para o contexto da saúde, em que foram pré-selecionados 16 artigos. Além disso, foram selecionados artigos através da busca ativa nas referências de alguns destes artigos pré-selecionados.

Em alguns desses trabalhos têm sido sugeridos serviços psicológicos realizados por meio de TIC (ZHANG *et al.*, 2020; SCHMIDT *et al.*, 2020; SOLA *et al.*, 2021). Isto porque em outras epidemias, como a SARS, o atendimento psicológico remoto tornou-se rapidamente um mecanismo importante para acolhimento a queixas relativas à saúde mental (DUAN & ZHU, 2020 apud SCHMIDT *et al.*, 2020). Já sobre a pandemia do novo coronavírus, Zhang e colaboradores (2020) relatam a implementação de um novo modelo de intervenção em crise psicológica em plataformas na internet que integra médicos, psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais do *West China Hospital*, para atender pacientes, suas famílias e equipe médica, combinando a intervenção precoce e a reabilitação posterior.

Outro exemplo é a implementação de um grupo terapêutico *online* relatado por Sola *et al.* (2021), oferecido pela equipe de psicologia para pacientes do serviço público ambulatorial de um Hemocentro do estado de São Paulo. Os autores constataram que a criação do grupo terapêutico *online* foi uma alternativa efetiva para oferta de cuidados psicológicos e ajuda mútua diante da crise, favorecendo recursos para conforto, alívio das tensões e manutenção da rede de apoio em tempos de distanciamento social.

Schmidt *et al.* (2020), contudo, explicitam que a realização de serviços psicológicos por meio de TIC podem ser um desafio na vigência da pandemia de COVID-19, posto que muitos brasileiros não têm acesso à internet, ou podem apresentar dificuldades para utilizar *smartphones* ou computadores, o que limita a possibilidade de oferta de apoio nesse momento.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de já terem passados 2 anos desde o início da pandemia, ainda há poucas publicações que versem sobre a prática psicológica neste contexto. Dos 16 artigos terem sido pré-selecionados da base BVS LILACS, apenas 3 deles citam a atuação específica na atenção básica. Como se trata de um tema atual e relevante, com diversos indícios de muita demanda do profissional de psicologia na questão da saúde mental destaca-se a importância de aumentar a produção científica dentro desta temática, considerando as dificuldades de acesso às TIC por pacientes ou usuários.

Espera-se, ao fim desta pesquisa, contribuir para a atuação do psicólogo na Atenção Básica analisando novas formas de acessar o usuário, principalmente em contexto de pandemia, em que o distanciamento social se faz necessário, observando o perfil de usuários que o psicólogo da atenção básica consegue atingir atualmente e buscando melhorias de políticas públicas para acesso equânime considerando raça, gênero e geração.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 8.080/90 de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm. Acesso em 16 nov. 2021.

Conselho Federal de Psicologia. Resolução do exercício profissional nº 11, de 11 de maio de 2018. Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meio de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP N.º 11/2012. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/05/RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-11-DE-11-DE-MAIO-DE-2018.pdf>. Acesso em 16 nov. 2021.

Conselho Federal de Psicologia. Ofício-Circular nº 40/2020/GTec/CG-CFP, 2020a. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/03/SEI_CFP-0214041-Of%C3%ADcio-Circular_.pdf. Acesso em 16 nov. 2021.

Conselho Federal de Psicologia. Resolução do exercício profissional nº4, de 26 de março de 2020. Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID19. Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio->



[profissional-n-4-2020-dispoe-sobre-regulamentacao-de-servicos-psicologicos-prestados-por-meio-de-tecnologia-da-informacao-e-dacomunicacao-durante-a-pandemia-do-covid19](#). Acesso em 16 nov. 2021.

GIL, A. G. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41-58. 175 p.

LIMA, et al. The emotional impact of coronavirus 2019-Ncov (new Coronavirus Disease). **Elsevier Psychiatry Research**, vol. 287, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0165178120305163?via%3Dihub>. Acesso em 18 nov. 2021.

SCHMIDT, B., *et al.* Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia** (Campinas), vol. 37, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/L6j64vKkynZH9Gc4PtNWQng/?lang=pt>. Acesso em 16 nov. 2021.

WERNECK, G. L.; CARVALHO, M. S. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cadernos de Saúde Pública**, 2020. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1036/a-pandemia-de-covid-19-no-brasil-cronica-de-uma-crise-sanitaria-anunciada>. Acesso em 16 nov. 2021.

ZHANG, *et al.* Recommended psychological crisis intervention response to the 2019 novel coronavirus pneumonia outbreak in China: a model of West China Hospital. **Oxford Precision Clinical Medicine**, 3(1), 2020. p. 3-8. Disponível em: <https://academic.oup.com/pcm/article/3/1/3/5739969#201279535>. Acesso em 18 nov. 2021.

SOLA, P. P. B., *et al.* Psicologia em tempos de COVID-19: experiência de grupo terapêutico on-line. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 2, p. 73-88, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702021000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18 nov. 2021.



ATENÇÃO PSICOSSOCIAL À SAÚDE INTEGRAL DOS USUÁRIOS IDOSOS DA ATENÇÃO BÁSICA DE SALVADOR: UMA PREVENÇÃO AO SUICÍDIO

Pesquisa de Iniciação Científica

Natália Helem de Almeida Cunha, helemnatalia@gmail.com;
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Kátia Jane Chaves Bernardo, kchaves@uneb.br

RESUMO

Introdução: O suicídio entre a população idosa vem crescendo nos últimos anos, sendo o cuidado e a atenção psicossocial à saúde integral desta população um problema de saúde pública. **Objetivo:** Objetivou-se identificar práticas de cuidado integral e de prevenção ao suicídio prestadas aos idosos pela equipe de psicólogos(as) da Atenção Básica da cidade de Salvador. **Método:** Este é um estudo exploratório-descritivo com abordagem qualitativa do tipo transversal. Foi realizado de modo *online* por meio da aplicação de questionário *Google Forms* e entrevistas semiestruturadas pela plataforma Microsoft Teams, contando com a participação de 16 psicólogos(as). **Resultados:** Identifica-se práticas de atenção psicossocial à saúde integral dos usuários idosos das Unidades Básicas de Saúde, no entanto, elas não estão voltadas à prevenção ao sofrimento mental e risco de suicídio. **Conclusão:** É imprescindível que a compreensão do processo de envelhecimento venha acompanhada do cuidado às necessidades emocionais da população idosa nos serviços de saúde do SUS.

Palavras-chave: Velhice. Psicologia. Saúde Integral. Suicídio.

INTRODUÇÃO

O suicídio é um grave problema de saúde pública envolvendo fatores psicológicos, biológicos, subjetivos, sociais, socioeconômicos e culturais em que a pessoa está inserida (CUNHA; SILVA; ANDRADE, 2016). No Brasil, os índices de suicídio entre a população idosa vêm se agravando, enquadrando-se entre os grupos populacionais de maiores risco para o suicídio. Em 2018, o Ministério da Saúde divulgou dados apontando uma alta taxa de suicídio entre aqueles com mais de 70 anos. Nessa faixa etária, foi registrada a taxa média de 8,9 mortes por 100 mil nos últimos seis anos, quando a taxa média nacional é de 5,5 por mil e com maior prevalência do público masculino (82,2%) (GREFF et al., 2020).



Cerca de 70% da população idosa é capaz de gerenciar sua vida de forma independente e autônoma – mesmo apresentando alguma situação crônica de saúde –, enquanto cerca de 30% dos idosos apresentam maior vulnerabilidade. Essas vulnerabilidades são caracterizadas por dependência funcional ou incapacidade físicas e cognitivas – especificidades que necessitam de acesso e cuidado qualificado no âmbito da saúde integral do Sistema Único de Saúde (SUS). (HOFFMANN; LOBO, 2014). Diante disso, pergunta-se: seria o cuidado integral frente às especificidades do envelhecimento uma variável importante na prevenção ao suicídio de idosos?

Destaca-se, portanto, a necessidade de estudos nacionais sobre a temática suicídio, tendo em vista sua carência. Trabalhos desenvolvidos nesta perspectiva contribuem para a elaboração de novas ações. Desta forma, este estudo objetivou identificar práticas de cuidado integral e de prevenção ao suicídio prestadas aos idosos pela equipe de psicólogos(as) da Atenção Básica da cidade de Salvador.

MÉTODO

Este estudo originou-se do Grupo de Estudos Multirreferenciais do Cuidado (GECUID) da Universidade do Estado da Bahia – Campus I. Trata-se de um estudo com caráter exploratório-descritivo e abordagem qualiquantitativa do tipo transversal. Participaram 16 psicólogos(as) de Unidades Básicas de Saúde da cidade de Salvador, contando com 14 psicólogas na segunda etapa, sendo selecionadas 7 por meio do critério de inclusão e exclusão. Os critérios de inclusão foram de profissionais que trabalham com idosos, suicídio e/ou que planejam atividades de cuidado junto a esse segmento populacional. Os critérios de exclusão foram de profissionais que não trabalham com idosos.

A coleta de dados ocorreu de modo *online*, considerando contato virtual por meio de e-mails e redes sociais, com a disponibilização de um *link* para acesso ao formulário *Google Forms*, no qual constava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), perguntas sobre aspectos sociodemográficos, tipo de vinculação com a instituição e público com os quais trabalham. Para a segunda etapa de coleta de dados, foram realizadas entrevistas por meio da plataforma Microsoft Teams, sendo feitas perguntas específicas a respeito da atuação das profissionais entrevistadas.



Os resultados foram analisados adotando o viés do estudo de caso, buscando mapear e analisar práticas multirreferenciais da Psicologia na construção do cuidado. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) com o número de parecer 4.337.113 e obteve liberação da prefeitura de Salvador para as entrevistas.

A fim de preservar a identidade das psicólogas, foram criados codinomes. Visando o sigilo e segurança das informações, todo material coletado está guardado em pastas com senhas e serão descartados após completar cinco anos da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Identifica-se ações voltadas ao cuidado à população idosa, sendo o trabalho em grupo o mais citado, sendo lugar de identificação de demandas:

[...] os grupos eram pontapé, até porque era lugar de diagnóstico para gente, era o pontapé para outras ações. (Cida).

Para esse grupo especificamente o pedido que sempre vem pra mim, é trabalhar, às vezes, sobre depressão e ansiedade na terceira idade, mas sempre em todos os encontros, eles pedem pra gente tá falando mais sobre a questão do luto, que é algo que perpassa bastante essa idade, né. (Ana).

O diálogo, expresso na fala, constitui um poderoso efeito terapêutico, concretizado por meio das rodas e a partilhar, como trazem Andrade et al. (2010), ajuda na redução do sofrimento emocional recuperando vínculos familiares e sociais, bem como forma redes de apoio solidário para esses idosos.

No que se refere ao quesito suicídio, em geral, as profissionais relatam não identificar riscos de suicídio e nem atender casos de suicídio entre os usuários idosos. Conforme ilustrado no relato a seguir, existe o entendimento da alta incidência de depressão na velhice, porém, ocorrem falhas na identificação de possíveis casos em risco de maior adoecimento mental e necessidade de prevenção ao suicídio:

Engraçado, eu sei que a incidência é grande de depressão na terceira idade, mas não chega pra mim, chega mais de jovens, as tentativas de suicídio. Não sei se é pela falta de um olhar qualificado dos agentes comunitários da equipe mínima ou se realmente os pacientes não procuram [...] De modo geral não chega. (Ana).



Botega (2014) aponta a depressão como uma das principais causas de suicídio. Cerca de 95% dos idosos que cometeram suicídio apresentavam algum transtorno mental. O processo de adoecimento mental neste grupo etário, muitas vezes, está associado a problemas de saúde física, ao isolamento, doenças crônicas e à falta de suporte social (BRASIL, 2020).

Apesar da maioria relatar não atender casos de suicídio e/ou tentativas de suicídios na atenção básica, uma das profissionais entrevistada trouxe a existência de um caso emblemático e traumático em sua atuação:

Já teve um caso que foi o mais emblemático e mais traumático na unidade. Foi um homem idoso [...] Homem branco [...] Eu conversei com ele algumas vezes, [mas] a enfermeira tinha mais vínculo porque já conhecia antes e também já abordou ele algumas vezes, ele estava muito decidido de que ele queria morrer. Em um vacilo que a família deu, ele conseguiu [...] foi um caso muito traumático para a unidade porque as pessoas viram a situação. Na época, a gente precisou fazer um processo dentro da unidade de acolhimento e de sensibilização para o tema. (Silvia).

Homens e mulheres variam em relação a tentativa de suicídio e a consumação do ato, enquanto o público masculino conta uma expressiva prevalência de suicídio (82,2%), o público feminino tenta suicídio com mais frequência. Nesse sentido, o gênero é considerado um fator de vulnerabilidade ao suicídio tanto para homens como para mulheres (GREFF et al., 2020).

Em relação as estratégias de cuidado visando prevenção de suicídios oferecidos pelas Unidades, tanto Silva, quanto as demais profissionais, apontam não existir tais investimentos:

Não, não tem. O que daria para chamar de prevenção é o que eu sempre sinalizo e tento construir com as equipes [que é a ação] de rastreio de sofrimento. Então, de sensibilização para a percepção dos sintomas. Então já fiz capacitações sobre [suicídio], como é que a gente maneja quando a pessoa tem ideação, como é que a gente identifica quando a pessoa apresenta um quadro que tem risco. (Silvia).

Verificou-se, então, a necessidade de fazer a seguinte pergunta: No geral, você acha que, de alguma forma, o cuidado integral prestado a esses idosos, previne ideações, tentativas de suicídio e/ou suicídios?

Eu acho que sim. [...] Acredito que não diretamente, eu acho que a gente fala muito pouco sobre suicídio na atenção básica, na saúde de modo geral, mas



especificamente no meu campo, a gente fala pouco de suicídio [...] a gente acaba fazendo um movimento sobre isso, tem o mês do setembro amarelo... o janeiro branco, as vezes a gente faz alguma coisa nesse sentido, mas fica muito pontual que a saúde tenha essa falha. [...] Então indiretamente acho que previne o suicídio, mas não chega diretamente pra mim demanda de suicídio nessa população, mais em adolescentes...acho que é mais explícito também, o comportamento. (Ana).

Percebe-se, então, que a assistência aos idosos na Atenção Básica acaba tendo falhas, uma vez que o cuidado na atenção primária é visto de forma integralizada e não isoladas.

Bader não acredita que o cuidado oferecido pela Atenção Básica possa, sozinho, se resumir a um fator protetor de suicídio, ela pontua que existem uma série de outros fatores que precisam se alinhar à prevenção:

Olha, eu acho que assim (...) resumir (...) assim, a proteção ao suicídio, ao cuidado que a gente oferece na unidade é complicado. Assim, acho que não se resume a isso, eu entendo que tem uma série de outros fatores, vinculação comunitária, suporte familiar, (...) redes de apoio, e aí o nosso cuidado ele também pode entrar como um ponto. (Bader).

O suicídio é um ato que pode ser prevenido, sendo fundamental levar em consideração fatores de riscos e atentar-se aos fatores de proteção que contribuam para a preservação da vida. A complexidade do fenômeno suicídio em suas multifaces e múltiplas determinações podem afetar indivíduos de diferentes classes sociais, raça/cor, gerações, orientações sexuais e identidades de gênero – marcadores que requerem uma devida atenção (TAVARES; FREITAS, 2020).

CONCLUSÃO

O estudo responde ao objetivo de identificar práticas de cuidado integral aos idosos, porém, não foi possível identificar práticas de prevenção ao risco de suicídio. As hipóteses acerca do cuidado integral prevenir, de certa forma, se confirmam, uma vez que as profissionais relatam não identificar explicitamente a ocorrência de suicídios. Entretanto, identifica-se questões emocionais que permeiam o risco de suicídio. Considerando a realização do estudo de forma remota, a qualidade das respostas e possibilidade de aprofundamento foram perdidas, limitando inferir generalizações. As reflexões aqui apresentadas englobam a realidade de uma alta taxa de suicídio em idosos,



no Brasil, e vislumbra buscar da psicologia enquanto profissão do cuidado o olhar e a escuta qualificada diante do não dito e/ou não explícito. Indica-se a construção de novas pesquisas nacionais sobre papel da psicologia na atenção primária e o cuidado às necessidades emocionais de idosos e de prevenção ao risco de suicídio.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Fábila Barbosa de. et al. Promoção da Saúde Mental do Idoso na Atenção Básica: As Contribuições da Terapia Comunitária. **Texto Contexto Enferm**, v. 19, n. 1, p. 129-136, jan-mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v19n1/v19n1a15.pdf>. Acesso em: 04 out. 2020.
- BOTEGA, Neury José. Comportamento suicida: epidemiologia. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 25, n. 3, set-dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20140004>. Acesso em: 11 set. 2021.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Boletim Epidemiológico. **Secretaria de vigilância em saúde**, v. 51, n. 38, set. 2020. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2020/September/24/Boletim-epidemiologico-SVS-38.pdf>. Acesso em: 19 set. 2021.
- CUNHA, Ubiracelma Carneiro da.; SILVA, Cirlene Francisca Sales da.; ANDRADE, Thais Afonso. Suicídio e Tentativas de Suicídio na Velhice: um estudo exploratório. Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), **Congresso Internacional Envelhecimento Humano**, 2016. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2017/TRABALHO_EV075_MD2_SA1_ID1132_20082017194742.pdf. Acesso em: 27 nov. 2020.
- GREFF, Aramita Prates. et al. Suicídio na Pandemia da Covid-19. Instituto Vita Alere de Prevenção e Posvenção do Suicídio, **Fiocruz**, 2020. Disponível em: https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/05/cartilha_prevencaosuicidio.pdf. Acesso em: 07 nov. 2020.
- HOFFMANN, Maria Cristina Correa Lopes; LOBO, Maria Cristina de Arrochela. Diretrizes para o Cuidado das Pessoas Idosas no Sus: Proposta de Modelo de Atenção Integral. **XXX Congresso Nacional de Secretarias Municipais de Saúde**, maio. 2014. Disponível em: <https://repositorio.observatoriocuidado.org/handle/handle/2525>. Acesso em: 25 set. 2020.
- TAVARES, Adriana Aparecida Josiaqui; FREITAS, Débora Elisa Parente. O Comportamento Suicida de Idosos: os fatores de risco e a atuação do psicólogo. **Rev. Cient. Eletr. de Psico FAEF**, v. 34, n.1, p. 01-09, maio. 2020. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/YMxWUZTlgSfuGwl_2021-3-17-9-44-22.pdf. Acesso em: 23 set. 2021.



A REGULAÇÃO EMOCIONAL COMO FATOR PROTETOR PARA A FELICIDADE SUBJETIVA E O SENTIDO DA VIDA DE UNIVERSITÁRIOS NA PANDEMIA

Trabalho de Conclusão de Curso

Natália Helem de Almeida Cunha, helemnatalia@gmail.com;
Orientadora: Camila Barreto Bonfim, cbbonfim@uneb.br;

Coorientador: Gustavo Marcelino Siquara, gustavosiquara@bahiana.edu.br

RESUMO

Introdução: A pandemia de COVID-19 é caracterizada por uma crise que demanda estratégias de enfrentamento e a regulação emocional é um processo essencial neste momento ímpar. Esta pesquisa teve por objetivo avaliar as estratégias de Regulação Emocional e os níveis de Felicidade Subjetiva e de Sentido da Vida dos estudantes universitários no contexto da Pandemia de COVID-19. **Método:** Para tanto, realizou-se uma pesquisa de método descritivo e quantitativo com corte transversal. Foram avaliados 348 estudantes universitários por meio da plataforma digital REDCap contendo questionário sociodemográfico, Questionário de Regulação Emocional (QRE), Escala de Felicidade Subjetiva (SHS) e Questionário de Sentido da Vida (QSV). **Resultados e Discussão:** Os resultados apontam que, durante a pandemia de COVID-19, a regulação emocional pelo uso das estratégias de supressão emocional e de reavaliação cognitiva, foram utilizadas de forma frequentemente moderada, sendo 87% e 72,4% respectivamente. Encontra-se, ainda, uma associação estatisticamente significativa entre a alta utilização da estratégia de reavaliação cognitiva e a baixa utilização da estratégia de supressão emocional. **Conclusão:** Específicas estratégias de regulação emocional podem contribuir para a resolução de menores prejuízos emocionais.

Palavras-chave: Pandemia de COVID-19. Regulação Emocional. Bem-estar Subjetivo.

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 e o seu rápido avanço trouxe mudanças repentinas que não só trouxeram impactos no funcionamento dos órgãos mundiais e estaduais, nos sistemas de saúde e na economia, como também impactou na educação, no bem-estar e nos hábitos de cada pessoa (SCHUDY et al., 2020).

O distanciamento social e a suspensão presencial de aulas em universidades são exemplos de medidas de mitigação de contágio que foram necessárias – emergências de saúde pública que podem desencadear sintomas de ansiedade, medo e preocupação. Embora prejudicial à vida social, as situações adversas relacionadas à pandemia da Covid-



19 podem fornecer a possibilidade de o indivíduo aprender com seus esforços a tornar-se psicologicamente mais forte e crescer como ser humano (ZANON et al., 2020). A capacidade de regulação emocional, neste sentido, pode ser destacada como um fator importante na manutenção do bem-estar durante situações adversas e na flexibilidade para lidar com impactos psicológicos (RESTUBOG; OCAMPO; WANG, 2020).

Dado o exposto, avaliar as estratégias de regulação emocional utilizadas para enfrentar situações adversas faz-se relevante para a compreensão de quais estratégias psicológicas podem ser adotadas de modo mais adaptativo a fim de promover saúde mental e emocional. Deste modo, o objetivo deste estudo foi avaliar as estratégias de Regulação Emocional e os níveis de Felicidade Subjetiva e de Sentido da Vida dos estudantes universitários no contexto da Pandemia de COVID-19.

MÉTODO

A presente pesquisa originou-se de um projeto maior do Grupo de Pesquisa Neurociências, Emoção, Cognição e Comportamento (NECC) da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP). Esta é uma pesquisa de método descritivo com caráter quantitativo e longitudinal, obtendo corte transversal. Foram incluídos na amostra 348 estudantes universitários de diferentes graduações. Em virtude da pandemia de COVID-19, a coleta de dados ocorreu em formato *online* por meio da plataforma REDCap, no período de julho a outubro de 2020.

A pesquisa foi amplamente divulgada em redes sociais e e-mails com a obtenção da disponibilização de um *link*, contendo Questionário Sociodemográfico, Questionário de Regulação Emocional (QRE), Escala de Felicidade Subjetiva (SHS) e Questionário de Sentido da Vida (QSV). Os procedimentos de análises descritivas e inferenciais foram realizados através do *software* JASP, contendo frequência absoluta, frequência relativa e percentagem, qui-quadrado ($p < 0,05$) e regressão logística.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com parecer 4.233.134. Visando o cuidado de proteção e dignidade dos participantes foi incluído entre os instrumentos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para participação espontânea. As informações coletadas estão guardadas em pastas com senha e serão descartadas após cinco anos de pesquisa.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

No contexto da pandemia de COVID-19, os estudantes universitários utilizaram as estratégias de regulação emocional de maneira frequentemente moderada, sendo a supressão emocional mais frequentemente utilizada (87%), seguida da reavaliação cognitiva (72,4%). Os níveis de felicidade subjetiva (79,7%) e de sentido da vida (72,4%) também encontram-se moderados para a maioria dos participantes. Estratégias de regulação emocional, como reavaliação cognitiva aumentou a felicidade subjetiva ($X^2 = 16,117$; $p < 0,001$) e o sentido da vida ($X^2 = 14,065$; $p < 0,001$), enquanto a supressão emocional diminuiu o nível de felicidade subjetiva ($X^2 = 4,455$; $p 0,035$).

Os resultados sugerem considerar que em momentos difíceis, ter autocontrole e flexibilidade na utilização das estratégias de regulação emocional, prevê melhor percepção da situação e melhores formas para lidar de modo menos ameaçador. Em uma linha semelhante, Bonanno et al. (2004) argumentam que expressar ou suprimir a expressão emocional não é tão importante para ajustar-se como é a capacidade de utilizá-las de forma flexível e exigida pelo contexto situacional.

Todavia, tanto neste estudo quanto na literatura, algumas estratégias de regulação emocional, como a reavaliação cognitiva e a supressão emocional, divergem-se em suas consequências, apresentando resultados opostos. Gross (2015) explica que a reavaliação cognitiva, por ser uma estratégia antecedente, intervém na tendência de respostas emocionais não adaptativas que podem ser geradas.

Nesse preâmbulo, a regulação emocional pela reavaliação cognitiva apresenta em duas vezes a chance de uma maior prevalência de felicidade subjetiva (Odds Ratio = 2,71; IC95% = 1,68 - 4,37) e uma maior percepção da presença de sentido da vida (Odds Ratio = 2,39; IC95% = 1,51 - 3,79). Os estudantes universitários com maior capacidade de regulação emocional, parecem estar emocionalmente mais protegidos que universitários com baixa capacidade de regulação emocional. Weide et al. (2020) enfatizam que situações adversas podem impulsionar respostas de adaptação e superação de obstáculos, juntamente com a busca de sentidos da vida frente às situações que cobram novos ajustes e significados – embora a reavaliação cognitiva tenha influenciado mais na percepção da presença desses sentidos que na busca por eles.



Neste sentido, manejar adequadamente emoções é uma habilidade fundamental diante de um contexto de instabilidades, como a pandemia de COVID-19. É imprescindível extrair o que de melhor situações adversas podem oferecer, seja na pandemia ou em outro momento da vida. Zanon et al. (2020) reforçam que a adoção da perspectiva de reavaliar situações pode promover saúde mental e emocional, sentimentos de felicidade subjetiva e percepção clara dos sentidos existentes na vida das pessoas, esses que foram – e ainda são – construídos ao longo da vida, apesar das dificuldades impostas inesperadamente.

CONCLUSÃO

Os achados da pesquisa responderam de modo satisfatório aos objetivos do estudo e confirmaram as hipóteses. A mudança cognitiva mostrou ser uma capacidade de avaliação eficaz, seja mudando a forma como os universitários pensaram sobre a situação ou sobre a capacidade que tiveram de gerenciar as demandas que ela apresentou. Logo, sugere-se que evitar rumações frente às adversidades pode fornecer melhor adaptação. É imprescindível pontuar que a flexibilidade para lidar com demandas (auto)impostas é uma capacidade essencialmente importante.

Assume-se que o presente estudo se limita a inferir generalizações, uma vez que não conseguiu alcançar uma maior representação da população brasileira e não possui conhecimento da saúde mental dos participantes antes da pandemia. Esta pesquisa traz o seu diferencial de contar com um público expressivo de universitários, contribuindo para o fortalecimento de espaços psicológicos e emergências em saúde mental. Indica-se a realização de novas pesquisas com maior representação da população brasileira a fim de melhor mapear os processos pelos quais levam pessoas a escolherem determinadas estratégias para lidar com a intensidade das emoções e quais, a longo prazo, auxiliam em menores prejuízos emocionais.

REFERÊNCIAS

BOIAN, A. C.; SOARES, D. S. M.; SILVA, J. Questionário de Regulação Emocional adaptado para a população brasileira. **Retrieved December 15, 2009.** Disponível em: http://spl.stanford.edu/pdfs/erq_portuguese_brazilian.pdf. Acesso em: 27 nov. 2020



BONANO, G. A.; PAPA, A.; LALANDE K.; WESTPHAL, M.; COIFMAN, K. (2004). The importance of being flexible: The ability to increase and suppress emotional expression predicts long-term adjustment. **Psychol Sci.** [s.l], v. 15, n. 7, p. 482–497. doi: 10.1111/j.0956-7976.2004.00705.x. Acesso em: 27 nov. 2020.

GROSS, J. J. **Handbook of emotion regulation.** Second Edition: Edited by James J. Gross, 2015.

LIU, S.; GAN, Y. Reliability and validity of the Chinese version of the Meaning in Life Questionnaire. **Chinese Mental Health Journal**, v; 24, n. 6, p. 478-482, 2010.

LYUBOMIRSKY, S.; LEPPER, H. S. A measure of subjective happiness: Preliminary reliability and construct validation. **Social Indicators Research**, v. 46, n. 1, p. 137–155, 1999.

RESTUBOG, S. L. D.; OCAMPO, A, C.; WANG, L. Taking control amidst the chaos: Emotion regulation during the COVID-19 pandemic. **Journal of Vocational Behavior**, v. 119, n. 2, jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2020.103440>. Acesso em: 09 nov. 2020.

SCHUDY, Anna. et al. Mental Well-Being During Pandemic: The Role of Cognitive Biases and Emotion Regulation Strategies in Risk Perception and Affective Response to COVID-19. **Front. Psychiatry**, v. 11, n. 05, nov. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsy.2020.589973>. Acesso em: 27 nov. 2020.

WEIDE, J. N.; VICENTINI, E. C. C.; ARAUJO, M. F.; MACHADO, W. L.; ENUMO, S. R. **Cartilha para enfrentamento do estresse em tempos de pandemia.** Trabalho gráfico: Gustavo Farinero Costa. Porto Alegre: PUCRS/ Campinas: PUC-Campinas, 2020.

ZANON, Cristian. et al. COVID-19: implicações e aplicações da Psicologia Positiva em tempos de pandemia. **Estudos de Psicologia**, v. 37, n. 1, p. 01-13, abr-jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200072>. Acesso em: 04 nov. 2020.



FATORES PSICOSSOCIAIS NO USO DO INSTAGRAM NA PANDEMIA DE COVID-19

Pesquisa

Natália Helem de Almeida Cunha, helemnatalia@gmail.com; Maria Júlia Britto de Jesus, mariajuliabritto3@gmail.com; Lara Alves Costa Lopes, laraalopes1@hotmail.com; Caio Pereira de Oliveira, caiocpo9@gmail.com; Clara Casé Carvalho, claracase56@gmail.com; José Victor Fraga dos Santos, vicr.fraga@gmail.com; Luana Neves Caribé de Azevedo, luanaazevedo96@gmail.com; Luanderson Oliveira da Silva Santos, acad.luanderson@gmail.com;

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Camila Barreto Bonfim, cbbonfim@uneb.br

RESUMO

Introdução: Na pandemia do coronavírus notou-se um aumento do uso da plataforma *Instagram*. Interações na plataforma podem interferir – positiva ou negativamente – nas vidas dos usuários no quesito cognitivo-emocional. **Objetivo:** Objetivou-se avaliar os impactos psicossociais que o *Instagram* teve em seus usuários durante a pandemia da COVID-19. **Método:** Esta pesquisa possui método descritivo e natureza quantitativa do tipo transversal. A coleta de dados foi realizada de forma *online* através do *Google Forms*, contando com a participação de 391 usuários do *Instagram*. **Resultados e discussão:** 80,56% dos participantes afirmaram que passaram a utilizar mais a plataforma durante o período pandêmico. 59,85% responderam que os usuários que eles acompanharam se mostraram mais felizes e realizados do que eles e 56,10% afirmaram que geralmente se comparam aos demais usuários da plataforma. **Conclusão:** Tal fato pode estar associado a um potencial adoecimento psíquico dos usuários da plataforma, portanto, reforça-se a necessidade do fomento da psicoeducação para o uso do *Instagram* de maneira saudável.

Palavras-chave: Pandemia por COVID-19. Rede social. Impacto Psicossocial.

INTRODUÇÃO

Em meio ao isolamento social adotado como medida de prevenção ao novo Coronavírus, as redes sociais se tornaram mais atrativas. Através delas é possível comunicação entre pares, obtenção de informações acerca da pandemia, entretenimento, lazer e outras formas de interação. Apesar disso, a Royal Society for Public Health (RSPH) (2017), em seus estudos, encontrou resultados que associam o uso das redes sociais com ansiedade, depressão, perda na qualidade do sono, comportamento viciante e problemas de imagem corporal.



O aumento no tempo dispensado utilizando as redes sociais relaciona-se ao sentimento de isolamento do mundo real. Segundo dados do IBGE (AGÊNCIA IBGE, 2018), cerca de 70% da população brasileira tem acesso à internet, sendo o Brasil o segundo país que mais ocupa tempo por dia conectado, estando *online* em média 9 horas e 29 minutos por dia, sendo que 40% (3 horas e 34 minutos) deste tempo é utilizado em mídias sociais. O tipo de conteúdo publicado e consumido produz efeito na vida dos usuários de acordo com o seu uso (ABAJAUDE; PEREIRA; ZENETTI; PEREIRA, 2020).

A plataforma *Instagram* é uma rede social comumente utilizada pela população mundial, sendo seus efeitos cognitivos-emocionais e psicossociais ainda pouco estudados. Estudos nesta perspectiva são necessários quando contribuem para a identificação de benefícios e malefícios do uso e para psicoeducar o acesso de modo mais positivo. Neste sentido, este estudo teve por objetivo avaliar os impactos psicossociais que o *Instagram* teve em seus usuários durante a pandemia da COVID-19.

MÉTODO

Esta é uma pesquisa realizada pela Liga Acadêmica de Neurociências Psicossociais (LANP) da Universidade do Estado da Bahia – Campus I. Trata-se de uma pesquisa de método descritivo e natureza quantitativa do tipo transversal. A coleta de dados foi realizada de modo *online* por meio da plataforma digital *Google Forms*, o qual contou com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), questionário sociodemográfico e com questionário de perguntas específicas referentes ao uso do *Instagram* durante o período pandêmico.

Foram coletadas 391 respostas de usuários da rede social *Instagram*, maiores de 18 anos de idade. Realizou-se análises estatísticas descritivas dos dados quantitativos no *software* JASP. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNEB com parecer de número 4.665.884. Todo material coletado está guardado em pastas com senha para a preservação do sigilo das informações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa usuários do *Instagram* com idade média de 24 anos (idade mínima de 18 anos e idade máxima de 64 anos) e desvio padrão de 7,96. Quanto



ao sexo, 281 participantes declararam-se fazer parte da categoria feminino, representando 71,87% da amostra, tornando esta a categoria predominante. No tocante ao estado civil, 345 declararam-se solteiros, a maioria portanto (88,23%), e com relação à ocupação profissional, 250 (63,94%) afirmaram ser estudantes.

No tocante às perguntas específicas sobre o uso do *Instagram* durante o período pandêmico, 315 (80,56%) participantes afirmaram que passaram a utilizar mais a plataforma durante esse período; quanto ao tempo de uso, 335 (85,68%) informaram utilizar, minimamente, a rede por 1 hora diária; 234 (59,85%) responderam que, durante o momento pandêmico, os usuários que eles acompanharam se mostraram mais felizes e realizados do que eles e 219 (56,10%) afirmaram que geralmente se comparam aos demais usuários da plataforma.

É inegável que as redes sociais digitais tenham tornado-se parte da rotina das pessoas e que a literatura científica tenha encontrado importantes achados sobre o uso destas redes e seus impactos psicossociais na vida dos seres humanos. A respeito do *Instagram*, especificamente, pesquisas apontam-lhe como uma das redes sociais com maior impacto negativo no bem-estar dos usuários, especialmente do público jovem, maior representante do presente estudo, relacionando-se com diminuição da qualidade do sono, bullying, medo de sentir-se desatualizado, bem como um aumento da ansiedade, depressão e distúrbios de autoimagem (PESSOA et al, 2021; SHOLEH, RUSDI, 2019; ALEGRIA, 2019).

Monteiro et al. (2020) observaram que o brasileiro costuma dedicar uma hora e meia ao uso do *Instagram*, apontada como a rede social preferida no Brasil. Nesse sentido, o aumento do uso do Instagram, evidenciado pelos resultados, pode ser justificado pela possibilidade desta rede oferecer estratégias de manutenção de contato e vínculo com os pares em um momento de vulnerabilidade emocional e isolamento social, assim como disseminação de informações sobre prevenção e cuidado em relação a COVID-19. Nesse aspecto, o *Instagram* pode fomentar suporte emocional, construção de comunidades de lazer, auto-expressão e auto-identificação (RSPH, 2017).

Por outro lado, estudos apontam que jovens que dedicam mais de duas horas em redes sociais estão mais propensos a sofrimento psicológico e problemas de saúde mental (RSPH, 2017). Assim, como um experimento realizado por Engeln et al. (2020) realizado



com 308 mulheres universitárias demonstrou que apenas 7 minutos expostas ao *Instagram* já foram suficientes para decréscimo da satisfação corporal desse público, assim como aumento da comparação social, visto que o foco dessa rede é conteúdos visuais sobre as pessoas ao invés de textos.

Nessa perspectiva, os resultados obtidos na presente pesquisa chamam atenção para os potenciais impactos psicossociais negativos nesses usuários. Monteiro et al. (2020), por sua vez, indicam que o uso desses aplicativos por até 30 minutos diários está associado a um maior bem-estar, destacando também a necessidade de um estímulo ao uso mais responsável das redes sociais.

A RSPH (2017) apresenta achados semelhantes, associando o *Instagram* a problemas de imagem corporal devido a comparações com base em estética, os autores ainda trazem que as mulheres são as que mais sofrem com este problema. Uma das possíveis explicações para este fenômeno, seria a “comparação social”, que ocorre com facilidade em função da rápida conexão à rede e o bombardeio de fotos e vídeos distorcidos da realidade por ferramentas de edição, possibilitando que o usuário compare a si mesmo com outras pessoas com base na aparência e estilos de vida apresentados na plataforma em contraste às suas vidas mundanas, fatores de risco para pessoas que já são ansiosas ou incertas sobre sua imagem corporal (TIGGEMANN et al, 2018).

Além disso, como traz a RSPH (2017), a comparação entre os usuários estabelece no indivíduo expectativas irrealistas, podendo-os deixar com baixa autoestima e sentimentos negativos por não conseguir atingir o padrão idealizado, o texto também reforça que essa busca pelo perfeccionismo pode se manifestar na forma de ansiedade. Esse fenômeno acaba por ser preocupante, uma vez que o *Instagram* tem por objetivo o compartilhamento de fotos e vídeos, muitos dos quais são editados pelo próprio usuário antes de serem postados.

O elevado índice de problemas de saúde relacionados ao uso do *Instagram* levanta questionamentos acerca do motivo de seu uso continuar alto. Uma das possíveis explicações é o “Fear of Missing Out” (FoMO), ou em português “Medo de Perder”, esse conceito se refere a preocupação de não participar de eventos sociais, que ocorram ou estejam sendo comentados online, gerando assim a necessidade de estar constantemente conectado, o FoMO também está relacionado com baixo humor e menor satisfação com



a vida (RSPH, 2017). Devido ao isolamento social e ao aumento de atividades online é possível que o FoMO tenha se intensificado, fazendo com que usuários passassem mais tempo conectados.

CONCLUSÃO

Verificou-se que os participantes são usuários constantes do *Instagram* e se autoavaliam de forma menos feliz do que os demais usuários, podendo ser um potencial fator de adoecimento psíquico na pandemia, já que eles passaram a utilizar mais essa ferramenta. A pesquisa cumpriu seu objetivo, levantando dados práticos quanto a utilização do *Instagram* durante a pandemia de COVID-19. Destarte, os resultados significativos auxiliam a compreensão da difusão dos conhecimentos neurocientíficos aplicados às redes sociais, bem como os possíveis impactos psicossociais nos usuários desta rede e a necessidade do fomento da psicoeducação para o uso das redes sociais de maneira saudável.

REFERÊNCIAS

ABJAUDE, Samir Antonio Rodrigues; PEREIRA, Lucas Borges; ZANETTI, Maria Olívia Barboza; PEREIRA, Leonardo Régis Leira. Como as mídias sociais influenciam na saúde mental?. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas**, Ribeirão Preto, v. 16 n. 1, jan./mar. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.0089>. Acesso em: 18 nov. 2021.

AGÊNCIA IBGE Notícias. **PNDA em contínua TIC 2017**: a internet chega a três em cada quatro domicílios do país. IBGE, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>. Acesso em: 19 set. 2020.

ALEGRIA, Ana Sofia Pinto et al. **Relação entre a utilização de redes sociais e a literacia em saúde mental positiva de jovens**: um estudo exploratório sobre o Instagram. Tese (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa. Porto, 2019. 63 p.

ENGELN, Renee et al. Compared to Facebook, Instagram use causes more appearance comparison and lower body satisfaction in college women. **Body Image**, v. 34, [s.n], p.



38-45, 2020. Disponível em: http://bodyandmedia.com/pdfs/2020_instavsfb.pdf. Acesso em: 19 nov. 2020.

LYUBOMIRSKY, S.; LEPPER, H. S. A measure of subjective happiness: Preliminary reliability and construct validation. **Social Indicators Research**, v. 46, n. 1, p. 137–155, 1999.

PESSOA, Thais Emanuele Galdino et al. Psicologia da Era Virtual (3a geração): Validação da Escala de Atitudes Perante o Instagram. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 15, n. 3, p. 1-17, 2021.

ROYAL SOCIETY FOR PUBLIC HEALTH. **Status of Mind**: Social Media and young people's mental health and wellbeing. 2017. Disponível em: <https://www.rsph.org.uk/our-work/campaigns/status-of-mind.html>. Acesso em: 08 nov. 2021.

SHOLEH, Achmad; RUSDI, Ahmad. A new measurement of Instagram addiction: psychometric properties of The Instagram Addiction Scale (TIAS). **Feedback**, v. 737, [s.n.], p. 499, 2019.



O TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA JURÍDICA

Trabalho de Grupo de Pesquisa

Monalisa Beatriz dos Santos Ressurreição, monalisa.santosff@gmail.com; Maria Andréia Vieira de Vasconcelos, andreia28vieira@gmail.com

Orientador(a): Andreza Maia Silva Barbosa, psicologaandrezamaia@gmail.com

RESUMO

Introdução: O transtorno de personalidade antissocial (TPAS) representa um desafio para profissionais da área de saúde mental. No âmbito criminal, especialistas têm se dividido quanto ao tratamento mais adequado para os sujeitos que o possui. **Objetivo:** Verificar os tratamentos alternativos, no contexto jurídico, oferecidos às pessoas com TPAS que tiveram condutas ilícitas. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com busca realizada no Periódico CAPES, nas bases de dados Oxford Journals; Science Direct, Psycinfo, Academic Search Premier, com recorte temporal de 2011 a 2021. **Resultados:** De acordo com os critérios de inclusão e exclusão, foram encontrados 266 artigos a partir das combinações dos seguintes descritores: transtorno de personalidade antissocial, responsabilidade penal e imputabilidade. Após análise de título, resumo e texto completo, apenas 6 artigos foram selecionados. **Discussão:** Os sujeitos que possuem TPAS dificilmente são isentos de pena e podem ser tratados como semi-imputáveis a depender do quanto o transtorno afeta as suas capacidades de determinação e de entendimento. Em relação ao tratamento alternativo, quando acometidos pelo transtorno, em alguns casos, os sujeitos são submetidos a internação em hospitais psiquiátricos forenses e podem apresentar melhoras de alguns aspectos com a administração de fármacos e realização de psicoterapia. **Conclusões:** Destaca-se a necessidade do desenvolvimento de mais estudos empíricos envolvendo esta temática, possibilitando o avanço nos conhecimentos sobre possíveis tratamentos para o transtorno.

Palavras-chave: Transtorno de Personalidade Antissocial. Responsabilidade Penal. Psicologia Jurídica.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa foi realizada devido à divisão existente entre especialistas da área da saúde mental, quando solicitados para auxiliar a justiça, acerca do melhor tratamento oferecido à indivíduos com transtorno de personalidade antissocial (TPAS) que tiveram condutas ilícitas. No âmbito criminal, quando há dúvidas acerca da integridade mental de



um indivíduo, é solicitada perícia psiquiátrica a fim de avaliar a presença de transtorno mental e sua repercussão no ato ilícito praticado. (TABORDA; CHALUB; COSTA, 2016). Em alguns casos, o psicólogo pode realizar, de forma complementar, um psicodiagnóstico forense. (ANDROVANDI et al., 2007 apud SILVA; ASSIS, 2013).

Assim, esse tipo de perícia auxilia a justiça a decidir a responsabilização penal do sujeito. Caso seja comprovado que a capacidade de compreensão e de determinação do agente, no momento do ato, tenham sido comprometidas por algum transtorno mental, parcial ou totalmente, este será considerado, respectivamente, semi-imputável ou inimputável. Quando o indivíduo compreende o caráter ilícito do ato e se controla de acordo com esse entendimento, ele é considerado imputável. (TABORDA; CHALUB; COSTA, 2016).

Considerando que a presença do transtorno mental apenas não é critério suficiente para a isenção da responsabilidade penal e que o TPAS corresponde à categoria "perturbação da saúde mental" prevista no Código Penal Brasileiro, a qual abrange os transtornos que não implicam quebra do juízo de realidade, e portanto, não está relacionada a inimputabilidade, alguns especialistas apontam que o TPAS também não preenche os requisitos necessários para a semi-imputabilidade enquanto outros associam o transtorno à semi-imputabilidade. (TABORDA; CHALUB; COSTA, 2016).

Quando um indivíduo é considerado semi-imputável pode ter sua pena reduzida ou substituída por medida de segurança. Esta, por sua vez, se aplica aos inimputáveis e corresponde a sujeição a tratamento ambulatorial e a internação em hospital de custódia e tratamento (HCT). (GRECO, 2015). Quanto a isso, é importante destacar que existe desafios para o tratamento do TPAS. Muitos se dão, segundo Costa e Valério (2008), principalmente pelos próprios traços do transtorno, sendo difícil a formação de uma aliança terapêutica. Dessa forma, este trabalho objetivou averiguar a responsabilidade penal geralmente atribuída aos indivíduos que possuem o referido transtorno e os tratamentos alternativos à pena.

MÉTODO



Este trabalho tratou-se de uma revisão integrativa. O método em questão permite a inclusão de diversos tipos de estudos para melhor compreensão de determinado fenômeno a partir de seis fases: 1) definição de questão norteadora; 2) determinação de critérios de inclusão e seleção de amostra; 3) extração e representação dos dados em instrumento adequado para coleta; 4) análise crítica dos estudos; 5) interpretação dos resultados; 6) apresentação da revisão integrativa. (SOUZA, SILVA, CARVALHO, 2010).

As buscas das publicações foram realizadas nas bases de dados Oxford Journals (Oxford University Press), ScienceDirect (Elsevier), Academic Search Premier (EBSCO) e PsycINFO (APA). Para a seleção dos artigos foram utilizados os seguintes descritores em inglês, espanhol e português: Transtorno de Personalidade Antissocial; Responsabilidade Penal e Imputabilidade. Em cada base de dado foi utilizada uma combinação diferente desses descritores a fim de obter o maior número possível de artigos. Os critérios de inclusão delimitaram: artigos publicados na língua inglesa, espanhola ou portuguesa, todas as categorias de artigo (original, revisão de literatura, reflexão, atualização, relato de experiência etc.), artigos na íntegra (full-text) que tratam a temática e publicações dos últimos dez anos (2011 a 2021).

O estudo contou com a avaliação de duas pesquisadoras que analisaram, inicialmente, títulos e resumos dos manuscritos a fim de conferir se eles atendiam ao interesse da questão norteadora e se estavam de acordo com os critérios de inclusão. Os artigos que não trouxeram nessas partes (resumo e título) informações suficientes foram retidos para uma avaliação do texto em sua íntegra. No final, apenas 6 artigos foram selecionados. Após análise dos estudos, a interpretação dos dados se deu através da metodologia de análise textual, que possibilita o surgimento de novas compreensões a partir de três etapas: unitarização, categorização e comunicação. (MORAES, 2003).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A busca inicial dos artigos, com a combinação dos descritores e dos critérios de inclusão supracitados, resultou num total de 266 estudos encontrados. Destes, foram selecionados 20 após leitura de título e resumo. No final, após leitura completa dos textos, restaram apenas 6 artigos. Os resultados deste estudo confirmaram o que já era apontado



na literatura: as pessoas com TPAS que cometem atos ilícitos, de acordo com algumas jurisdições, não são consideradas insanas mentalmente (inimputáveis) e dificilmente são sujeitas à tratamento forense.

Enquanto parte da literatura aponta que indivíduos com personalidade antissocial não podem se beneficiar da semi-imputabilidade por não preencherem os critérios necessários para tal (TABORDA; CHALUB; COSTA, 2016), alguns especialistas concordam que o TPAS afeta o livre-arbítrio do sujeito enquanto mantém preservada a capacidade cognitiva. (GARCÍA et al., 2016). De acordo com isso, outros especialistas se manifestam contra a responsabilização total desses indivíduos, apontando que transtornos de personalidade podem ser compreendidos como transtornos mentais graves “com base em deficiências de desenvolvimento ou déficits específicos, como deficiências cognitivas e impedimentos biológicos”. (SPAANS et al., 2011, p. 374, tradução nossa).

Em relação aos tratamentos alternativos à pena, se destacou nos estudos as medidas de segurança, que incluem internamento em hospital psiquiátrico. Na Holanda, os tribunais podem impor uma sentença de encarceramento proporcional à redução da responsabilidade desses indivíduos seguida de tratamento obrigatório em hospital psiquiátrico forense de alta segurança. (SPAAN et al., 2011). Em contrapartida, a Itália, que passou por reforma psiquiátrica, adotou um modelo de residências para a aplicação de medidas de segurança (REMS) a fim de substituir hospitais psiquiátricos jurídicos que abrigavam um grupo heterogêneo de indivíduos com transtornos, incluindo o TPAS. (FERRACUTI et al., 2019).

Uma pesquisa realizada por Ripoll, Triebwasser e Siever (2011) mostrou que boa parte das evidências disponíveis sobre tratamento medicamentoso é a favor da utilização de medicamentos no TPAS para reduzir a impulsividade e a agressão características de tal transtorno. Entretanto, apenas isso não é suficiente para um tratamento eficaz. Um dos desafios encontrados na literatura para o tratamento do TPAS são as próprias características do transtorno que não facilitam a formação de aliança terapêutica. (COSTA; VALERIO, 2008). Com isso, os resultados desse estudo sugeriram a integração da psicoterapia baseada em evidências com a farmacoterapia a fim de produzir benefícios duradouros. (RIPOLL; TRIEBWASSER; SIEVER, 2011).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria dos autores compreende que o TPAS afeta a capacidade de determinação em alguns casos e repercute na ação ilícita ocasionando diminuição na responsabilidade penal dos sujeitos. Em outros contextos, eles são totalmente responsáveis pelos seus atos. Os tratamentos alternativos possíveis, a depender do caso, são: internação em hospitais psiquiátricos forenses e tratamento com fármacos integrado à psicoterapia baseada em evidências. Destaca-se a necessidade do desenvolvimento de mais estudos empíricos envolvendo esta temática, possibilitando o avanço nos conhecimentos sobre possíveis tratamentos para o transtorno.

REFERÊNCIAS

COSTA, J.B.P.; VALERIO, N. I. Transtorno de personalidade anti-social e transtornos por uso de substâncias: caracterização, comorbidades e desafios ao tratamento. **Revista Temas em psicologia**, Ribeirão preto, v.16, n.1, p. 119-132, jun. 2008. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X2008000100010&script=sci_abstract >. Acesso em: 13 de mar. 2021.

FERRACUTI et al. Evolution of forensic psychiatry in Italy over the past 40 years (1978–2018). **International Journal of Law and Psychiatry**, [S.l.], v.62, p. 45-49, Jan./Feb. 2019. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160252718301134?via%3Dihub>> Acesso em: 8 de jun. 2021.

GARCIA, F.L. et al. Trastornos de la personalidad en la jurisprudencia española. **Revista Española de Medicina Legal**, [S.l.], v. 42, n. 2, p. 62-66, abr./jun. 2016. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0377473215000681?via%3Dihub>> Acesso em: 8 de jun. 2021.

GRECO, R. **Curso de direito penal**: parte geral. 17. ed. Rio de janeiro: Impetus, 2015.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**. Bauru, v.9, n.2, p.191-211, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S151673132003000200004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 24 de jun. 2021.



RIPOLL, L.H.; TRIEBWASSER, J.; SIEVER, L.J. Evidence-based pharmacotherapy for personality disorders. **International Journal of Neuropsychopharmacology**, [S.l.], v. 14, n. 9, p. 1257-1288, Oct. 2011. Disponível em <<https://academic.oup.com/ijnp/article/14/9/1257/649533>> Acesso em: 12 de jun. 2021.

SILVA, L.G.; ASSIS, C.L. Inimputabilidade penal e a atuação do psicólogo jurídico como perito. **Revista Direito em Debate**, [S.l.], v.22, n.39, p.122-143, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/revistadireitoemdebate/article/view/1123>> Acesso em: 24 de mar. 2021.

SOUZA, M.C.; SILVA, M.D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v.8, n.1, p.102-106, jan./mar. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 28 de fev. 2021.

SPAANS, M. et al. Diagnosis of antisocial personality disorder and criminal responsibility. **International Journal Of Law and Psychiatry**, [S.l.], v.34, n. 5, p. 374-378, Sept./Oct. 2011. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160252711000793>> Acesso em: 12 de jun. 2021.

TABORDA, G.V.J.; CHALUB, M.; COSTA, G.M. Perícia de imputabilidade penal. In: ABDALLA-FILHO, E.; CHALUB, M.; TELLES, L.E.B. **Psiquiatria forense de Taborda**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. cap.8, Não paginado. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/n0555sx>> Acesso em: 22 de mar. 2021.



INTERLOCUÇÕES SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA E A SAÚDE MENTAL NA INFÂNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA LIGA ACADÊMICA

Relato de Experiência da Liga Acadêmica de Estudos Interdisciplinares em Infâncias da Uneb/ LAEINF

Mable Luz Menezes, (081720352@uneb.br); Abraão Carneiro do Carmo Rodrigues, (rodrigues.a.c90@gmail.com); Larissa Soares Ornellas Farias, (larissa.ornelas1@terra.com.br)

Orientação por Prof. Ma. Simone Regina Silva D’Almeida

RESUMO

O campo da saúde mental, após a reforma psiquiátrica, preconiza a atuação psicossocial como modelo de intervenção que, além de defender a socialização e a inserção em territórios subjetivantes, pressupõe uma interlocução constante entre os profissionais da saúde e a comunidade. Em consonância com isso, a Liga Acadêmica de Estudos Interdisciplinares em Infâncias, em conjunto com a Liga Acadêmica de Fisioterapia em Saúde da Criança, promoveu ações extensionistas sobre o cuidado com a infância, tendo a saúde mental da criança e a garantia dos direitos e proteção à infância como eixo norteador do processo. Logo, objetiva-se relatar a experiência das ações empreendidas, destacando seu planejamento, e percepção de resultados. Utilizou a sistematização de experiências como método de organização. Consideramos que os resultados consistem na narrativa da própria experiência. Nesse sentido, informamos a realização de duas transmissões online pelo *Instagram* que discutiram as seguintes temáticas: *A luta pela garantia dos direitos e proteção à infância e Saúde mental infantil*. O planejamento contou com a justificativa da necessidade de legitimar as demandas psicossociais das crianças. A partir daí, estabelecemos uma pauta de discussão efetivada na apresentação de informações seguida de discussão teórica. O público-alvo foram os seguidores das ligas no canal, composto de estudantes das áreas de saúde e humanidades. Os ganhos consistiram no exercício de interlocução entre os estudantes de áreas distintas, como no contato com a comunidade, fomentando o papel da universidade com a extensão e o fornecimento de informações sobre a saúde mental da criança, com reflexões teóricas multidisciplinares.

Palavras-chave: Saúde mental. Infância. Extensão universitária. Direito da criança.



INTRODUÇÃO

A atenção à rede de cuidado às crianças deve ser um compromisso de toda a sociedade, assim como a garantia da efetivação dos seus direitos, e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) vem como um pleno exercício de dispor da proteção integral à criança e ao adolescente no início do século XX e que vigora até a contemporaneidade. A sua implementação foi crucial para que esses indivíduos não apenas fossem percebidos enquanto integrante ativo da sociedade, mas como detentores de direitos e proteção integral. No entanto, o Brasil ainda tem muitos desafios, como garantir a plena efetivação do ECA, permitindo que todas as crianças e adolescentes tenham seus direitos respeitados, protegidos e assegurados (ECA, 1990).

A proteção integral envolve não apenas as questões correlatas de direitos garantidos, proteção e defesa, mas amparado a compreensão que essa integralidade esteja interseccionada a garantia do direito à vida e à saúde. Portanto, a sua existência depende de uma qualidade de vida e todos os meios legais que garantam isso, entendendo a saúde como essencial no processo, tratando saúde da forma mais ampla possível, não apenas no campo biológico, mas mental, pois o adoecimento mental vem apresentado também com sintomatologias. Desta forma, a criança tem direito a receber o cuidado da saúde mental, presente no cuidado integral, e no Brasil, de acordo com Hohendorff et al (2015), os serviços de saúde mental estão inclusos no Sistema Único de Saúde (SUS), representados pelos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

Quanto aos direitos fundamentais, incluso no ECA, como direito à saúde e a vida, no artigo 11º é assegurado por lei que a criança e ao adolescente tenham acesso a rede integral das linhas de cuidado à saúde, por meio do SUS, que é o sistema universal de saúde do Brasil, isso observado desde a diretriz da equidade do acesso a ações e serviços, o que inclui a saúde mental. Segundo o artigo citado anteriormente no ECA, o cuidado a saúde mental da criança, é apresentado mais como detectores de sinais de risco para o desenvolvimento psíquico e incluso nos atendimentos profiláticos caso confirmação de violência sexual, encaminhando posteriormente para um atendimento psicossocial. É possível questionar como a proteção integral pode ser assegurada, encarando a delimitação de cuidado à saúde mental dessa criança e adolescentes nesse momento de



triagem, por exemplo, para posterior encaminhamento, pois o serviço na prática ainda apresenta defasagem.

Logo, com a justificativa da necessidade de legitimar as demandas psicossociais das crianças, foi levantada as discussões enquanto Ligas Acadêmicas por entender o tema ser de extrema importância, principalmente no contexto atual pandêmico, onde os casos de violência contra as crianças aumentaram, devido ao isolamento social, relata o canal de denúncias de violação aos direitos humanos, assim, trazer o debate sobre a defesa, proteção e cuidado à saúde mental é sempre uma questão urgente.

Centrou-se no objetivo geral de relatar a experiência das ações empreendidas, destacando seu planejamento, implementação e percepção de resultados.

MÉTODO

A metodologia consistiu na sistematização de experiências como método de organização e apresentação de vivências com embasamento teórico, para tanto, considera-se que os resultados consistiram na narrativa da própria experiência da Liga de Estudos Interdisciplinares em Infâncias - LAEIINF. Foi estruturado o relato das atividades enquanto Lives formativas/extensionistas, que discutiram temáticas atuais de teor sensível ao cuidado, proteção e saúde mental das crianças, buscando sensibilizar e alertar a responsabilidade do estado, família e sociedade na garantia de plenas condições de desenvolvimento, assim como salvaguarda-las de toda forma de discriminação, exploração e violência. Desse modo, foi trazido relato a partir da realização de duas transmissões online pelo *Instagram* que discutiram as seguintes temáticas: “A luta pela garantia dos direitos e proteção à infância e Saúde mental infantil”, em parceria com a liga LAFISC - Liga Acadêmica de Fisioterapia em Saúde da Criança da UNEB na primeira transmissão, com participação da LAOL – Liga Acadêmica de Odontologia Legal da UFBA.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Consideramos que os resultados consistem na narrativa da própria experiência enquanto Liga Acadêmica, nesse sentido, entendemos que a violência contra crianças e adolescentes é uma triste realidade, que infelizmente aumentou durante o período de pandemia e isolamento social, assim como afetou diretamente a saúde mental dessas crianças, e essa discussão foi no momento crucial como alerta do cuidado e atenção que os “pequenos” precisam receber da Sociedade, Família e Estado, assim como já assegurado pelo ECA (1990), como um direito integral a proteção, vida e saúde, e que esses três segmentos têm o dever de fiscalizar e colocar em prática rigorosamente.

A eclosão da pandemia no mundo no final de 2019 na China, e início no Brasil no final de fevereiro de 2020, trouxeram muitos impactos na infância, com efeitos diretos a respeito das manifestações clínicas da COVID-19 e os indiretos diz respeito às consequências do isolamento social, e Meirelles (2020) vai dizer que com esse quadro foram apresentando agravos na socialização das crianças devido à ausência do contato com a escola, os amigos e os espaços lúdicos que fomentam o brincar. Desta forma a saúde mental das crianças foi atingida devido as privações sociais e redução de atividades livres, segundo a mesma autora vai que dizer que a pandemia influencia diretamente a saúde mental das crianças como uma experiência traumática. “Estima-se que cerca de um terço de uma população exposta a um desastre, como a COVID-19, pode apresentar manifestações psicopatológicas se nenhuma intervenção psicossocial for realizada (FIOCRUZ, 2020)”.

A atuação psicossocial é normalmente solicitada para casos de crianças e adolescentes que passaram por processo de violação de direitos, ou estejam passando por sofrimento psíquico severo, além de ser contestado que esse sujeito está em estado de vulnerabilidade, negligência e abandono da sua rede de cuidado. Logo, o atendimento psicossocial terá o foco de estruturar ações de atendimento e de proteção a crianças e adolescentes, o que de acordo o Conselho Federal de Psicologia irá permitir o restabelecimento da superação de violação de direitos, e, portanto, reparação em quaisquer violências sofridas, vai dizer Hohendorff et al (2015).

Portanto, foram trazidas questões que nortearam o bate papo online na rede social do Instagram, em que cada representante trazia de acordo com sua especialidade e



fundamentação teórica, trazendo perspectiva de atuação frente a temática apresentada. A primeira transmissão no dia 17/06, com o tema: “A luta pela garantia dos direitos e proteção à infância”, possibilitando conscientizar a todos que acompanhavam a live sobre a importância de assegurar as medidas de proteção e defesa das crianças em todas as instâncias, assim como apresentar o manejo em cada área de atuação na contribuição do cuidado com a infância e seus pormenores.

No mês de setembro amarelo foi trazida a segunda live acerca da saúde mental na infância, no dia 29/09, mas com uma proposta do fazer e pensar esse cuidado além do setembro amarelo, trazendo um olhar mais atento a saúde mental da infância, pois acreditamos que deve ser uma preocupação anual, uma questão a ser trabalhada e desenvolvida por toda a vida, para que tenha maior campo de estudo e intervenção nesse cuidado, logo foi trazido essa reflexão pela representação da Lafisc com eixo da saúde e da Laeiinf com eixo da psicologia, trazendo assim excelentes contribuições no fazer de forma interdisciplinar.

O projeto da live é pensado com a finalidade de proporcionar ao público a troca de conhecimentos e informações sobre as infâncias, ampliando assim os horizontes sobre o tema. Apesar dos enfrentamos na construção de lives por questões de outras demandas internas, tivemos importantes interlocuções com a liga na área da saúde, a Lafisc - Liga Acadêmica de Fisioterapia em Saúde da Criança da Uneb, que inclusive nos motivou a construção das lives formativas, e participação da LAOL – Liga Acadêmica de Odontologia Legal da UFBA.

Refletimos que a luta pela garantia dos direitos e proteção à infância é também de participação da sociedade, de cooperar com os órgãos competentes pela garantia dos direitos das crianças, assim com está em vigência no ECA, mas entender que o cumprimento delas é de responsabilidade dos três segmentos, “sociedade, família e estado”. Entendendo que a saúde integral é um direito na infância, a saúde mental se faz incluso, logo o cuidado na infância, considerando principalmente o contexto de pandemia, é um compromisso social.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma o projeto da live como experiência formativas/extensionistas vem como método de engajar enquanto liga, e processo de formação acadêmico no estudo interdisciplinar nas “infâncias”, com participação de áreas distintas na contribuição de seus fazeres e corpo teórico que reflita e agregue na sua prática a infâncias como pluralidades. E assim a garantia de direitos das crianças na sua totalidade será um caminho que será discutido assim como o cuidado na saúde mental na infância, principalmente nesse contexto de pandemia em que as crianças foram retiradas do convívio social e que aos poucos retomam a esse novo fazer, a esse novo mundo pandêmico e em breve o pós-pandêmico.

A liga LAEIINF que atua no estudo, pesquisa e extensão universitária, tem como finalidade principal o desenvolvimento, a promoção e a difusão de conhecimentos acerca da Educação Infantil e das infâncias, contribuindo para a formação acadêmica e profissional dos alunos a ela vinculados.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, EM de M. Falando sério sobre a escuta de crianças e adolescentes envolvidos em situação de violência e a rede de proteção: Propostas do Conselho Federal de Psicologia-Brasília. 2009.
- DA FIOCRUZ BRASÍLIA, Assessoria de Comunicação. Conexão Fiocruz Brasília: o novo Coronavírus e nossa saúde mental. 2020.
- FEDERAL, Governo. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei federal**, v. 8, 1990.
- HOHENDORFF, Jean Von; HABIGZANG, Luísa Fernanda; KOLLER, Silvia Helena. Psicoterapia para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual no sistema público: panorama e alternativas de atendimento. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, p. 182-198, 2015.
- MEIRELLES, Antônio Flávio Vitarelli et al. COVID-19 e Saúde da Criança e do Adolescente. 2020.



VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA PESSOAS IDOSAS: O CUIDADO E AS DIFICULDADES DO PSICÓLOGO NA ATENÇÃO BÁSICA

Pesquisa de Iniciação Científica

Lucas Magalhães da Conceição, lucas.magalhaes.goode@gmail.com

Orientador (a): Kátia Jane Chaves Bernardo, kchaves@uneb.br

RESUMO

Introdução: A noção de idoso é definida com base na aparência, produtividade e papéis sociais que diferenciam essas pessoas de outras. A violência é entendida como o uso intencional ou não de força ou poder contra si ou o outro, se manifestando em abusos psicológicos, por exemplo. É a partir dessas definições que a atuação do psicólogo na atenção básica se baseia em estratégias que buscam a atenção integral à vítima de violência. **Objetivo:** Compreender como ocorre o cuidado do psicólogo na atenção básica diante de idosos vítimas de violência doméstica. **Metodologia:** Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, realizado em Salvador (BA). Participaram 14 profissionais na pesquisa, porém, apenas 7 foram consideradas no estudo. Coletou-se os dados por meio de questionário eletrônico e entrevistas semiestruturadas. Esses dados foram analisados pela Análise de Conteúdo Temática de Bardin. **Resultados:** As vítimas de violência são, sobretudo, mulheres negras com poucos recursos sociais. A violência psicológica e a negligência são as expressões principais devido à falta de laços afetivos nas famílias. A maior dificuldade é garantir acessibilidade e equidade aos usuários idosos. **Discussão:** Os grupos e a promoção de saúde são práticas necessárias à atenção integral. Entretanto, há uma possível fragilidade na ação intersetorial diante dos casos de violência. **Conclusão:** O trabalho do psicólogo possui uma série de limitações que prejudicam a atenção às vítimas de violência. Esse fenômeno é expresso em vários tipos, estando encoberta nas famílias, sobretudo diante da pandemia de COVID-19 que reduziu a oferta de cuidado nesses casos.

Palavras-chave: Violência doméstica. Pessoa idosa. Atenção Básica. Psicólogo.

INTRODUÇÃO

A noção de idoso é definida a partir da aparência das pessoas, funcionalidade e papéis sociais que diferenciam os idosos de outros grupos etários (NERI, 2009 apud NERI, 2013). Segundo Sousa et al. (2020), o Brasil tem passado pelo envelhecimento da população, requerendo uma série de cuidados para essas pessoas. Outro fator importante é que se deve considerar marcadores como gênero e raça/etnia ao se falar das



vulnerabilidades de idosos, pois são importantes para se entender tanto o marcador geração (COSTA JÚNIOR, COUTO, 2015) como o fenômeno da violência doméstica (WANDERBROOCKE, MORÉ, 2013).

A violência é entendida como o uso intencional ou não de força física ou de poder contra si ou contra o outro, bem como se manifesta de diferentes formas, tais como a física e psicológica (WHO, 2002). No cenário da pandemia de COVID-19, Garcia e Duarte (2020) apontam que idosos ficaram mais vulneráveis a prejuízos na saúde física e mental devido ao menor contato social nesse período. Nesse sentido, a Atenção Básica (AB) e seus profissionais podem contribuir para o acompanhamento dos usuários diante dessa questão, utilizando-se de estratégias que buscam responder à atenção integral das pessoas. Diante disso, percebe-se a relevância de ir além do modelo biomédico de saúde (AYRES, 2004), considerando aspectos sociais, culturais e econômicos dos sujeitos e locais em que habitam.

O presente trabalho teve como questão norteadora “Como se dá o trabalho de psicólogos/as na atenção básica ao lidar com a violência doméstica sofrida pela população idosa?”. Esse estudo objetivou compreender como se dá a prática e o cuidado no trabalho do psicólogo diante de idosos vítimas de violência doméstica em unidades da AB em Salvador (BA). Especificamente, essa pesquisa objetivou: identificar as estratégias utilizadas pelos profissionais e os entraves encontrados na prática, os tipos de violência sofridos e o perfil dos idosos vitimados; pontuar as possíveis influências da pandemia de COVID-19 nos casos de violência doméstica e os resultados das estratégias adotadas para os usuários idosos.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caráter descritivo e exploratório, de abordagem qualitativa, realizado em Salvador (BA). Ele é derivado de uma pesquisa maior do Grupo de Estudos Multirreferenciais do Cuidado (GECUID-UNEB). O número de participantes foi de 7 psicólogas que trabalham a, pelo menos, 6 meses em unidades da atenção básica lidando com casos de violência doméstica contra idosos e que fazem parte de equipes de saúde com formação mínima nos serviços. A coleta de dados se deu, primeiramente, por



meio de um formulário eletrônico, do *Google Forms*, com questões gerais sobre os profissionais e o seu trabalho. Posteriormente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com perguntas mais específicas voltadas para os objetivos específicos do trabalho.

Na etapa inicial da pesquisa, 14 profissionais responderam o formulário, obtendo-se as seguintes características dessas pessoas: maioria mulheres (13 profissionais), de até 40 anos de idade (9 profissionais), brancas (6 profissionais) ou pardas (6 profissionais) e trabalham em Unidades de Saúde da Família (7 profissionais). Desses 14 participantes, 9 destes foram entrevistados. Dos 9 entrevistados, 7 profissionais foram consideradas no estudo, pois atendiam o público idoso nas unidades. Os dados foram coletados entre os meses de março e junho de 2021 e a análise dos dados se deu pela Análise de Conteúdo Temática (BARDIN, 2016), seguindo as seguintes etapas de análise: a pré-análise, na qual se familiariza com o com os dados coletados por meio de leitura flutuante; a exploração do material, onde se identifica os elementos significativos e possíveis categorias temáticas; e o tratamento dos resultados, onde se apresenta os principais achados da pesquisa, dialogando-os com a literatura. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da UNEB, no parecer de nº 4.337.113.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Perfil das pessoas idosas atendidas nas unidades

Sobre o perfil das pessoas idosas atendidas nas unidades, ele é definido como majoritariamente feminino e negro, com poucos recursos sociais e disponibilidade de serviços públicos. Essas pessoas são as que mais necessitam dos serviços de atenção e cuidado do SUS apesar da grande dificuldade de acesso dessa população (SILVA et al., 2020). Foi relatado que esse público possui entre os 60 e 90 anos ou mais de idade, bem como histórico de violência familiar e queixas de negligência, sobretudo mulheres. Há casos de isolamento, humor deprimido, ansiedade e doenças crônicas como hipertensão e diabetes.



Naturezas e aspectos da violência contra a população idosa

Sobre a violência, foi dito que se trata de uma questão encoberta e pouco denunciada nas famílias, aparecendo poucos casos nas unidades. Nos casos existentes, as profissionais citam a negligência e a violência psicológica como as violências mais comuns, embora abusos físicos, financeiros e abandono também tenham sido relatados. O histórico de violência familiar, que perpassa as formas dos familiares se tratarem, influencia a manutenção das violências no espaço doméstico, prejudicando a formação de vínculos. Sobre esses tipos de violência, a pesquisa de Barros et al. (2019), que entrevistou 169 idosos assistidos na Atenção Básica, concluiu que cerca de 78% dessas pessoas afirmaram já ter sofrido algum tipo de violência, sendo a negligência, a violência psicológica e a financeira as mais comuns.

Práticas de cuidado, dificuldades encontradas e possíveis resultados das práticas

Além das visitas domiciliares e atendimentos individuais/coletivos, os grupos de convivência acabam sendo a principal estratégia de atenção à população idosa. Dentre as dificuldades na prática, estão os limites da formação acadêmica e a distância entre as experiências de vida dos profissionais e dos usuários. Também aparecem o desafio de garantir acessibilidade e equidade aos usuários e a possível fragilidade na ação intersetorial, pois não foi citada, por exemplo, encaminhamentos ao Centro de Referência Especializada de Assistência Social, órgão importante nos casos de violação dos direitos, a exemplo da violência (RIBEIRO et al., 2014). Sobre os possíveis resultados das práticas nas unidades, aparecem o apaziguamento da violência, evitando que todas as necessidades da pessoa idosa sejam negligenciadas, e a construção de uma rede de apoio para os idosos nos grupos.

Influências da pandemia na violência doméstica

As profissionais afirmam que não perceberam um aumento no número de casos de violência doméstica contra idosos durante a pandemia. Entretanto, isso provavelmente se deve ao menor acesso dessas pessoas às unidades nesse período, o que dificulta a identificação e acompanhamento dos casos existentes. Nesse sentido, a violência está mais camuflada devido ao menor contato com essas pessoas. A pandemia, segundo as



profissionais, acaba sendo um pretexto para o abandono de idosos por parte de familiares. Essas pessoas carregam uma série de motivações para não prestar um cuidado e suporte aos seus parentes, a exemplo da falta de condições estruturais para isso (MARQUES et al., 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência doméstica contra idosos é expressa em vários tipos, estando encoberta nas famílias, sobretudo diante da pandemia de COVID-19 que reduziu a oferta de cuidado nesses casos. Predominantemente, as vítimas de violência são mulheres negras de baixa condição socioeconômica e escolaridade que têm como maior empecilho a garantia de sua acessibilidade e equidade nos serviços de saúde. Sobre as práticas, os grupos de convivência são a principal estratégia implementada nas unidades.

Dentre os possíveis resultados das intervenções, há um apaziguamento dos conflitos familiares e a criação de uma rede de apoio para os usuários, contribuindo para a participação social e prevenção da violência. Como limitações, esse estudo possui resultados não generalizáveis e número reduzido de participantes. É necessário que outras pesquisas sejam realizadas para ampliar a compreensão sobre a temática, tanto para profissionais, como para estudantes e pesquisadores que se interessam pela temática.

REFERÊNCIAS

- AYRES, J. R. C. M. Cuidado e reconstrução das práticas de Saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v.8, n.14, p.73-92, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832004000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: março de 2020.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. Disponível em: <<https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>>. Acesso em: março de 2020.
- BARROS, R. L. M. et al. Violência doméstica contra idosos assistidos na atenção básica. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 122, p. 793-804, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042019000300793&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: novembro de 2020.
- COSTA JÚNIOR, F. M.; COUTO, M. T. Geração e categorias geracionais nas pesquisas sobre saúde e gênero no Brasil. **Saúde e Sociedade [online]**. 2015, v. 24, n. 4, pp. 1299-1315. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902015140408>>. ISSN 1984-0470. Acesso em: setembro de 2021.



GARCIA, L. P.; DUARTE, E. Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da COVID-19 no Brasil. **Epidemiol. Serv. Saúde** [online]. v. 29, n. 2, p.1-4, e2020222, 2020. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222020000200100&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: abril de 2020.

MARQUES, E. S. et al. Violência contra idosos durante a pandemia de Covid-19 no Brasil: contribuições para seu enfrentamento. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 2, p. 4177-4184, 2020. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020006804177&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: novembro de 2020.

NERI, A. L. Conceitos e teorias sobre envelhecimento. In: MALLOY-DINIZ, L.; FUENTES, D.; CONSENZA, R. M. **Neuropsicologia do Envelhecimento: Uma Abordagem Multidimensional**. Porto Alegre: Artmed, 2013. Disponível em:

<https://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_016.pdf>. Acesso em: setembro de 2021.

RIBEIRO, A. B. et al. Desafios da atuação dos psicólogos nos CREAS do Rio Grande do Norte. **Fractal: Revista de Psicologia** [online], v. 26, n. 2, pp. 461-478, 2014.

Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/fractal/a/wz5WRjcYGzLSnGYKGrtzj8g/?lang=pt#>>. Acesso em: outubro de 2021.

SILVA, N. N. et al. Acesso da população negra a serviços de saúde: revisão integrativa.

Rev. Bras. Enferm. Brasília, v. 73, n. 4, p. 1-9, e20180834, 2020. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672020000400301&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10 abril, 2021. Epub 01 junho, 2020. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0834>.

SOUSA, M. C. et al. O envelhecimento da população: aspectos do Brasil e do mundo, sob o olhar da literatura. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n.8, p. 61871-61877, 2020. Disponível em:

<<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/15567>>. Acesso em: setembro de 2021.

WANDERBROOKE, A. C. N. S; MORÉ, C. L. O. O. Abordagem profissional da violência familiar contra o idoso em uma unidade básica de saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 12, p. 2513-2522, 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2013001200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: novembro de 2020.

World Health Organization (WHO). **World report on violence and health**. Geneva: WHO, 2002. Disponível em:

<https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/#:~:text=The%20World%20Health%20Organization%20launched,health%20on%20October%20rd%2C%202002.&text=The%20World%20report%20on%20violence,can%20be%20done%20about%20it.> Acesso em: março de 2020.



NEUROMEETING: DIFUNDINDO CONHECIMENTOS NEUROCIÊNCIAS NA PANDEMIA

Autor 1[1], Laura Sergio da Cruz, laurasc.uneb@gmail.com; Autor 2 [1] José Victor Fraga dos Santos, victor.fraga@gmail.com; Autor 3[1], Caio Pereira de Oliveira, caiocpo9@gmail.com;

[1] estudante de Psicologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Orientador(a): José Bonifácio de Amparo Sobrinho, jbonifacioamso@gmail.com

RESUMO

Introdução: As medidas de distanciamento social decorrentes da pandemia da COVID-19 geraram transformações e adaptações em instituições e organizações, inclusive no setor da educação. **Objetivo:** Analisar resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas durante o período pandêmico e resgatadas da plataforma YouTube. **Metodologia:** Foram realizados: a) mapeamento dos eixos que compõem a linha editorial usada e b) análise dos índices métricos gerados pela plataforma YouTube do programa em questão. **Resultados:** Ao total, ocorreram dezenove programas, discriminados nos seguintes eixos: a) Campanhas de Conscientização Social; b) Multirreferencialidade; c) Dependência Química e Psicológica; d) Emoções e Sentimentos; e) Educação Infantil. As métricas indicaram que os conteúdos produzidos estiveram acessíveis a 36.447 pessoas, gerando um total de 3.518 visualizações, 902 comentários, 709 expressões de avaliações positivas a partir da marcação "Gostei" e 177 compartilhamentos. **Discussão:** Nesse sentido, o "NeuroMeeting", programa de entrevistas desenvolvido por estudantes do curso de Psicologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - vinculado à plataforma Psicologia UNEB no YouTube e Instagram -, difundiu conhecimentos neurocientíficos de forma gratuita e acessível para a comunidade acadêmica e externa dada a impossibilidade da atuação de projetos de extensão na modalidade presencial. **Conclusão:** A propagação do conhecimento neurocientífico foi impulsionada de maneira ativa, culminando em formas de apoio significativo para a necessidade de interação entre os acadêmicos e sociedade em tempos de pandemia.

Palavras-Chave: Neurociências. Tecnologia Digital. Universidade.

INTRODUÇÃO

A extensão universitária credencia-se, cada vez mais, como espaço privilegiado de produção de conhecimento significativo, além de possibilitar a formação profissional (SILVA, 2019). É por meio desta prática que a universidade interage com a comunidade



gerando uma troca de conhecimentos e, conseqüentemente, gera produção cultural (SOUZA; CARVALHO, 2018). Nesse sentido, a extensão universitária aproxima o saber científico de realidades múltiplas (RODRIGUES et al., 2013), surgindo então como uma importante ferramenta a ser empregada pelo ensino superior para a realização de seu comprometimento social (CÔRREA-SILVA; PENHA; GONÇALVES, 2017).

Logo, a universidade pública entendida como intervenção governamental mobilizada por discentes, docentes, pesquisadores e sociedade civil, permite a promoção de plataformas digitais públicas como arenas de compartilhamento de saberes, utilidades e técnicas. Assim sendo, a atividade extensionista nas Plataformas Digitais (PD) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) nas mais diversas esferas sociais possui o poder de alavancar a modernização tecnológica e de propagar seus benefícios e conhecimentos produzidos para um número maior de pessoas. Dentre as tecnologias desenvolvidas, estão aquelas que podem ser decisivas para enfrentar determinado período histórico, como a atual pandemia de COVID-19.

A Experiência da Plataforma Psicologia UNEB, produzida pela comunidade acadêmica do colegiado de psicologia da Universidade do Estado da Bahia forneceu soluções para a manutenção das atividades acadêmicas, sociais e culturais no período pandêmico. Foi uma solução cooperativa comprometida com alto nível cultural, intelectual e científico para a formação de comunidade, interação social, circulação de informação e promoção de saúde mental a partir de atividades mediadas por tecnologias digitais. A utilização da plataforma favoreceu o preenchimento da vida cotidiana de agentes acadêmicos e sociedade, criando espaços de compartilhamento intercultural e neurocientífico no contexto pandêmico.

O Neuromeeting surge como um projeto de extensão acadêmico de neurociências promovido exclusivamente a partir da autonomia de estudantes no início da quarentena, em 2020, e que faz uso das plataformas digitais para difundir estudos e falas sobre a temática, até então vistas de modo elitista e de difícil acesso, de maneira gratuita e acessível. Destarte, em um contexto inteiramente permeado pelo ensino à distância (EAD), o projeto diferencia-se e justifica-se pela promoção debates com renomados pesquisadores e profissionais que dialogam com as neurociências, fomentando o encontro desses com o público comum nas arenas públicas digitais de debates.



A atividade do Neuromeeting tem como objetivos principais: a) a democratização de conhecimentos neurocientíficos; b) criação de redes de contato entre a comunidade acadêmica e a sociedade; e c) promover discussões e publicações sobre assuntos de interesse acadêmico, permitindo a interação da comunidade não acadêmica. Além disso, foi encarado como possível objetivo inspirar outros estudantes, profissionais, acadêmicos e instituições a replicar este caminho possível e enriquecedor.

Por sua vez, os objetivos deste trabalho consistem em analisar a repercussão acerca do ciclo de entrevistas realizadas pela comissão organizadora do programa “Neuromeeting”, assim como averiguar a estrutura desse, juntamente, com a base fornecida pelo canal Psicologia UNEB da Plataforma Digital YouTube.

MÉTODO

Esta pesquisa utilizou abordagem mista, com duas etapas: qualitativa e quantitativa, concomitantemente. Para a parte qualitativa da pesquisa, foi realizada uma análise documental das descrições dos programas, a partir da estratégia de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), em que foram discriminados eixos temáticos dos programas. Já em relação à abordagem quantitativa foi realizada uma análise descritiva das métricas fornecidas pela plataforma Youtube. Essas métricas foram “compartilhamentos”, marcações “Gostei”, pessoas alcançadas e visualizações. Os resultados obtidos foram sistematizados e interpretados na tabela discutida nos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao total ocorreram dezenove programas, que estão disponibilizados na plataforma, discriminados em cinco eixos. Foram eles: **eixo 1 - Campanhas de Conscientização Social:** NeuroMeeting #8, NeuroMeeting #10, NeuroMeeting #11; **eixo 2 - Multirreferencialidade:** NeuroMeeting #2, NeuroMeeting #6, NeuroMeeting #7, NeuroMeeting #13, NeuroMeeting #14, NeuroMeeting #15, NeuroMeeting #17; **eixo 3 - Dependência Química e Psicológica:** NeuroMeeting #5; **eixo 4 - Emoções e Sentimentos:** NeuroMeeting #1, NeuroMeeting #3, NeuroMeeting #4, NeuroMeeting #16, NeuroMeeting #19; **eixo 5 - Educação Infantil:** NeuroMeeting #9, NeuroMeeting #12, NeuroMeeting #18.



Os dados coletados do Psicologia UNEB na plataforma YouTube indicam que os conteúdos produzidos estiveram acessíveis a 36.447 pessoas, gerando um total de 3.518 visualizações, 902 comentários, 709 expressões de avaliações positivas a partir da marcação "Gostei" e 177 compartilhamentos.

Ressalta-se que este resultado provém, unicamente, da divulgação de tráfego orgânico, iniciado e mantido pelos estudantes envolvidos, sem qualquer investimento privado e monetário em publicidade, tanto advindo dos estudantes quanto da instituição a qual os mesmos estão vinculados. Esse tráfego foi possível, pois partiu das plataformas do “Psicologia UNEB” no Instagram e Youtube, bem como divulgação direta por grupos de Whatsapp, em geral dos estudantes responsáveis.

Cabe destacar o papel da extensão universitária em aproximar a academia e sociedade civil com o intuito de fomentar melhor qualidade de vida e transformação social, além de beneficiar discentes por meio de uma experiência prática que certamente favorece seu crescimento enquanto futuro profissional (SILVA, 2019; SOUZA, CARVALHO, 2018). Dessa forma, é possível observar que o Neuromeeting obteve sucesso enquanto prática extensionista, fomentando na interação entre estudantes, profissionais e população.

Trópia (2008) por sua vez reforça a necessidade de aproximação entre pesquisadores e público leigo, Já Carvalho e colaboradores (2020) apresentam uma experiência prática de aproximação e tradução de conhecimentos neurocientíficos para a população civil, fomentando em troca de informações, aprendizado e promoção a uma melhor qualidade de vida por meio de conscientização acerca de cuidados preventivos a lesões. O Neuromeeting, portanto, assim como outras práticas extensionistas, colabora com a difusão de informações que propiciam em cuidados com a saúde e aprendizagem, além de corroborar com a valorização do conhecimento científico em tempos de desvalorização da ciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A propagação do conhecimento neurocientífico foi possível e impulsionada graças à acessibilidade de todos às PD que permitiram o rápido e fácil acesso de todos bem como o longo alcance gratuito do conteúdo produzido, promovendo assim a



democratização do conhecimento neurocientífico produzido e atualizado por meios de pessoas que são autoridades nos respectivos assuntos abordados. Destarte, dado o contexto de distanciamento social, as PD constituem-se em apoios significativos para a necessidade de interação entre os acadêmicos e sociedade bem como elemento crucial para o sucesso e realização do programa proposto.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70.
- CARVALHO, Lana Millena de; MACACARE, Ohana Turcato; ROCHA, Maria Beatriz da Silva; EKUNI, Roberta. Conhecer para prevenir: a importância da extensão universitária na divulgação neurocientífica para a prevenção de lesão cerebral. **Conexão UEPF**, n. 16, 2020. Disponível em: [Conhecer para prevenir: A importância da extensão universitária na divulgação neurocientífica para prevenção de lesão cerebral - Dialnet \(unirioja.es\)](https://www.dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7044444). Acesso em: 18 nov. 2021.
- CORRÊA-SILVA, Ana Maria; DA PENHA, Natália Ribeiro; GONÇALVES, Josiane Peres. Extensão Universitária e Formação Docente: contribuições de um projeto de extensão para estudantes de Pedagogia. **Formação@ Docente**, v. 9, n. 1, p. 58-73, 2017.
- RODRIGUES, Andréia Lilian Lima et al. Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-SERGIPE**, v. 1, n. 2, p. 141-148, 2013.
- SILVA, Luciane Fontana Matoso. Assessoria executiva em arquivos: relato das percepções acadêmicas de um projeto de extensão universitária. **Revista de Gestão e Secretariado (GESEC)**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 73-90, 24 abr. 2019. Disponível em: <https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/792>. Acesso em: 29 maio. 2021.
- SOUZA, Jacira Nunes; CARVALHO, Thaís Cristina Flexa. A percepção de pais sobre projeto de extensão universitária em escola amazônica. **Enfermagem em Foco**, [S.L.], v. 9, n. 3, p. 25-29, nov. 2018. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1148/456>. Acesso em: 29 maio. 2021.
- TRÓPIA, Guilherme. Reflexões sobre o discurso na divulgação neurocientífica. **Ciência e ensino**, v. 2, n. 2, 2008. Disponível em: [REFLEXOES-SOBRE-O-DISCURSO-NA-DIVULGACAO-NEUROCIENTIFICA.pdf \(researchgate.net\)](https://www.researchgate.net/publication/312144448). Acesso em: 18 nov. 2021.



CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA EM SITUAÇÕES CRÍTICAS: A INTERVENÇÃO EM SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso

Larissa Ramos Furlan, larissaramosfurlan@gmail.com.

Orientadora: Prof. Dra. Kátia Jane Chaves Bernardo, katiajanebernardo@gmail.com.

Co-orientadora: Prof. Dra. Bianca Becker, biancabecker@gmail.com.

RESUMO

Introdução: Situações críticas são estabelecidas a partir da ocorrência de um incidente crítico, compreendido como um evento que acomete de maneira abrupta uma comunidade, causando, entre outras reações, sofrimento, incerteza e a configuração de uma situação potencialmente traumática. As implicações dessas situações sobre a saúde mental e atenção psicossocial das pessoas afetadas exigiu da psicologia o desenvolvimento de estratégias. **Objetivo:** Compreender a atuação da psicologia em situações críticas. **Metodologia:** Foi realizado um estudo de revisão integrativa de literatura a partir de buscas desenvolvidas nas bases de dados Scielo, Periódicos CAPES e BVS-PSI, utilizando os descritores “Psicologia” AND “Emergência”; “Psicologia” AND “Desastre”; “Psicologia” AND “Emergências”; “Psicologia” AND “Desastres”. **Resultados e discussão:** Observou-se que a psicologia propõe atuar sobre esse tipo de situação atenta às particularidades que cada contexto evoca, presente nas diversas etapas de enfrentamento da situação e dedicada ao reconhecimento das potencialidades e dos desafios que a profissão enfrenta nessa área. **Conclusões:** Observa-se o compromisso da profissão com um cuidado em constante evolução, baseada nos preceitos éticos profissionais e nos direitos humanos, dedicada ao reconhecimento das potencialidades e desafios que a profissão enfrenta nessa área de atuação.

Palavras-chave: Situações críticas. Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Psicologia das Emergências e Desastres.

INTRODUÇÃO

Guerras, desastres naturais e industriais, acidentes e pandemias são exemplos de diferentes situações que provocam sofrimento individual e/ou coletivo e acarretam perdas materiais, pessoais, emocionais, destruição e morte (OMS, 2015). São situações que desencadeiam estresse e representam perigo imediato à integridade física e emocional das pessoas envolvidas, demandando ações imediatas (PARANHOS e WERLANG, 2015). Neste trabalho, essas diferentes situações serão referidas como situações de incidente crítico ou situações críticas.



Os impactos que as situações críticas provocam afetam aspectos econômicos, infraestruturais, sociais e da saúde física e mental da comunidade afetada (LOPES e SANT'ANNA FILHO, 2017a). A necessidade de um olhar às questões psicológicas convocou a psicologia a atuar em situações críticas, inicialmente, voltada ao entendimento das reações humanas diante de situações traumáticas, posteriormente prestando suporte psicológico e mais recentemente articulada com a Gestão Integral de Riscos de Desastres (GIRD) (LOPES e SANT'ANNA FILHO, 2017a).

A GIRD é uma estratégia de articulação de ações de proteção e defesa civil estruturada nas fases pré-impacto, durante o impacto e pós-impacto e tem como objetivo prevenir, reduzir e controlar os fatores de riscos presentes numa determinada região e diminuir o impacto de possíveis incidentes críticos sobre o local (LOPES e SANT'ANNA FILHO, 2017b). Contempla três etapas com diferentes fases: redução do risco de desastre (incluindo fases de prevenção, mitigação e preparação); manejo da situação crítica (incluindo fases de alerta e resposta); e recuperação (incluindo fases de reabilitação e reconstrução) (LOPES e SANT'ANNA FILHO, 2017b).

Este trabalho tem como objetivo geral caracterizar a atuação da Psicologia em contexto de situações críticas. Para isso, se propõe a definir o contexto de situações críticas, descrever a atuação da psicologia nesse contexto e identificar aspectos relevantes na formação da profissional de psicologia atuante nesse contexto.

MÉTODO

O presente trabalho trata de uma revisão integrativa de literatura, caracterizada por reunir evidências relacionadas a determinada temática, a partir de métodos sistemáticos, ordenados e abrangentes (ERCOLE, MELO e ALCOFORADO, 2014). A revisão de literatura realizada estrutura-se em três etapas: 1) definição do objetivo; 2) identificação da literatura; e 3) seleção dos artigos a partir de critérios de inclusão e exclusão.

Foram realizadas buscas de artigos e dissertações baseadas em estudos empíricos, nas bases de dados *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), no portal de Periódicos da CAPES e na Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia (BVS-PSI). Os descritores combinados foram: “Psicologia” AND “Emergência”; “Psicologia” AND “Desastre”; “Psicologia” AND “Emergências”; “Psicologia” AND “Desastres”.



Para a seleção dos artigos foram considerados artigos que tratam sobre a temática publicados nas bases de dados escolhidas, publicados nos últimos 10 anos – entre 2011 e 2020 –, artigos que utilizam estudos empíricos, disponíveis nos idiomas português, espanhol ou inglês, de forma gratuita e na íntegra. Foram excluídos artigos de outras áreas que não se relacionem com o objetivo da pesquisa e artigos repetidos. A seleção dos artigos seguiu as seguintes etapas: a) busca pelos descritores combinados; b) filtragem temporal; c) seleção dos artigos cujo título relaciona-se ao objetivo da pesquisa; d) seleção dos artigos cujo resumo relaciona-se ao objetivo da pesquisa; e) leitura completa dos artigos selecionados a partir dos critérios de inclusão e exclusão.

Inicialmente foi realizada uma busca nas bases de dados escolhidas a partir dos descritores supracitados, culminando no total de 5442 resultados. Aplicando-se os critérios de inclusão e exclusão, foram identificados, finalmente, 13 artigos. Os artigos selecionados foram lidos na íntegra, utilizando como método de procedimento de análise dos dados a Análise de Conteúdo de Bardin (2016). Seus resultados foram analisados a partir de categorias teóricas previamente estabelecidas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram identificadas três categorias de análise, contendo subcategorias. A primeira compreende “A intervenção psicossocial em diferentes contextos”. Em emergência sanitária são observadas presença de ameaça biológica, implicação sobre as dinâmicas sociais da comunidade afetada, convivência com o medo de contaminar-se, presença de comportamento estigmatizante diante de pessoas infectadas, além das variações de cenários dependendo da condição de saúde apresentada (GARCÍA-REAL *et al*, 2020; WEINTRAUB, 2011).

Em condição de saúde aguda, García-Real *et al* (2020) descrevem intervenções realizadas de modo presencial e remoto, alcançando a população civil e profissionais da linha de frente, além de sessões grupais com profissionais da linha de frente, assistência presencial em casos particulares, divulgação de mensagens informativas e capacitação de chefes de equipe. Em condição de saúde crônica, as intervenções propõem enfrentamento permanente, com foco educativo e na perspectiva do autocuidado, conforme descreve



Weintraub (2011) sobre o *counseling* - estratégia comumente utilizada no manejo de doenças crônicas e baseado em três pilares: suporte emocional, educacional e de compartilhamento de informações.

A intervenção psicológica em contexto de desastres sicionaturais é marcada por múltiplas perdas - perda de referências sócio afetivas, de bens materiais e referências geográficas -, o caráter coletivo do enfrentamento desse tipo de situação, a implicação sobre o espaço geográfico compartilhado, os estigmas associados à vivência e sobrevivência e o impacto sobre o mundo presumido da pessoa (NOAL, 2016; YOUNES-IBRAHIM, PINHEIRO, PARDO, 2019). Neste contexto, as intervenções perpassam o fortalecimento do vínculo comunitário e a busca pela retomada de controle das decisões locais que afetam diretamente o local, reafirmando a sensação de apropriação do território (BERROETA e CARVALHO, 2020).

Em contexto migratório, são identificadas questões relacionadas à identidade e trajetória desempenhada pelas pessoas solicitantes de refúgio, além de influência do contexto sociopolítico e situação jurídica das mesmas (SAGLIO-YATZIMIRSKY, 2015). Observa-se a migração como uma situação potencialmente traumática, com implicações de ordem psíquica, sobretudo quando marcada por violências e perdas (SAGLIO-YATZIMIRSKY, 2015).

A intervenção em saúde mental e atenção psicossocial nesse contexto pauta-se, primeiramente, em restaurar a dignidade e fortalecer a identidade das pessoas, tomando conhecimento da cultura, língua, costumes e dinâmica social sobre a qual as relações são estabelecidas nesse grupo, além de considerar as condições diversas que são oferecidas em diferentes nações no trato de pessoas em situação de refúgio, sendo fundamental o trabalho com tradutores e mediadores culturais, buscando a compreensão do significado de palavras e expressões (RABELO, 2017). Outro aspecto que atravessa as intervenções é o tempo do processo jurídico administrativo para obtenção da documentação que determina o tempo de acompanhamento que as pessoas receberão, deixando suspensas outras temporalidades, como o tempo dos riscos psíquicos se acentuarem (SAGLIO-YATZIMIRSKY, 2015).

Em contexto de acidentes e crimes percebe-se a presença de perdas súbitas, muitas vezes trágicas e coletivas, que implicam às sobreviventes uma dificuldade em lidar com



a realidade, além de um movimento de luto coletivo, compreendido como uma reação esperada diante de situações de grande perda (GONÇALVES, GUARESCHI, ROSO, 2018; FRANCO, 2015). Pode-se observar a fragilização da rede de apoio uma vez que várias pessoas estão, simultaneamente, em processo de enfrentamento (GREGIO *et al*, 2015). Observa-se também o risco do luto não reconhecido ou diminuição do mesmo em detrimento de outras perdas que possam ser lidas como “mais importantes”, o que convoca a criação de espaços de validação e expressão das diversas perdas vivenciadas (GREGIO *et al*, 2015). Como estratégia de intervenção, propõe-se o acolhimento individual e/ou grupal, rodas terapêuticas, capacitação técnica sobre contenção psiquiátrica, palestras educativas, entre outras (ALMONDES, SALES, MEIRA, 2016).

A segunda categoria deste trabalho compreende “A intervenção psicossocial em diferentes etapas da Gestão Integral de Riscos de Desastres”. A etapa pré-impacto aborda ações voltadas para a redução do risco de consolidação de um incidente crítico e as intervenções realizadas nesta etapa são marcadas pela superação do paradigma assistencialista, que restringia a atuação psicológica somente após a concretização do incidente crítico, a articulação com a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil (PNPDEC) e a proposta da GIRD, além de aspectos relacionados aos fatores de risco e grau de vulnerabilidade e a importância do planejamento preventivo e utilização da psicoeducação como estratégia preventiva (SEGREDA, GONZÁLES, FERNÁNDEZ, 2013; TRINDADE; SERPA, 2013; NOAL *et al*, 2016; BERROETA, CARVALHO, 2020; YOUNES-IBRAHIM, PINHEIRO, PARDO, 2019; HODECKER, ALVES, 2018).

A etapa de resposta ao impacto compreende o manejo da situação crítica e é marcada por estratégias relacionadas ao oferecimento de suporte inicial diante do incidente crítico e o cuidado com a não vitimização das pessoas afetadas (TRINDADE, SERPA, 2013; GARCÍA-REAL *et al*, 2020; WEINTRAUB, 2011; VASCONCELOS, CURY, 2017). É recomendado o diálogo com a estrutura do sistema de saúde local, promovendo a elaboração de uma estratégia articulada com os recursos disponíveis (NOAL *et al*, 2016). São citadas como estratégias de intervenção, considerando sobretudo as particularidades de cada situação crítica acompanhada, a pirâmide de intervenções para os serviços de saúde mental e atenção psicossocial do IASC, o *counseling* (WEINTRAUB,



2011), a realização de grupos terapêuticos (SAGLIO-YATZIMIRSKY, 2018) e os Primeiros Cuidados Psicológicos (GARCÍA-REAL *et al*, 2020).

A etapa pós-impacto é marcada por aspectos relacionados ao fortalecimento da coesão comunitária, ao crescimento de aspectos como a resiliência e a lida com as consequências a longo prazo (YOUNES-IBRAHIM, PINHEIRO, PARDO, 2019; CARRASCO, TAPIA, 2015). Percebe-se como estratégia de prevenção de reincidência, a sistematização das estratégias desenvolvidas nas etapas de prevenção e resposta da situação crítica estabelecida, visando a identificação de falhas e potencialidades (NOAL *et al*, 2016; SEGREDÁ, GONZÁLEZ, FERNÁNDEZ, 2013; GONÇALVES, GUARESCHI, ROSO, 2018).

Por fim, como última categoria identificada, compreende-se aspectos relacionados à conduta da profissional de psicologia em situações críticas. Observa-se a demanda por habilidades e competências pouco ou nunca abordadas ao longo da formação profissional, a importância da conduta criativa, solidária e afetuosa, a capacidade de atuação em diversas áreas dentro da psicologia e a habilidade de trabalho em equipe multiprofissional (GONÇALVES, GUARESCHI e ROSO, 2018). Além disso, é importante que a profissional atente ao autocuidado e se comprometa com os direitos humanos e com os princípios éticos da profissão. (VASCONCELOS, CURY, 2017; YOUNES-IBRAHIM, PINHEIRO, PARDO, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou caracterizar a atuação da psicologia em contexto de situações críticas e se propôs a definir estes contextos, descrever como se realiza a atuação da psicologia neste cenário e identificar aspectos relevantes na formação profissional. De modo geral, os resultados demonstraram que cada situação crítica apresenta particularidades relacionadas ao incidente crítico e condições da comunidade afetada, estando a psicologia atenta, presente nas diversas etapas de enfrentamento à situação e dedicada ao reconhecimento das potencialidades e dos desafios que a profissão enfrenta nessa área. A pesquisa apresenta como ponto forte a reunião de diversos estudos sobre a intervenção da psicologia em situações críticas, permitindo contato com diferentes



abordagens sobre o tema e contribuindo com a visibilidade do mesmo. Como dificuldades, ressalta-se o tempo escasso que impossibilitou buscas em bases de dados adicionais, além da escassez de publicações sobre o tema, considerando a recente introdução da psicologia nesse campo. Por fim, é possível reconhecer a importância da psicologia no manejo de situações críticas, considerando as contribuições do olhar que a mesma propõe, bem como a importância do fortalecimento dos equipamentos de saúde e assistência social, enquanto ferramentas fundamentais na oferta do cuidado em saúde mental e atenção psicossocial.

REFERÊNCIAS

- ALMONDES, K. M. de; SALES, E. de A.; MEIRA, M. de O. Serviço de Psicologia no SAMU: campo de atuação em movimento. **Psicologia: Ciência e Profissão**, V. 36, N. 02. Brasília: abr-jun/2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000200449&lang=pt. Acesso em: 18 mar 2021.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BERROETA, H. CARVALHO, L. P. de. La psicología ambiental-comunitaria en el estudio de los desastres: la importancia de los vínculos socioespaciales. **Psyke**, V. 29, N. 01. Santiago: maio/2020. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22282020000100107&lang=pt. Acesso em 18 mar 2021
- CARRASCO, R. M.; TAPIA, F. V. Fortalecimiento de la participación comunitaria a través de la radio local: una propuesta de investigación-acción participativa con los jóvenes en Chaitén. **Magallania**, V. 43, N. 03. 2015. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22442015000300007&lng=en&tlng=en&gathStatIcon=true. Acesso em: 18 mar 2021.
- ERCOLE, F. F.; MELO, L. S. de; ALCOFORADO, C. L. G. C. Revisão integrativa versus revisão sistemática. **Revista Mineira de Enfermagem**, V. 18, N. 01. jan-mar/2014. 73 Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/v18n1a01.pdf>. Acesso em: 12 maio 2021.
- FRANCO, M. H. P. Apresentação. In: FRANCO, M. H. P. **A intervenção psicológica em emergências: fundamentos para a prática**. São Paulo: Summus, 2015.
- GARCÍA-REAL, J.M.; GARCÍA-SILGO, M.; CONEJO-GARCÍA, M.T.; SAMPERLUCENA, E.; TORREJÓN-CORREA, C.; CERESO-URETA, J.; MÁSESQUERDO, J.; LAPLAZA-BRUN, A.; RUÍZ-ESPINOSA, J.I. La psicología militar en la prevención de salud mental durante la pandemia por SARS-Cov-2. **Sanidad militar**, V. 76, N. 02. Madrid: abr-jun/2020. Disponível em: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1887-85712020000200012&lang=pt. Acesso em: 18 mar 2021.



GONÇALVES, C. do S.; GUARESCHI, P.; ROSO, A. Problematizar o campo de saber psicológico: ausências e emergências do trabalho pós-incêndio da Kiss. **Psicologia e Sociedade**, V. 30. Belo Horizonte: 2018. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100238&lang=pt. Acesso em 18 mar 2021.

GREGIO, C.; CASELLATO, G.; HISPAGNOL, I.; MAZORRA, L.; MANZOCHI, L. A.; FRANCO, M. H. P.; OLIVEIRA, S. R.; TORLAI, V. O luto desencadeado por desastres. In: FRANCO, M. H. P. **A intervenção psicológica em emergências: fundamentos para a prática**. São Paulo: Summus, 2015.

HODECKER, M.; ALVES, R. B. Estratégias da psicologia para o gerenciamento de crises. **Revista do Departamento de Psicologia/UNISC**, V. 02, N. 01. Brasil: 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/10922>. Acesso em: 18 mar 2021.

LOPES, D. da C.; SANT'ANNA FILHO, O. A psicologia nas emergências, nos desastres e nos incidentes críticos. In: SANT'ANNA FILHO, O.; LOPES, D. da C. **O Psicólogo na redução dos riscos de desastres: teoria e prática**. São Paulo: Hogrefe, 2017a. 1ª ed.

LOPES, D. da C.; SANT'ANNA FILHO, O. Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil. In: SANT'ANNA FILHO, O.; LOPES, D. da C. **O Psicólogo na redução dos riscos de desastres: teoria e prática**. São Paulo: Hogrefe, 2017b. 1ª ed.

NOAL, D. da S. Atenção Psicossocial e Saúde Mental em Situações de Desastres na Atenção Básica. In: NOAL, D. da S.; OLIVEIRA, S. S.; ALPINO, T. de M. A.; ROCHA, V. **Gestão Local de Desastres Naturais para a Atenção Básica**. Curso Livre de Gestão Local para Desastres Naturais na Atenção Básica, 2016. Apostila do curso oferecido pela UNASUS UNIFESP. Disponível em: <https://moodle.unasus.unifesp.br/>. Acesso em: 19 out. 2020.

NOAL, D. da S.; WEINTRAUB, A. C. A. de M.; CABRAL, K. V.; PACHECO, M. L. L.; VICENTE, L. N.; FAGUNDES, S. M. S.; SIMONI, A. C. R.; PEDROZA, R. L. S.; PULINO, L. H. C. Z. Estratégias de Saúde Mental e Atenção Psicossocial aos afetados da Boate Kiss. **Psicologia: Ciência e Profissão**, V. 36, N. 04. Brasília: out-dez/2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000400932&lang=pt. Acesso em: 18 mar 2021.

OMS. **Primeiros Cuidados Psicológicos: guia para trabalhadores de campo**. Genebra: OMS, 2015. Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_docman&view=download&category_slug=76_prevencao-e-cont-doencas-e-desenv-sustentavel-071&alias=1517-primeiros-cuidadospsicologicos-um-guia-para-trabalhadores-campo-7&Itemid=965. Acesso em: 05 jan 2021.

PARANHOS, M. E.; WERLANG, B. S. G. Psicologia nas Emergências: uma nova prática a ser discutida. **Psicologia: Ciência e Profissão**, V. 35, N. 02. Brasília: abr-jun/2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v35n2/1982-3703-pcp-35-2-0557.pdf>. Acesso em: 10 mar 2021.



RABELO, I. V. M. Atenção psicológica em conflitos armados e desastres naturais: relatos de experiência em cenários internacionais. In: SANT'ANNA FILHO, O. LOPES, D. da C. **O psicólogo na redução dos riscos de desastres: teoria e prática**. São Paulo: Hogrefe, 2017. 1ª ed.

SAGLIO-YATZIMIRSKY, M. C. Do relatório ao relato, da alienação ao sujeito: a experiência de uma prática clínica com refugiados em uma instituição de saúde.

Psicologia USP, V. 26, N. 02. 2015. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642015000200175&lang=pt. Acesso em: 18 mar 2021.

SEGREDA, A. L. S.; GONZÁLEZ, A. V.; FERNÁNDEZ, L. A. V. Procedimientos y métodos para la sistematización de trabajo psicosocial en desastres. **Revista de Ciencias Sociales**, N. 142. Costa Rica: 2013. Disponível em:

<https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/sociales/article/view/14306/13579>. Acesso em 18 mar 2021.

TRINDADE, M. C.; SERPA, M. G. O papel do psicólogo em situações de emergências e desastres. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, V 13, N. 01. Brasil: 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7936/7271>.

Acesso em: 18 mar 2021.

VASCONCELOS, T. P.; CURY, V. E. Atenção psicológica em situações extremas: compreendendo a experiência de psicólogos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, V. 37, N. 02. Brasília: abr-jun/2017. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000200475&lang=pt. Acesso em: 18 mar 2021.

WEINTRAUB, A. C. A. de M. Psychological work in humanitarian emergencies in Haiti and Democratic Republic of Congo: some considerations based on two work experiences. **Saúde e Sociedade**, V. 20, N. 03. São Paulo: jul-set/2011. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000300023&lang=pt. Acesso em 18 mar 2021.

YOUNES-IBRAHIM, S.; PINHEIRO, M. de A.; PARDO, C. R. Testemunho de sobreviventes ao desastre de 2011 em Petrópolis: abordagem psicossocial em um campo ferido. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, V. 19, N. 02. Brasil: 2019. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/44279/30299>. Acesso em: 18 mar 2021.



BURNOUT MATERNO NO CONTEXTO PANDÊMICO: A PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA NA ATENÇÃO BÁSICA SOB O VIÉS DE GÊNERO E INTERSECCIONALIDADES

Projeto de Pesquisa – Iniciação Científica

Janaína Veiga Araújo, aveigajanaina@gmail.com;
Daniela Maria Barreto Martins, professoradanielamartins@gmail.com;
Orientador(a): Daniela Maria Barreto Martins, professoradanielamartins@gmail.com;

RESUMO

Introdução: A crise sanitária causada pelo novo Coronavírus trouxe consigo diversas mudanças na vida domiciliar das famílias brasileiras. A divisão de trabalho doméstico e do cuidado de filhos, que já era desigual no mundo pré-covid 19, passou a contribuir ainda mais para o adoecimento psíquico de mães no contexto pandêmico e de isolamento social. É sabido que ser mulher é fator de risco para o desenvolvimento do Burnout parental, além de baixa renda mensal, condição de moradia inadequada e maternidade solo. Poucos trabalhos foram realizados visando estudar esse fenômeno, sendo uma carência no campo da Psicologia e da saúde da mulher brasileira que necessita de atenção e visibilidade. **Objetivo:** Essa pesquisa, que ainda está em andamento, tem como objetivo compreender de que maneira as (os) psicólogas (os) percebem e lidam com a assistência à saúde psíquica de mães exaustas nas Unidades Básicas de Saúde, na cidade de Salvador, Bahia. Além disso, o estudo busca analisar quais são os fatores de risco e protetivos para o Burnout materno. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de caráter qualitativo e de natureza exploratória-descritiva. Serão realizadas entrevistas semiestruturadas e o estudo também contará com a aplicação de questionários em sua construção. **Resultados esperados:** Os resultados que se espera, por meio dessa pesquisa, consiste em ampliar os estudos sobre o Burnout materno e em como os (as) profissionais realizam o acolhimento com essas mães exaustas.

Palavras-chave: Psicologia. Burnout materno. Maternidade. Gênero. COVID-19.

INTRODUÇÃO

O trabalho é o elemento da natureza humana que permite que o indivíduo construa, não apenas o mundo ao seu redor, mas a si mesmo, sua identidade e subjetividades. O prazer no trabalho, porém, é algo circunstancial. Ele depende do clima organizacional e emocional prevalentes no ambiente laboral. O termo “Burnout”, de



origem inglesa, indica algo que parou de funcionar por esgotamento de energia. Trazendo para o contexto do trabalho, o Burnout é enquadrado como uma síndrome com características associadas, que funcionam como uma resposta aos estressores crônicos. O Burnout laboral age com um quadro de sintomas caracterizado por sinais de exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional em consequência de uma má adaptação do sujeito a um trabalho de longa duração, estressante e com grande carga de tensão (PÊGO; PÊGO, 2016)

Contudo, o Burnout não pode ser visto como algo exclusivo do ambiente laboral. Isso porque estresse crônico não é particular do trabalho, e como a parentalidade oferece um significado para a vida dos indivíduos e é uma atividade complexa e estressante, o Burnout parental se torna tema relevante de estudo (MIKOLAJCZAK, RAES, AVALOSSE et al., 2018b). Para os autores (2018b), o Burnout parental traz em si efeitos não vistos no Burnout laboral. Enquanto em ambos há a presença de sintomas psicossomáticos como distúrbios de sono e comportamentos compulsivos, o Burnout parental apresenta uma consequência única de negligência e violência em relação a seus filhos, ou seja, ou invés de uma despersonalização, esses pais exaustos se afastam emocionalmente de seus filhos.

Visto que o Burnout advém de um desequilíbrio entre demandas e recursos, então se torna possível delimitar fatores de risco e fatores protetivos, que agem tanto no macro quanto no microssistema, para o desenvolvimento da síndrome (MIKOLAJCZAK, RAES, AVALOSSE et al., 2018a). Ser mulher é um fator de risco, isso porque mulheres estão mais envolvidas no cuidado de seus filhos e de seu lar que homens de acordo com os autores (2018a). Dessa maneira, no presente trabalho iremos tratar do Burnout materno, trazendo à luz esse fator específico enquanto recorte. Além disso, moradia inadequada, ter uma renda familiar baixa e/ou estar desempregada também são fatores que aumentam as chances dessa mulher ser acometida pela Burnout materno (MIKOLAJCZAK, RAES, AVALOSSE et al., 2018a).

Pensando numa realidade brasileira, se torna impossível dissociar esses fatores de risco com do marcador “raça”. Visto que no estado da Bahia, apesar de ser o 3º estado com menor desigualdade social, a população feminina negra ainda tem maior incidência



de viverem abaixo da linha da pobreza e aproximadamente 75% das mães solo negras baianas vivem nessa condição (POBREZA..., 2019).

No contexto pandêmico, o caso se agrava ainda mais. De acordo com a CNN Brasil (2021), a pandemia do Coronavírus trouxe à tona e intensificou as desigualdades de gênero, classe e raça. Isso porque com o fechamento de creches e escolas, associados ao isolamento social, essas mulheres perderam parte significativa de sua pequena rede de apoio e passou a ficar ainda mais sobrecarregada dentro de seu lar (KRETZLER, 2020). O desemprego também foi mais cruel com as mulheres e para cada homem que ficou desempregado na pandemia, 1.8 mulheres estavam na mesma situação (SATIE, 2021).

Dessa forma, ao perceber como o Burnout materno é uma síndrome contextualizada, a atuação dos profissionais psi na atenção básica se mostra essencial. Isso porque nesse nível de atenção que se configura uma área de prática e a confecção de novas maneiras de cuidado em saúde mental (BÖING; CREPALDI; MORÉ, 2009). A proposta de atuação desses(as) psicólogos(as) é configurar um cuidado integral, interdisciplinar, pensando em estratégias de suporte que protejam essas mulheres do Burnout materno.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva que adota uma abordagem interpretativo-compreensiva, tendo em vista que o foco dessa abordagem é conhecer as experiências e os significados atribuídos pelos participantes acerca do fenômeno estudado, através da escuta dos mesmos. Em relação aos critérios da pesquisa, a mesma será realizada em uma ou mais Unidades Básicas de Saúde (UBS) da cidade de Salvador e serão entrevistadas psicólogas e/ou psicólogos que trabalham neste local, após o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa conta com o banco de dados do Grupo de Estudos Multirreferenciais do Cuidado, que já desenvolve pesquisas acerca da atuação de psicólogos(os) na atenção Básica, com atenção aos marcadores sociais de Gênero, Raça e Geração. As análises dos dados, associadas a uma revisão de literatura acerca do tema, serão realizadas, priorizando os sentidos



construídos pelos sujeitos em seus locais, de forma que estes profissionais sejam reconhecidos como co-construtores das realidades dos seus serviços.

RESULTADOS ESPERADOS

O presente estudo visa colaborar com um maior entendimento em relação ao fenômeno do Burnout materno no espaço da Atenção Básica, relacionando-os com seus aspectos psicossociais de Gênero e Interseccionalidades. Além de identificar os maiores desafios do Contexto Pandêmico da COVID-19 e as principais estratégias de cuidado dos psicólogos (as) que atuam na Atenção Básica em relação aos estresses da maternidade, frente aos quadros de vulnerabilidade social que atingem estes grupos. Também se espera da pesquisa compreender as estratégias e referenciais quem tenham sido utilizados na construção do cuidado com este grupo e a assimilação das políticas públicas voltadas para este segmento populacional.

REFERÊNCIAS

BÖING, E.; CREPALDI, M. A.; MORÉ, C. A Epistemologia Sistemica como Substrato à Atuação do Psicólogo na Atenção Básica. **Psicologia, Ciência e Profissão**, [S. l.], p. 828-845, 2009. DOI <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000400013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/BnkS4yQJ3rBrZjFgVCSWt5q/?lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2021.

KRETZLER, M. K. L. **Impactos da pandemia do Coronavírus (Covid-19) no trabalho em home office e maternidade: percepção de mães do Oeste Catarinense**. 2020. Monografia (Bacharel em Administração) - Universidade Federal da Fronteira Sul, [S. l.], 2020. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/4042>. Acesso em: 12 nov. 2021.

MIKOLAJCZAK, M., RAES, ME., AVALOSSE, H. et al. **Exhausted Parents: Sociodemographic, Child-Related, Parent-Related, Parenting and Family-Functioning Correlates of Parental Burnout**. *Journal of Child and Family Studies*, [S. l.], p. 602-614, feb. 2018. DOI <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0892-4>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10826-017-0892-4>. Acesso em: 18 nov. 2021.

MIKOLAJCZAK, M., RAES, ME., AVALOSSE, H. et al. **A Step Forward in the Conceptualization and Measurement of Parental Burnout: The Parental Burnout Assessment (PBA)**. *Frontiers in Psychology*, [S. l.], 6 jun. 2018. DOI <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00000>.



doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00758. Disponível em:
<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2018.00758/full>. Acesso em: 12 nov. 2021.

PÊGO, F. P. L.; PÊGO, D. R. Síndrome de Burnout. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, Brasil, v. 14, n. 2, p. 171-176, 2016. Disponível em:
<http://www.rbmt.org.br/details/46>. Acesso em: 18 nov. 2021.

POBREZA na BA é maior entre pretos ou pardos e mulheres solteiras com filhos menores de 14 anos, aponta IBGE. **G1 BA**, Salvador, p. 602-614, 13 nov. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/11/13/pobreza-na-ba-e-maior-entre-pretos-ou-pardos-e-mulheres-solteiras-com-filhos-menores-de-14-anos-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 18 nov. 2021

SATIE, Anna. Efeitos da pandemia sobre mulheres podem atrasar luta por equidade. **CNN Brasil**, São Paulo, p. 1-2, 8 mar. 2021. Disponível em:
<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/efeito-da-pandemia-sobre-mulheres-podem-agravar-cenario-de-luta-por-equidade/>. Acesso em: 18 nov. 2021.



SERIAM TODAS AS MASCULINIDADES TÓXICAS? PERCEPÇÕES DE MASCULINIDADE E BUSCA POR PSICOTERAPIA

Artigo Científico

Autor: Douglas Mendes, douglasmendes042@gmail.com.
Orientadora: Edleusa Garrido, edleusagarrido@gmail.com.

RESUMO

Alguns estudos têm identificado um cenário negativo na saúde mental masculina. Aponta-se os ideais hegemônicos de masculinidade como principal fator para a distância entre os homens e o cuidado psicológico. Esse perfil se reflete também no ambiente acadêmico, sendo o público masculino aquele que menos busca por serviços universitários de saúde mental. Esta pesquisa objetivou investigar quais percepções de masculinidade associadas à procura ou ao afastamento desse público diante da psicoterapia. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, tendo como instrumento uma entrevista semiestruturada com seis homens estudantes da Universidade do Estado da Bahia, Campus I, divididos entre aqueles que já realizaram e aqueles que nunca realizaram psicoterapia. Por meio da Análise Temática foram analisadas as principais percepções sobre as categorias de estudo. Em síntese, encontrou-se que: a masculinidade pode ser rígida para uns e plural para outros; a psicoterapia é espaço de cuidado, promoção e prevenção em saúde; bem como um recurso para os momentos de crise e um serviço estigmatizado, além de ser um serviço pouco acessível. Os resultados apontaram que, para esses homens, vivenciar a masculinidade de forma flexível e plural pode favorecer atitudes positivas diante da psicoterapia. Contudo, obstáculos financeiros e a pouca informação foram as principais razões para o distanciamento, e não os valores masculinos.

Palavras-chave: Saúde mental. Saúde do homem. Masculinidade. Estudantes universitários.

INTRODUÇÃO

Em 2009, surgiu a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) em resposta aos alarmantes índices de morbidade e mortalidade masculina (COELHO et al., 2018). No Brasil, em 2016, 10.203 de 13.467 suicídios foram cometidos por homens (WHO, 2019). O suicídio resulta de diversas vulnerabilidades psicológicas não cuidadas (BRAGA; DELL'AGLIO, 2013), o que torna preocupante o cenário de



saúde mental masculina. Os ideais de masculinidade são principais responsáveis pela dificuldade em buscar de ajuda e reconhecer vulnerabilidades (AFFLECK; CARMICHAEL; WHITLEY, 2018). Padrões de práticas sociais atribuídas a determinados corpos a cada época, lugar e cultura delineiam como homens e mulheres se parecem e o que fazem, sendo a masculinidade hegemônica retrato de um homem ideal: forte, autossuficiente e invulnerável. Na prática, homens se aproximam e se distanciam desse modelo, diferentes contextos viabilizam diversas masculinidades (CONNELL, 2005), podendo implicar diferentes relações com a saúde mental. No ambiente universitário, homens também buscam menos ajuda em razão de normas masculinas (VASQUEZ, 2015), frequentam menos serviços de saúde mental das universidades (RAMOS et al, 2018; PINHO, 2016), embora estressores do mundo acadêmico impacte negativamente a saúde mental de estudantes, levando a ansiedade, depressão, insônia e estresse (SOUZA; CALDAS; DE ANTONI, 2017). Considerando que pouco tem sido investigado sobre saúde mental de homens universitários, esta pesquisa objetiva a investigar as percepções sobre homem, sobre psicoterapia, e qual a associação com a busca ou não busca por psicoterapia entre homens universitários.

MÉTODOS

Esta é uma pesquisa qualitativa, que deriva do projeto de pesquisa “TRAJETÓRIAS ESTUDANTIS E QUESTÕES EMERGENTES NA EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA”, da Prof^ª. Dr^ª. Edleusa Nery Garrido, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o parecer nº 2.532.720 de 08/03/2018. Elaborou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) expondo objetivos e etapas de pesquisa, sigilo e participação voluntária. Elegeram-se à pesquisa estudantes homens da Universidade do Estado da Bahia, Campus I, que já ou nunca realizaram psicoterapia. Para selecioná-los, utilizou-se a técnica snowball, em que informantes-chave indicam pessoas dentro do perfil pesquisado, e essas pessoas recomendam outros participantes. A pesquisa se deu através do *Zoom Meetings*, em razão da pandemia de Covid-19. A coleta de dados foi através da entrevista semiestruturada.



Para análise, utilizou-se Análise Temática (AT), um método para identificação de padrões repetidos de significados num conjunto de dados. As etapas foram: geração de códigos (parafrapear trechos de entrevista sobre as categorias pesquisadas), busca de temas (reunir sob um tema os códigos que partilham de uma ideia central), revisão e definição de temas (verificar a coerência entre temas, códigos e trechos, além de averiguar se os temas respondem à pesquisa) e relatório (BRAUN; CLARKE, 2006). Os participantes que já realizaram psicoterapia são: Bruce (Psicologia, Classe Média Baixa), John (Fisioterapia, Classe Baixa), Peter (Fisioterapia, Classe Média); os que nunca realizaram são: Clark (Fisioterapia, Classe Média Baixa), Tony (Psicologia, Classe Baixa), Steven (Fisioterapia, Classe Baixa).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tema masculinidade como rigidez denota que masculinidade foi aprendida como sinônimo de força e antônimo de vulnerabilidade, pois o homem aprende a ser *uma 'super pessoa', uma pessoa que tem que tá bem a todo o momento, tem que trabalhar, manter o sustento da sua casa, você é o machão* (Steven). No tema masculinidades plurais, os homens narram formas diversas de ser homem, indo além do tradicional. Clark diz: *Acham [...] que homem não pode mostrar [...] vulnerabilidade, mas eu discordo*. Afirmam que não há base sólida na masculinidade, nem na biologia, nem no jeito de ser, pois o masculino é sócio-histórico. Também associam ser homem a valores importantes no tema a masculinidade também é positiva: *Eu tenho uma história de vida de... Homens que me ensinaram a não desistir das coisas [...] se manter leal a seus princípios* (Bruce). Ressaltam perseverança e honestidade não como exclusivo do homem, mas como aprendidos enquanto características do homem, representando direcionamentos positivos de normas como a força e a resistência. O conceito de masculinidade tóxica, conforme de Boise (2019), é útil ao enfatizar que há práticas masculinas danosas, embora não resumam o homem. Os valores em si não são um problema, mas os sentidos atribuídos. Assim, temos transições nas formas de ser homem, construídas ao rejeitar, mudar ou redirecionar valores hegemônicos.



Quanto à psicoterapia, é considerada fator de saúde, embora socialmente associada ao adoecer, demonstrado no tema psicoterapia entre a saúde e o patológico. Eles a referem como espaço de saúde, qualidade de vida e bem-estar. Tony diz: *a pessoa que tá ali sofrendo e tá buscando psicoterapia como maneira de ter uma melhora no seu sofrimento, na sua saúde*. Todavia, destacam estigmas sociais que a associam com debilidade e loucura: *eu já ouvi até pessoas da minha família falando “eu não sou maluco, não preciso disso” porque leva para um processo de adoecimento* (John). Já no tema psicoterapia como espaço de cuidado, destacam o serviço como ferramenta para lidar com problemas cotidianos, desenvolver autonomia e autoconfiança, a exemplo de trabalhar o *autoconhecimento [...] situações que você passa durante sua rotina que talvez você não consiga resolver aquilo sozinho* (Peter). No tema psicoterapia para os momentos de crise, relatam que, embora não exclusivamente, entende-se que seja um recurso para o alívio de sofrimento e estresse intenso. Diferente do perfil mostrado na literatura, os homens desta pesquisa assumem as vulnerabilidades, pluralidades e necessidade de cuidado em saúde mental.

Criou-se o tema psicoterapia é pouco acessível a respeito das barreiras ao serviço. Salienta-se que representa um alto custo financeiro, dificultando o início e/ou a continuidade do processo, como diz Tony: *existem pessoas que tiveram acesso, mas não têm recursos para estar fazendo psicoterapia*. Para outro, a possibilidade se deu apenas com o preço social: *as terapias que eu fiz na vida foram a preço social, eu não tenho condições de tá pagando uma terapia a preço normal* (Bruce). Outra barreira é o acesso à informação. Eles pontuam que a psicoterapia gratuita ou a baixo custo é pouco divulgada, não alcançando a população com menos acessos. Peter descreve a psicoterapia como um privilégio intelectual, porque a compreendeu em seu funcionamento, importância e finalidade apenas a partir de uma roda de conversa na universidade, ele diz: *a gente encontra essa barreira de estigma, então entender um pouco sobre [psicoterapia] seria preciso, necessário, para você ter acesso*. De acordo com Jorm (2012), o conhecimento adequado sobre saúde mental colabora para saber quando, como e onde buscar ajuda psicológica. Apenas enfatizar a masculinidade hegemônica pode invisibilizar a pluralidade masculina, além de outras variáveis que distanciam os homens



do cuidado à saúde, como inequidades econômicas e estigmas sociais (SEIDLER et al, 2017; ROBERTSON et al, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontrou-se, nesta pesquisa, que o ser homem percebido em pluralidade e com flexibilidade quanto aos valores masculinos estiveram associadas a atitudes mais positivas frente à psicoterapia, uma vez que não demonstram rejeitar as próprias fraquezas, vulnerabilidades e necessidade de ajuda. Tais percepções foram comuns aos dois grupos, sugerindo que as percepções de masculinidade não foram o fator mais relevante na dinâmica de busca ou não busca por psicoterapia. Em verdade, enfatizou-se o menor poder aquisitivo como principal empecilho para acesso à psicoterapia. Além disso, o acesso à informação mediou a facilidade ou dificuldade para saber quando, onde e para que buscar psicoterapia.

REFERÊNCIAS

- AFFLECK, W.; CARMICHAEL, V.; WHITLEY, R. Men's Mental Health: Social Determinants and Implications for Services. **The Canadian Journal of Psychiatry**, [s.l.], v. 63, n. 9, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0706743718762388>. Acesso em: 12 mar. 2021.
- BRAGA, L. L.; DELL'AGLIO, D. D. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínicos**, [s.l.], v. 6, n. 1, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822013000100002. Acesso em: 13 mai. 2021.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, [s.l.], v. 3, n. 2, 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 18 dez. 2020.
- COELHO, E. B. S.; SCHWARZ, E.; BOLSONI, C. C.; CONCEIÇÃO, T. B. **Política nacional de atenção integral à saúde do homem**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/saude-do-homem>. Acesso em: 20 set. 2019.



CONNELL, R. W. **Masculinities**. 2 ed. California: University of California Press, 2005. Disponível em: http://lulfmi.lv/files/2020/Connell_Masculinities.pdf. Acesso em: 10 mar. 2019.

JORM, A. F. Mental Health Literacy: Empowering the Community to Take Action for Better Mental Health. **American Psychologist**, [s.l.], v. 67, n. 3, 2012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22040221/>. Acesso em: 22 mai. 2021.

PINHO, R. Caracterização da clientela de um programa de atendimento psicológico a estudantes universitários. **Psicol. Conoc. Soc.**, [s.l.], v. 6, n.1, 2016. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-70262016000100006. Acesso em: 11 mai. 2021.

RAMOS, F.; JARDIM, A. P.; GOMES, A. C. P.; LUCAS, J. N. Desafios na trajetória acadêmica e apoio psicológico ao estudante universitário: contribuições de dois Projetos de Extensão. **Revista Guará**, [s.l.], v. 6, n. 9, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/guara/article/view/15783>. Acesso em: 18 dez. 2020.

ROBERTSON, S.; GOUGH, B.; HANNA, E.; RAINE, G.; ROBINSON, M.; SEIMS, A.; WHITE, A. Successful mental health promotion with men: the evidence from 'tacit knowledge'. **Health Promot Int.**, [s.l.], v. 33, n. 2, 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27543933/>. Acesso em: 11 mai. 2021.

SEIDLER, Z. E.; RICE, S. M.; RIVER, J.; OLIFFE, J. L.; DHILLON, H. M. Men's Mental Health Services: The Case for a Masculinities Model. **The Journal of Men's Studies**, [s.l.], v. 26, n. 1, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1060826517729406>. Acesso em: 19 mai. 2021.

SOUZA, M. R.; CALDAS, T. C. G.; DE ANTONI, C. Fatores De Adoecimento Dos Estudantes Da Área Da Saúde: Uma Revisão Sistemática. **Rev. Psicol Saúde e Debate**, [s.l.], v. 3, n. 1, 2017. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/93>. Acesso em: 21 mai. 2021.

VASQUEZ, M. Latino Masculinity: Underlying Factors in College Persistence Levels. **Elements**, [s.l.], v. 11, n. 2, 2015. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/elements/article/view/9062>. Acesso em: 11 mar. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Suicide in the world: Global Health Estimates**. Geneva: WHO, 2019. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/326948>. Acesso em: 11 set. 2019.



ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOLOGIA ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM CRECHE/PRÉ-ESCOLA PRIVADA DE SALVADOR

Clarissa Iris Rocha Leite, clarissa.i.leite@gmail.com; Danilo de Oliveira Bomfim, danielobomfim46@gmail.com; Keren Glória Faleiro Souza da Fonseca, kerengloria.kg@gmail.com; Geisa Andrade dos Santos, geisaandrade.s.psi@gmail.com

RESUMO

Introdução: A Educação Básica no Brasil historicamente tem o objetivo de preparar a criança para determinados espaços a serem preenchidos e alcançados. O Psicólogo no espaço educacional precisa observar essas construções sócio-históricas, seus contextos, engajando-se ética e politicamente para uma transformação dessas relações. **Objetivo:** O objetivo deste relato é apresentar a prática de Estágio Supervisionado em Psicologia Escolar/UNEB. **Metodologia:** Com base epistêmico-metodológica na psicologia sócio-histórica, a prática de estágio foi desenvolvida em escola privada de Salvador, BA, em grupos pré-escolares, durante os meses de agosto-novembro de 2021. **Resultados:** Na análise os estagiários puderam refletir sobre: 1. Dimensão Ético-política da Atuação da(o) Psicóloga(o) na Educação Básica; 2. Refletir sobre as contradições, dificuldades e desafios da vida cotidiana escolar e ao papel do psicólogo escolar; e 3. Refletir e planejar possibilidades de atuação reconhecendo as especificidades e as possibilidades que se abrem com a lei 13.935/2019. **Discussão:** Após algumas semanas de observação nós pontuamos e descrevemos situações que iam de encontro ao projeto político pedagógico proposto pela escola e refletimos sobre possíveis caminhos de intervenção para alcançar as adequações esperadas. Com o diálogo aberto com a coordenação da escola foi possível planejar a promoção do debate sobre relações raciais. **Conclusões:** O estágio obrigatório tem a função de promover uma experiência de prática profissional no campo da Psicologia e em nossa atuação isso tem sido muito bem abarcado. Compreender os desafios, as limitações e as possibilidades dessa prática complementa nossa formação teórica.

Palavras-chave: Psicologia Escolar. Psicologia sócio-histórica. Estágio Supervisionado Psicologia Escolar. Compromisso ético-político. Lei 13.935/2019.

INTRODUÇÃO

A Educação Básica no Brasil tem um acúmulo histórico relacionado a sua concepção neoliberal enquanto mercadoria, com o objetivo de preparar a criança para determinadas funções, determinados espaços a serem preenchidos e alcançados, de



acordo com sua raça, sua classe social, graduando financeiramente as oportunidades de acesso a esse bem de consumo, dando pouca importância para o desenvolvimento pessoal desses indivíduos, ainda infantes, porém, já seres humanos, cidadãos com seus direitos e deveres. O Psicólogo no espaço educacional precisa observar essas construções sócio-históricas, seus contextos e suas práticas, engajando-se ética e politicamente para uma transformação dessas relações, buscando uma intervenção na Educação Básica que proporcione a priorização tanto no desenvolvimento pessoal dos alunos, quanto na harmonia e cuidado nas relações entre os funcionários da escola, professores e profissionais da gestão (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019). O objetivo deste relato é apresentar a prática de Estágio Supervisionado em Psicologia Escolar/UNEB.

METODOLOGIA

Com base epistêmico-metodológica na psicologia sócio-histórica, tal relato pauta-se em uma perspectiva qualitativa (CRESWELL, 2010), sendo a prática de estágio desenvolvida em escola privada de Salvador, BA, em grupos pré-escolares com crianças de 0 a 6 anos de idade, durante os meses de agosto-novembro de 2021, ocorrendo 3 visitas semanais de aproximadamente 4h/cada e supervisão semanal de 4h/aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise do espaço institucional de educação infantil, os estagiários puderam refletir sobre: 1. Dimensão Ético-política da Atuação da(o) Psicóloga(o) na Educação Básica, reconhecendo os compromissos da psicologia com a realidade social brasileira e produzindo, como parte da proposta de intervenção, reflexões afro-brasileiras, trazidas por meio da literatura infanto-juvenil (MENEZES, 2007). Foi necessário o engajamento e o posicionamento cotidiano na observação de práticas que fossem de encontro à dignidade da pessoa humana, ao que rege o código de ética do Psicólogo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005) e também às nuances sociais, raciais e de gênero que despontaram durante nosso período de estágio no contexto escolar. Houve ainda uma



tentativa de implantação de uma intervenção através de atividades que fomentariam a discussão sobre relações raciais, autoestima e construção de identidades, exatamente na semana que precedeu o dia da consciência negra, no entanto não foi posta em prática pela direção da escola, trazendo frustração aos estagiários; 2. Refletir sobre as contradições, dificuldades e desafios da vida cotidiana escolar e ao papel do psicólogo escolar, na medida que cada estagiário se inseriu na rotina de atuação em uma turma da escola, podendo se aprofundar nas particularidades pertinentes a cada grupo, a cada estágio do desenvolvimento, observando suas potencialidades, limitações e desafios. Um caminho complexo trilhado entre as expectativas da direção, dos professores, dos funcionários, sobre a atuação do Psicólogo naquele espaço, mas também entre a realidade prática dessa presença na escola, uma reflexão e um posicionamento fundamental na construção desse percurso; e 3. Refletir e planejar possibilidades de atuação reconhecendo as especificidades e as possibilidades que se abrem com a lei 13.935/2019 que cria a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica com inserção em equipes multiprofissionais.

Após algumas semanas de observação e acompanhamento dos diversos grupos da escola, separados com Grupo 1, 2, 3, 4 e 5, tendo também uma turma de 1º Ano, nós pontuamos e descrevemos situações e circunstâncias que iam de encontro ao projeto político pedagógico proposto pela escola. Ao identificar essas incongruências, nós conjuntamente refletimos sobre possíveis caminhos de intervenção para alcançar as adequações esperadas, já que tínhamos conhecimento sobre o projeto pedagógico e tínhamos a consciência sobre a importância da sua aplicabilidade numa busca por um ensino eticamente implicado, preocupado com o desenvolvimento dessas pessoas, dessas relações, dessa construção coletiva no ambiente escolar. Com o diálogo aberto com a coordenação da escola foi possível planejar a promoção do debate sobre relações raciais, tema tão importante no contexto brasileiro e ainda mais salutar ao ser introduzido já na Educação básica (MENEZES, 2007). Aproveitando o ensejo do dia 20 de Novembro, data em que é celebrado nacionalmente o dia da Consciência Negra, nós apresentamos um projeto de intervenção para trabalhar a temática com todas as turmas da escola. Para a frustração dos estagiários, vislumbrando a importância da intervenção e da abertura de diálogos para que as próprias crianças pudessem trazer suas contribuições e aprenderem



coletivamente, infelizmente não vimos o projeto ser posto em prática pela coordenação. Com a atividade programada sendo transformada em sua aplicação para algo casual, com uma impositiva e acrítica leitura de alguns livros de literatura infantil, o que presenciamos foi apenas fragmentos inconsistentes daquilo que havia sido planejado, sem a possibilidade de um debate, de uma escuta dos alunos, de uma construção comunitária (MENEZES, 2007). Com uma prática construída processualmente e em conjunto com os outros atores da escola, foi possível perceber cada vez mais a importância da nossa presença e da nossa atuação no cotidiano da escola aqui abordada, porém tendo também as limitações e as barreiras presentes em estruturas de poder, com suas próprias deliberações e hierarquias. Como um campo que se abre impulsionado pela política pública, através da promulgação da Lei 13.935/2019, que obriga a inclusão de Psicólogos e Assistentes Sociais no espaço escolar, é fundamental o estudo e as discussões sobre as melhores formas de ocupar esses espaços, sempre pautados na ética, no comprometimento da prática profissional na promoção de mudanças sociais e na democratização do acesso a uma educação de qualidade, baseada na formação da pessoa, na construção de uma sociedade mais justa e equânime (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio obrigatório tem a função de promover uma experiência de prática profissional no campo da Psicologia e em nossa atuação isso tem sido muito bem abarcado, considerando todas as nuances pertinentes às práticas do Psicólogo no ambiente educacional. Compreender os desafios, as limitações e as possibilidades dessa prática complementa nossa formação teórica e agrega segurança para o momento em que estaremos encarregados de exercer tais funções após nossa formatura. Sem esquecer do comprometimento ético, do compromisso com os estudos continuados e com o cuidado e atenção constantemente presente em nossas práticas, certamente ofereceremos uma prática profissional de qualidade para aqueles que necessitarem dos nossos serviços profissionais.



REFERÊNCIAS

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP nº 010/2005**. Código de Ética Profissional do Psicólogo, XIII Plenário. Brasília, DF: CFP, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogos (os) na educação básica**. 2 ed. Brasília, DF: CFP, 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicólogas(os) e assistentes sociais na rede pública de educação básica: orientações para regulamentação da Lei nº 13.935, de 2019** / Conselho Federal de Psicologia e Conselho Federal de Serviço Social. — 1. ed. — Brasília: CFP, 2021.

CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

MENEZES, D. **Como trabalhar as relações raciais na pré-escola**. *Nova Escola*, 1 fev. 2007. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/130/como-trabalhar-as-relacoes-raciais-na-pre-escola>. Acesso em 19 nov. 2021.



INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS COM GESTANTES DE ALTO RISCO: ATUAÇÃO EM MATERNIDADE PÚBLICA, SALVADOR-BA

RELATO DE ESTÁGIO

Clara de Oliveira, clarinha.oliveira@hotmail.com
Orientadora: Josiane Mota Lopes, jmlopes29@gmail.com

RESUMO

Introdução: O período gestacional é um momento de mudanças biopsicossociais. Dessa forma, tem-se que uma gestação é um período vivenciado de formas subjetivas. Concernente à gestação de alto risco múltiplos fatores influenciam para essa caracterização e o seu desfecho. O presente estudo teve como principal objetivo a promoção de estratégias de enfrentamento funcionais frente às emoções decorrentes da gestação de alto risco e suas repercussões psicossociais. O trabalho foi executado durante uma experiência de estágio curricular do curso de Psicologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em uma maternidade pública de Salvador-BA. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência onde as intervenções psicossociais, voltadas ao grupo, foram construídas em quatro etapas, a saber: demanda, pré-análise, foco e enquadre e planejamento flexível. **Resultados:** tem-se a discussão de temáticas que contemplem o objetivo principal, abordando assuntos como aleitamento materno, vinculação, rede de apoio e sobrecarga da mulher, repercussões do internamento e gestação também sendo uma ferramenta para a psicoeducação, através da ludicidade- com jogos de tabuleiro, baralho dos sentimentos e emoções, além de atividades projetivas e interdisciplinares. **Conclusão:** A potencialidade do trabalho no contexto hospitalar com esse grupo possibilita a reflexão acerca da construção do cuidado conjunto e estratégias de regulação emocional diante de um contexto vulnerável.

Palavras-chave: Maternidades. Sistema Único de Saúde. Intervenção Psicossocial.

INTRODUÇÃO

O período gestacional é um momento de mudanças biopsicossociais, envolvendo mudanças fisiológicas, emocionais e sociais. Dessa forma, afirma-se que essas transformações, influenciadas por esses fatores são compreendidas de forma subjetiva própria a cada indivíduo. Ao que diz respeito à gestação de alto risco é posto que há poucos estudos relacionados aos impactos emocionais de uma gestação de alto risco, como coloca Silveira Azevedo, Hirdes e Vivian (2020). Assim sendo, tem-se que a



experiência da gestação apesar de possuir um caráter singular pode ser ressignificada através de trocas de experiências e conhecimentos.

Concernente a atuação da (o) psicóloga (o) é essencial levar em consideração cada etapa do ciclo gravídico- puerperal e compreender que os processos de mudanças também são vivenciados na maternidade. Diante do exposto, o trabalho da Psicologia na maternidade perpassa nas diferentes áreas que compõem a maternidade e sua atuação envolve a relação com a equipe de saúde, as pacientes, os bebês e seus familiares. O acompanhamento psicológico nesse contexto tem como premissa o exame do estado mental, psicoeducação, escuta qualificada, acolhimento, além de possibilitar manejo funcionais. Como afirma Klein e Guedes (2008) as intervenções grupais podem ser um meio eficaz para possibilitar esse acompanhamento psicológico. Vale ressaltar a importância da (o) psicóloga (o) como profissional de saúde assumir uma práxis aliada a um compromisso ético político, combatendo violências de gênero e racismo. Respeitando o parto como um processo natural, colocando a pessoa gestante no centro das escolhas (BARBOZA; MOTA, 2016).

Esse relato tem como ponto de partida a experiência de um estágio curricular do curso de Psicologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) com gestantes de alto risco em uma maternidade pública de Salvador, onde possui leitos específicos para o atendimento a esse público nomeado como Gestantes de Alto Risco (GAR), cujo objetivo foi promover estratégias funcionais de enfrentamento diante das repercussões psicossociais da gestação de alto risco no contexto do internamento.

MÉTODO

O estudo é um relato de experiência de estágio hospitalar em uma maternidade, onde se realizou uma intervenção grupal cuja importância se destacou pelo compartilhamento de vivências e construção de sentidos, principalmente se for de forma criativa (KLEIN; GUEDES, 2008).

Essa intervenção possui quatro etapas, sendo elas: demanda, pré-análise, foco e enquadre e planejamento flexível. A demanda no GAR partiu da instituição, aliando a necessidade de se ter um trabalho longitudinal naquele espaço e transformá-lo em um campo de aprendizagem para a Psicologia. Com isso, de acordo com Afonso (2006)



cabe problematizar esse pedido institucional e como planejá-la. Dessa forma a pré- análise buscou coletar informações acerca do ambiente, sendo feita uma intervenção psicossocial inicial para discussão posterior e definição do formato das intervenções.

Outro momento foi necessário para definir a execução das intervenções o foco onde foram discutidos os principais temas geradores após entrar em contato com o GAR. Esses temas estavam centralizados no objetivo das intervenções, promoção de estratégias funcionais para a regulação das emoções trabalhadas a partir de temas geradores, a saber: vínculo, rede de apoio, autocuidado, aleitamento materno e vigilância do Desenvolvimento Infantil. Já o enquadro tratou de definir o público alvo, a frequência dos encontros e os recursos disponíveis.

Assim sendo, tem-se que as participantes são pacientes consideradas gestantes de alto risco, sendo a hipertensão e diabetes os casos mais recorrentes. Os encontros ocorreram uma vez na semana, baseados nos meses temáticos como: Agosto Dourado, Setembro Amarelo e Novembro Roxo como forma de ser uma temática disparadora para fundamentar discussões críticas. Já o planejamento flexível foi discutido de modo que respeitasse a dinâmica hospitalar e a rotina de cuidados do restante da equipe de saúde e fosse adaptada consoante ao ritmo do grupo.

Ressalta-se que as intervenções psicossociais não possuem caráter de grupo terapêutico, entretanto demandas podem surgir, assim sendo a conduta é acolher e, caso necessário, intervir individualmente. A partir do exposto, compreende-se que é necessário a presença dos coordenadores que segundo Afonso (2006) tem a função de facilitar, dar devolutivas, além de contribuir com o viés pedagógico das intervenções.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir dessas quatro etapas as intervenções psicossociais tiveram o seguinte formato: (1) apresentação das estagiárias e psicólogas (os) e proposta de atividade; (2) exercício de relaxamento corporal; (3) realização da dinâmica; (4) discussão.

Anterior ao primeiro momento é necessário combinar um tempo sem interrupções com o posto de enfermagem responsável. A posteriori, há a proposta de atividade às gestantes do GAR, a participação não é obrigatória. Após o convite e explicação da



intervenção ocorreu o exercício de relaxamento que dura o tempo da música, onde foi possível adaptar exercícios de respiração e percepção corporal. A revisão de Araújo e Santos (2020) coloca que exercícios de relaxamento é uma estratégia eficaz para lidar com a depressão pós-parto, além da psicoeducação. No terceiro momento ocorreu a dinâmica e posterior discussão. As intervenções estão especificadas no quadro a seguir que expõe as dinâmicas realizadas para o debate do tema proposto:

Quadro 1: Síntese das Intervenções Psicossociais de julho a novembro de 2021

MÊS TEMÁTICO	INTERVENÇÃO	TEMA PROPOSTO
Julho (intervenção inicial)	Caderno das Emoções	As emoções frente ao seu atual estado.
Agosto Dourado	Mitos e verdades sobre o Aleitamento Materno	Vinculação da díade
Setembro Amarelo: vivências e possibilidades	quem sou eu?"; "o que estou sentindo?"; "e se fosse você?"; "baralho das emoções"	Autocuidado e emoções frente ao seu atual estado
Novembro Roxo: tecendo redes de cuidado	"o jogo da vinculação"; "o que estou sentindo?"; "tecendo redes de cuidado"; "baralho das emoções"	As emoções frente ao seu atual estado.

Fonte: Produção Própria. 2021.

Ao focar no manejo das emoções advindas do internamento e atual estado de saúde, tem-se que o momento grupal gere possibilidades para reorganizar possíveis angústias, medos, ansiedades, partilha de experiências, estratégias de enfrentarmos, fortalecimento do vínculo entre as gestantes, além da validação das emoções e postura acolhedora da estagiária e psicólogas (os). Na pesquisa de Silveira, Hirdes e Vivian (2020) a ansiedade e depressão foram os sentimentos mais presentes nas gestantes de alto risco. Outros fatores estressores envolveram a vulnerabilidade socioeconômica, baixa escolaridade, hospitalização dentre outros. As atividades focaram em temáticas como vínculo da díade, sentimentos frente ao atual estado de saúde e redes de apoio.

Deve-se levar em consideração a alta rotatividade das pacientes e o seu perfil. A hipertensão e diabetes são um dos principais fatores que levam a uma gestação ser de alto risco (BRASIL, 2010). Quanto ao perfil de raça/cor, a maioria são pretas e pardas, com história prévia de hipertensão e diabetes semelhante à pesquisa de Fulco *et al.*, (2021) que



apontou critérios como raça/cor, histórico prévio de doenças crônicas não transmissíveis, dentre outros fatores.

A experiência do estágio hospitalar na maternidade implica desafios impostos ao trabalho da Psicologia e a demarcação do seu espaço, as intervenções psicossociais é um trabalho inédito na maternidade em estudo e, com isso, a construção desse espaço com as(os) pacientes e equipe de saúde perpassou pelo diálogo acerca da sua importância, até a parceria em uma intervenção interdisciplinar com o Serviço Social, com a temática sobre redes de apoio. O trabalho grupal é uma aprendizagem que consiste na co-construção entre os envolvidos e um potente aprendizado no estágio, onde o encontro com mulheres proporciona trocas sobre a condição da mulher na sociedade e as intersecções que envolve cada história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo de estágio na área Hospitalar com foco na maternidade apresenta possibilidades de atuação para a (o) psicóloga (o), desde atividades grupais e suas potencialidades de vinculação profissional e paciente, além da atuação por meio de buscas ativas, na UTI neonatal, sala de espera, pré-natal psicológico e demandas da equipe- como forma de estabelecer um trabalho interprofissional.

Os desafios impostos no presente estágio consistem em aspectos estruturais, a instituição passa por reformas, demarcação do lugar do Serviço de Psicologia que é recente, com isso as intervenções psicossociais conquistou seu espaço a partir da frequência nas atividades e diálogo com os trabalhadores. Assim sendo, as ações no estágio consistiram em uma construção entre as (os) preceptores e estagiárias, no qual a sua fundamentação vem sendo alcançada no cotidiano e na construção futura de uma cartilha de ações do estágio. Leva-se em consideração o campo de estágio como um aprendizado de trocas para uma práxis comprometida com a mudança social.

REFERÊNCIAS

AFONSO, M. L. (Org.) Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde: Um método de intervenção psicossocial. 1º ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. 172p.



ARAÚJO, Neuraci Gonçalves de; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Características e impacto dos programas de prevenção da depressão pós-parto em Terapia Cognitivo-Comportamental: revisão sistemática. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 16, n. 1, p. 10-18, 2020. Disponível em <https://www.rbtc.org.br/detalhe_artigo.asp?id=305>.

BARBOZA, L. P.; MOTA, A. VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: VIVÊNCIAS DE SOFRIMENTO ENTRE GESTANTES DO BRASIL. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, [S. l.]*, v. 5, n. 1, 2016. DOI: 10.17267/2317-3394rpds.v5i1.847. Disponível em: <<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/847>>.

BRASIL. *Gestação de alto risco: manual técnico*. 5. ed. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2010. 302 p.>.

FULCO, Lucas Gomes de Moraes et al. Perfil clínico e epidemiológico de mulheres com síndromes hipertensivas na gestação atendidas para o parto no IMIP: estudo descritivo tipo corte transversal. 2021. Disponível em <<https://tcc.fps.edu.br/bitstream/fpsrepo/1001/1/Perfil%20cl%C3%ADnico%20e%20epidemiol%C3%B3gico%20de%20mulheres%20com%20s%C3%ADndromes%20hipertensivas%20na%20gesta%C3%A7%C3%A3o%20atendidas%20para%20o%20parto%20no%20IMIP%20estudo%20descritivo%20tipo%20corte%20transversal..pdf>>

KLEIN, Michele Moreira de Souza; GUEDES, Carla Ribeiro. Intervenção psicológica a gestantes: contribuições do grupo de suporte para a promoção da saúde. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 28, p. 862-871, 2008. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/Tk4V34rbbDSTBYD8FfygvBC/abstract/?lang=pt.>>.

SILVEIRA, Azevedo, Cíntia Costa; HIRDES, Alice; VIVIAN, Aline Groff. Repercussões emocionais no contexto da gestação de alto risco. *International Journal of Development Research*, v. 10, n. 09, p. 40216-40220, 2020. Disponível em <<http://www.journalijdr.com/repercuss%C3%B5es-emocionais-no-contexto-da-gesta%C3%A7%C3%A3o-de-alto-risco>>



PERSPECTIVAS E DESAFIOS NA TRAJETÓRIA DO(A) ESTUDANTE EM SUA SEGUNDA GRADUAÇÃO

Relatório de Iniciação Científica

Autora: Clara Matos de Souza Leite, claramleite11@gmail.com

Orientadora: Edleusa Nery Garrido, edleusagarrido@gmail.com

RESUMO

Introdução: Atualmente muitos estudantes voltam à Universidade, após concluir uma primeira graduação. Por isso, é necessário olhar para a escolha do primeiro curso e analisar as condições do mundo do trabalho como fatores que podem levar o indivíduo a optar por outra profissão. **Objetivo:** compreender a trajetória de estudantes em segunda graduação na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), os propósitos, as motivações e as dificuldades encontradas nesse processo. **Métodos:** A pesquisa colheu os dados pelo método qualitativo, a partir de entrevistas semiestruturadas, realizadas por intermédio de plataformas digitais. Os entrevistados são dos quatro departamentos da UNEB no campus I, a partir do quarto semestre e cursando a segunda graduação. Participaram duas mulheres e dois homens, sendo duas pessoas pardas e duas brancas. As idades variaram de 23 a 49 anos. A análise ocorreu por meio da Análise Temática. **Resultados e Discussão:** Destacam-se dois entrevistados cursando sua segunda graduação em áreas distintas de suas primeiras, refletindo sobre a escolha do primeiro curso. Além disso, dois estão realizando a graduação em cursos que complementam seus primeiros. Sendo assim, existe um desejo de melhor preparo para o mercado laboral. **Conclusão:** Foi necessário olhar para a escolha profissional e as condições atuais do mercado de trabalho. Encontrou-se como principais motivações para cursar a segunda graduação o desejo por uma nova área e ampliar o conhecimento já adquirido. Com isso, torna-se pertinente a realização de estudos que aprofundem motivos à escolha de curso bem como sobre orientação profissional.

Palavras-chave: Psicologia. Graduação. Estudantes. Universitários. Universidade.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade muitos estudantes acabam fazendo o caminho de volta à Universidade, após concluir uma primeira graduação. Essa trajetória pode ser motivada por diversos fatores, dentre eles, a busca pela profissão de interesse ou a especialização da primeira graduação para melhor desempenho no mercado de trabalho. No que tange ao processo de escolha, de acordo com Moura e Menezes (2004), o mesmo é dificilmente



trabalhado no âmbito familiar e escolar promovendo, muitas vezes, uma decisão pouco madura da profissão e conseqüentemente da carreira.

A partir disso, muitos jovens acabam optando pela profissão que promova status e seja valorizada socialmente (DIAS; SOARES, 2012). Para refletir sobre o caminho da segunda graduação, é necessário olhar também para os três fatores de maior influência: escola, pares e família, sendo parte fundamental do processo de direcionamento para o primeiro curso (PRADELLA, 2015).

Outra motivação que pode levar o indivíduo a optar novamente pela graduação é atuar em outra área ou em outra profissão. Esse processo é norteado pela qualificação cada vez mais exigida no mercado de trabalho atual. Segundo Manfredi (1998) o conceito de qualificação surge ligado ao desenvolvimento econômico dos anos 50 e 60 visando a adequar as demandas do sistema capitalista vigente.

Com isso, o mercado determina cada vez mais habilidades e competências para melhor colocação e desempenho do trabalhador. Além disso, é importante, também, relacionar a segunda graduação como uma maneira de aperfeiçoar os conhecimentos advindos da primeira experiência universitária, como pré-requisito para inserção em um mercado laboral cada vez mais exigente. Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo compreender a trajetória de estudantes em segunda graduação na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), os propósitos, as motivações e as dificuldades encontradas nesse processo.

METODOLOGIA

A pesquisa de natureza qualitativa adotou entrevistas semiestruturadas como ferramenta para colher os relatos dos participantes, por intermédio de plataformas digitais. Os entrevistados fazem parte dos quatro departamentos da UNEB no *campus* I, cursando a partir do quarto semestre e em segunda graduação. Participaram do estudo duas mulheres e dois homens, sendo que um homem e uma mulher se autodeclararam pardos e os demais como brancos. As idades variaram de 23 a 49 anos. Os participantes foram submetidos à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e suas identidades preservadas.



Os encontros ocorreram por intermédio de plataformas digitais e o processo de seleção dos estudantes ocorreu via amostra por conveniência, pois a partir do período pandêmico no qual foi realizada a pesquisa se mostrou como mais eficaz e dinâmico devido ao seu caráter mais objetivo.

O estudo em questão se apresenta como subprojeto da pesquisa sobre estudantes universitários sob o título de: "Trajetórias estudantis e temas emergentes na experiência universitária.", de autoria da professora doutora Edleusa Nery Garrido. A análise das entrevistas ocorreu por meio da Análise Temática, proposta por Clarke; Braun e Hayfield (2019) o que possibilitou a organização dos relatos em códigos e posteriormente em temas.

Os temas e seus respectivos subtemas levantados pelos participantes foram: Motivações para a escolha do primeiro curso (motivações internas e externas); Trajetória da segunda graduação (motivações para a escolha do segundo curso, empecilhos na trajetória e relações interpessoais); e, por último, Diferenças entre as graduações (motivação com o curso, diferenças institucionais e maturidade acadêmica).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base no exposto pelos participantes é importante destacar que duas das pessoas entrevistadas estão cursando sua segunda graduação em áreas distintas de suas primeiras trajetórias universitárias e dois estão fazendo a segunda graduação em cursos que complementam suas primeiras escolhas. Além disso, duas mulheres e dois são homens fazem parte da amostra, sendo pardos um homem e uma mulher e os demais brancos.

Em relação à atividade remunerada exercida, dois trabalham atualmente, outro entrevistado conta com bolsa de iniciação científica e o último não possui atividade remunerada. Ademais, dois participantes são de Salvador, enquanto os outros dois saíram de outras cidades para fins de estudo. Por fim, a média mensal individual dos graduandos é de dois salários-mínimos.

Em relação aos eixos temáticos, o primeiro se refere às Motivações para a escolha do primeiro curso. Esse aspecto traz a reflexão sobre a escolha da primeira



graduação, além de preocupações, mencionadas pelos entrevistados, em relação a perder tempo e aproveitar o máximo possível da segunda experiência na faculdade.

Outro fator relatado, em relação às motivações da escolha do primeiro curso, é o desejo de mudança social a partir da profissão, em que o estudante expressou interesse em mudar da cidade natal para uma cidade mais populosa, revelado por Barufi (2012) como um fenômeno migratório norteador pela oferta e demanda por empregos que geram a busca por novas oportunidades em outras cidades. Além disso, outros participantes relataram a influência externa da família no processo de decisão, relatado por Pradella (2015) como um dos mais importantes fatores de escolha.

No segundo eixo, Trajetória da segunda graduação, alguns discursos encaminharam para o desejo de melhor preparar para o mercado de trabalho, esse cada vez mais seletivo. Além disso, a maturidade acadêmica foi um ponto forte trazido nos relatos, pois segundo Chiocca, Favretto e Favretto (2016), a maturidade pode direcionar a escolha profissional do indivíduo, assim como suas experiências e atitudes refletem na vida profissional. Esse fator se deve, principalmente, à familiaridade com o ambiente universitário e a maneira mais madura de encarar a graduação, sendo um fator presente no terceiro eixo temático, Diferenças entre as graduações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo destinou-se a refletir sobre a trajetória percorrida pelos estudantes em sua segunda graduação. Para tanto, foi necessário olhar para o processo de escolha profissional e as condições atuais do mercado de trabalho. A partir disso, encontrou-se como principais motivações para cursar a segunda graduação o desejo pela profissão, sendo que esse, muitas vezes é negligenciado na primeira escolha.

Outro fator motivador é a decisão tomada como fruto de um processo de autoconhecimento adquirido com a primeira graduação, fazendo com que o estudante perceba que está mais certo das suas escolhas. Por fim, o desejo de aperfeiçoar o conhecimento e melhorar suas habilidades na mesma área da primeira graduação também foi um fator mencionado. Essas motivações levaram os estudantes entrevistados de volta



à Universidade, porém a experiência acadêmica conta com alguns empecilhos, que também foram mencionados pelos participantes.

Com isso, torna-se cada vez mais pertinente a realização de estudos a respeito da vida estudantil e que abordem, de maneira mais detalhada, as relações interpessoais na graduação, a orientação profissional durante o curso e demais temas relacionados à trajetória acadêmica.

REFERÊNCIAS

BARUFI, Ana Maria Bonomi. Impactos do crescimento de vagas em cursos universitários sobre a migração de estudantes: uma análise preliminar com o censo demográfico de 2010. **TD Nereus** 13-2012 São Paulo 2012. Disponível em: http://www.usp.br/nereus/wp-content/uploads/TD_Nereus_13_2012.pdf. Acesso em: 28/06/2021

CHIOCCA, Bruna; FAVRETTO, Liani Hanauer; FAVRETTO, Jacir. Escolha profissional: fatores que levam a cursar uma segunda graduação. **ReCaPe Revista de Carreiras e Pessoas**. São Paulo. v. 6, n. 1, p. 20-34, jan/fev/mar/abr 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/205114417.pdf>. Acesso em: 26/09/2020.

CLARKE, Victoria; BRAUM, Virginia; HAYFIELD, Nikki. Análise temática. In: SMITH, Jonathan A. **Psicologia Qualitativa: um guia prático para métodos de pesquisa**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019, cap. 10, p. 295-327. ISBN: 978-85-326-6230-9.

DIAS, Maria Sara de Lima; SOARES, Dulce Helena Penna. A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. **Psicologia, Ciência e Profissão**, vol. 32, núm. 2, 2012, pp. 272-283 Conselho Federal de Psicologia. Brasília. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000200002. Acesso em: 26/09/2020.

MANFREDI, Silvia Maria. Trabalho, qualificação e competência profissional- das dimensões conceituais e políticas. **Educ. Soc.** Campinas, v.19, n.64, set. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/DyMQBvNTdc9R9jY7ff6nnHg/?lang=pt> Acesso em: 15/11/2020.

PRADELLA, Leticia Cristina Chiavini do Couto. Fatores que interferem na escolha profissional e o conceito de vocação. **Universidade de São Paulo- Instituto de Física de São Carlos**. 2015. Disponível em: http://www.gradadm.ifsc.usp.br/dados/20152/SLC0631-1/escolha_profissional.pdf. Acesso em: 27/09/2020.



A RELAÇÃO DA MODA COM A VELHICE FEMININA

Trabalho apresentado à disciplina de Psicologia do desenvolvimento - velhice

Bruna Lima Bião, brunabiao15@gmail.com; Emílie Medeiros Lago, emiliemedeiros@hotmail.com; Juliana Veiga de Almeida, juliana-dealmeida@outlook.com; Lara Alves Costa Lopes, laraalopes1@hotmail.com; Luana Neves Caribé de Azevedo, luanaazevedo96@gmail.com; Paula Maiele Silva Oliveira, paulamaiele17@gmail.com

Professor Orientador: Kátia Jane Chaves Bernardo, katiajanebernardo@gmail.com

RESUMO

Introdução: A moda sempre construiu tendências de forma a expressar as transformações do mundo e ditar regras, valores sociais e acompanhar as mudanças sociais. **Objetivo:** Investigar a relação entre a moda e a população de mulheres idosas. **Metodologia:** Foi realizada pesquisa bibliográfica nas plataformas SciELO e Pepsico, utilizando os descritores “moda”, “velhice”, “idosa”, “mulher” e “feminina”. Resultado: Foram encontrados 20 trabalhos e selecionados 11 para a realização desta pesquisa tendo como critério aqueles que tangenciavam a proposta (os objetivos geral e específicos) do trabalho. **Discussão:** A moda significa refletir sobre um conjunto de valores específicos de determinada época e determinado lugar, expressos através dos vestuários, sendo elemento fundamental na constituição social e identitária das pessoas. Esse fenômeno que, historicamente, deixou de lado o público idoso feminino, contemporaneamente, sofreu uma mudança em seu paradigma. Ao analisar diversas propagandas e mídias atuais, observa-se uma maior inserção das mulheres idosas no mundo da moda. **Conclusão:** Apesar das mulheres idosas terem ganhado mais espaço no mundo da moda através de campanhas com grandes marcas e publicidades no geral, essa inclusão se restringe à um público específico e socialmente favorecido: brancas, heterossexuais, magras e economicamente abastadas.

Palavras-chave: Velhice. Feminino. Moda. Mulher.

INTRODUÇÃO

A moda sempre construiu tendências de sorte a expressar as transformações do mundo e ditar regras, e valores sociais. Sendo assim, sabendo que a moda acompanha as mudanças sociais e frente ao cenário ocidental contemporâneo, no qual presenciamos o aumento da expectativa de vida, e conseqüente aumento demográfico da população idosa,



é válido investigar a relação que a moda tem com a velhice e, em especial, através do recorte de gênero: o feminino.

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar a relação entre a moda e a população de mulheres idosas. Além disso, possui três objetivos específicos: entender a função social da moda; investigar como a moda se relacionava no passado com as mulheres mais velhas; e compreender como é a relação da moda com as idosas no contexto contemporâneo.

MÉTODO

A metodologia dessa pesquisa foi a revisão de literatura, na qual foi realizada uma busca das principais produções sobre a temática em bases de dados eletrônicas Scielo e PePsic, utilizando os descritores: “moda”, “velhice”, “idosa”, “mulher” e “feminina”. Foram encontrados 20 trabalhos e selecionados 11, tendo como critério aqueles que tangenciavam a proposta (os objetivos geral e específicos) do trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A sociedade cria mecanismos, de intensidades variadas, que condicionam as pessoas a se vestirem e comportarem-se em padrões convencionais adotados como modelos de papel social a ser seguido, os quais são pautados nos aspectos sociais e identitários da moda. Nesse sentido, pensar em moda significa refletir sobre um conjunto de valores específicos de determinada época e determinado lugar, expressos através das roupas, uma vez que o vestuário é um elemento fundamental na constituição tanto social quanto identitária das pessoas (CRANE, 2006, apud BATISTA, CAIXETA, 2019), produzindo todo um discurso social que revela o indivíduo quanto aos seus aspectos individuais e coletivos, como o modo de vida, a idade, a classe social, a ascendência cultural etc. (POLLINI, 2014; LIPOVETSKY, 1989, apud BATISTA, CAIXETA, 2019).

Após a década de 50, um importante fenômeno histórico no mundo ocidental influenciou imperiosamente na moda e nas suas implicações nos valores sociais: o aumento demográfico da população jovem no cenário da pós Segunda Guerra Mundial, como afirma Pollini (2014). Nesse período, a moda deixa de focar somente no adulto e



passa a dar grande enfoque nos jovens que passam a demarcar o seu grupo etário a partir de comportamentos e modos de se vestir e ser nesses grupos, observando-se assim uma marcante “diferenciação de roupa por faixa etária” (TONARQUE, 2012, p.23).

Assim sendo, desde o fim do séc. XIX até o séc. XX, o ideal da juventude, passa a ser um valor propagado e almejado socialmente, principalmente pelo ramo da moda e seus meios, o que torna sua relação com a velhice possível apenas se esse público adentra nessa busca da juventude, se opondo ao processo natural de seu desenvolvimento, ou através do consumo (POLLINI, 2014).

No contexto atual, observa-se uma maior inserção, participação e valorização das idosas no mundo da moda. Elas estão chamando atenção da mídia, das marcas e de profissionais da área ao envelhecerem de forma natural, assumindo seus cabelos brancos, rugas e outras marcas do envelhecer (BATISTA, CAIXETA, 2019). Podemos observar esse fenômeno ao analisar algumas mídias, campanhas publicitárias e personalidades notórias a seguir. Primeiramente, cita-se o famoso blog Advanced Style, mencionado em vários trabalhos (BATISTA, CAIXETA, 2019; PALACIOS, MOLINA, 2019; NEVES, 2020). Criado pelo fotógrafo Ari Seth Chen, a proposta do blog é fotografar pessoas com idade superior a 60 anos que são estilosas e quebram com os estereótipos clássicos da moda na velhice.

Analisando grandes marcas do mundo da moda, observa-se algumas campanhas que utilizam de mulheres idosas como modelos, como na peça publicitária da Dolce & Gabbana da primavera de 2015 (Figura 1). Nela, apresenta-se 3 idosas utilizando acessórios da marca e, como ressalta Batista e Caixeta (2019), mostrando mulheres que fogem do padrão de extremamente magras e maquiadas.

Figura 1 - Fotos da campanha da Dolce & Gabbana com idosas



Fonte: Moda sem Limites por Carol Velloso (2015). Disponível em: <http://modasemlimites.com/2015/03/grandes-marcas-apostam-em-modelos-idosas-em-suas-campanhas/>. Acesso em 23 out. 2020.

Ainda podemos ressaltar a emergência de personalidades notórias de mulheres idosas que se inserem no mundo da moda por seu estilo e beleza. Como grande ícone temos a decoradora estadunidense Iris Apfel que completou 100 anos de idade em 2021. Fazendo um recorte em relação ao cenário brasileiro da moda, também nota-se uma participação maior de mulheres idosas. A exemplo da modelo e influenciadora digital Izaura Demari que aos 78 anos desfilou na edição especial do São Paulo Fashion Week.

Dessa forma, pode-se concluir que, como afirma Batista e Caixeta (2019), nota-se um aumento de campanhas de moda que, em certa medida, buscam incluir mulheres maduras. Essas campanhas apresentam novos paradigmas em relação a representação social de mulheres idosas, bem como quebram estereótipos arcaicos acerca dessas mulheres. No passado, segundo Neves (2020), ocorreu uma marginalização e invisibilidade da mulher na velhice adotadas pela indústria da moda. As idosas eram pouco ou quase nunca representadas em campanhas, desfiles e publicidades, enquanto o enaltecimento da juventude reforçava estereótipos negativos sobre a velhice e seus corpos.

A moda vem passando por algumas transformações, buscando tornar representativa a população feminina com a divulgação de pessoas mais reais, incluindo mulheres idosas. O que pode proporcionar um aumento da autoestima dessas mulheres que sentem-se representadas por seus iguais. Essas alterações também são capazes de



ajudar no processo de naturalização da velhice em frente a população que ainda tende a entender de forma pejorativa essa fase do desenvolvimento humano.

Apesar das transformações é possível observar que a maior parte das campanhas de moda ainda são destinadas à população jovem, mantendo certa distância dos idosos. Ao fazermos um recorte social percebe-se que essa realidade é ainda menos representada por mulheres idosas pretas, indígenas, de classe social menos favorecida, gordas e LGBTQIA+, por exemplo. Os artigos predominam em apresentações de mulheres brancas, magras e utilizando marcas de alto padrão. Também foi possível destacar que a maioria das costuras não visam estética, modelagens diferentes e cores vivas, além do conforto como supremacia das peças. O mercado ainda não possui produtos adequados para atender o público de idosos dentro de suas diferenças e respeitando suas limitações (GOMES; LUDORF, 2009, apud BERNARDO; PEPECE, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se que, a moda, como um instrumento identitário e influente, é ferramenta que pode ser utilizada para que as mulheres idosas se expressem, se libertem e busquem ter mais voz na sociedade. Observa-se que durante muito tempo a moda esteve limitada para a população idosa, visto que a primazia ao culto da juventude não permitia que as mulheres idosas fossem representadas de forma natural, em sua maioria, a moda estava vinculada a tentativas de delongar os sinais da velhice. O aumento da expectativa de vida e a maior participação das mulheres idosas no cenário social contribuíram para algumas mudanças, entre elas, uma maior inserção das idosas no mundo da moda, que passaram a ser incluídas em campanhas publicitárias, revistas e desfiles, por exemplo. Porém esse fenômeno ainda é muito restrito a determinadas populações, ocasionando em pouca representatividade e não abarcando todas as diversidades desse público.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M.; ALMEIDA, R. O idoso na mídia: a moda propulsora de estilo de vida no lar torres de melo. In: 13 **Colóquio de moda**, 2017, Bauru - SP. Colóquio de moda 2017, 2017. p. 1-15.



BATISTA, F.; CAIXETA, R. Perspectiva Socioantropológica sobre Envelhecimento, Moda e Identidade. **Rev. Longeiver**, São Paulo, v.1, n.4, p. 29-36, out./nov./dez. 2019.

BERNARDO, P.; PEPECE, O. M. C. Moda para a terceira idade: a roupa adequada para cada ocasião. **Projética**, v.5 n.1, p. 57- 74, Londrina, 2014.

COLLELA, Roberta. **A imagem da Mulher nas Revistas de Moda: o caso da Vogue**. Orientadora: Rita Joana Basílio Simões. 2015. 65 p. Tese (Mestrado em Comunicação e Jornalismo) - Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015.

LOIOLA, R. F. Análise sociosemiótica dos modos de vestir na velhice. Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, n. 31, p. 88–102, 2021

NEVES, R. Novas perspectivas: moda e envelhecimento. **Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura**, v.3, n.2, p. 99-112, Porto, 2020.

PALACIOS, A.; MOLINA, L. Moda, mídia e velhice: considerações a partir do documentário Advanced Style. **ModaPalavra**, Santa Catarina, v.12, n.24, p.23-55, mar./abr. 2019.

POLLINI, D. O envelhecimento e a moda: tecendo reflexões. **Mais 60: Estudos Sobre o Envelhecimento**, v. 25, n. 61, p. 8-25, Nov. 2014.

PRODANOV, L. S.; REINKE, C. Mulher madura e o consumo de moda no Brasil. **Revista Prâksis**, v. 1, p. 121–137, 2016.

STEFANI, P. **Moda e Comunicação: a indumentária como forma de expressão**. 2005. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

TONARQUE, Suely Aparecida. **Velhice e Moda: Incursões históricas e realidade atual**. Orientador: Vera Lúcia Valsecchi de Almeida. 2012. 82 p. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.



DANÇA E ANCESTRALIDADE: (RE) DESCOBERTA NOS PERCURSOS IDENTITÁRIOS DE MULHERES NEGRAS PROFESSORAS DE DANÇA AFRO-BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso (2021)

Ayodellê Abionná Silva Rodrigues, ayodellê.abionná@gmail.com

Orientadora: Sueli Barros da Ressurreição, sressurreicao@uneb.br

RESUMO

A dança para as pessoas negras é um elemento importante em suas vidas. Através dela, o povo negro historicamente realiza suas comemorações e conta suas histórias mitológicas, cotidianas e ancestrais. Nesse sentido, o estudo pretendeu conhecer sobre dança afro-brasileira, explorar a literatura sobre as origens do povo negro e compreender como essa história se faz presente na construção da identidade e subjetividade das mulheres negras. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo investigar percursos identitários de mulheres negras professoras de dança afro-brasileira da cidade de Salvador, Bahia, na sua relação com sentidos atribuídos a ancestralidade e possíveis atravessamentos das experiências com a dança afro-brasileira. Para tanto, foi realizado um debate entre identidade, subjetividade, corpo, gênero e ancestralidade negra, evidenciando as epistemologias negras, sobretudo das mulheres negras. Na fundamentação teórica, a pesquisa ancorou-se na abordagem psicanalítica de Neusa Santos Souza. Na parte metodológica, o estudo baseou-se na abordagem qualitativa de pesquisa e realizou a produção de dados através do Método das Narrativas, no qual recorreu a técnica da Entrevista Episódica. Através das três entrevistas obtidas no estudo, as narrativas possibilitaram observar que a dança afro-brasileira oportunizou com que as interlocutoras se conectassem mais com seus corpos, com sua identidade e ancestralidade negra. Ademais, foi possível considerar que a dança afro-brasileira possibilita com que as pessoas negras se reconectem com os saberes ancestrais, bem como foi e é um elemento de resistência para salvaguardar a história negra que foi aniquilada e sequestrada por anos de escravidão.

Palavras-chave: Ancestralidade. Corpo negro. Dança afro-brasileira. Identidade. Mulheres negras.

INTRODUÇÃO

Os estudos referentes à dança afro-brasileira, no Brasil, geralmente discutem sobre racismo, identidade e o significado do corpo negro para as(os) afrodescendentes. Nesse sentido, o presente estudo, aborda questões de como a dança afro-brasileira dialoga com



a construção da identidade das mulheres negras, e como o corpo e a ancestralidade negra se entrelaçam nesse diálogo.

Segundo Munanga (2012), a identidade do ser humano permite dar sentido e significado à existência única e singular do sujeito no mundo. O nome, sobrenome e as identidades familiares nos diferenciam uns dos outros. Abordando especificamente sobre a identidade negra, o autor destaca que para a população afrodescendente brasileira, os sentimentos de dor e solidão perpassam a construção dessa individualidade. Nesse sentido, abordando a temática da construção da identidade negra no Brasil, é inevitável não abordar questões em relação aos atravessamentos do racismo nas trajetórias dessa população.

De acordo com Almeida (2018), o Brasil é um país que tem sua base circunscrita no racismo estrutural. O racismo estrutural se coloca como um processo político, social e histórico que organiza a sociedade brasileira. Por meio dele, o Estado e as Instituições propagam e mantêm suas relações de poder sobre grupos historicamente discriminados.

Corroborando com o tema, Souza (1983) discorre sobre os desdobramentos do racismo no corpo negro feminino. O olhar depreciativo sobre esses corpos, caracteriza, em muitos momentos, a mulher negra como feia, nojenta, inferior e não digna de receber amor. Em vista disso, a estrutura física dessas mulheres são transversalizadas pela discriminação, dilaceração da sua imagem e subalternização da sua existência.

Perante as discussões sobre corpo negro, a ancestralidade se faz presente como um elemento constituinte da identidade afro-brasileira (OLIVEIRA, 2005). Para o autor, a ancestralidade convida ao indivíduo negro a olhar para dentro e enxergar o seu corpo como um sistema único e singular que pode através dele contar histórias de culturas de momentos passados

Ao dialogar sobre a temática do corpo, movimento e relacionando com a negritude, Oliveira (2005) explica que a dança se constitui como um dos elementos mais fortes da tradição africana. Nesse sentido, discorrendo especificamente sobre a dança afro-brasileira, essa arte se faz presente no território brasileiro, a partir do momento que as africanas e africanos, de diferentes partes da África, foram traficadas(os) para o Brasil. As sementes oriundas dessas danças foram espalhadas, plantadas e germinadas em diferentes partes das terras brasileiras (CONRADO, 2006).



Como justificativa social para a construção deste trabalho, a pesquisa evidencia autoras e autores negros. Nesse sentido, é urgente descolonizar a psicologia e consolidar a construção de uma psicologia antirracista. De acordo com Veiga (2019), os currículos de psicologia ainda insistem em colocar em suas matrizes curriculares referenciais teóricos de homens, brancos e europeus que utilizaram de suas teorias pessoais para manejar subjetividades afro-brasileiras. A incorporação desses conceitos no Brasil, muitas vezes, deslegitima a vivência de subjetividades não brancas e os entende como semelhantes às identidades da população branca. Diante disso, a psicologia brasileira necessita reconhecer seus erros e buscar referenciais teóricos que auxiliem as(os) psicólogas(os) a trabalhar com as diversidades e complexidades raciais e sociais existentes no país.

A partir do que foi explanado acima, foram pautados os objetivos da pesquisa. Objetivo geral: investigar percursos identitários de mulheres negras professoras de dança afro brasileira da cidade de Salvador, Bahia, na sua relação com sentidos atribuídos a ancestralidade e possíveis atravessamentos das experiências com a dança afro-brasileira. Além disso, para guiar a pesquisa, foram traçados três objetivos específicos: descrever desdobramentos da experiência das interlocutoras quando em sua trajetória tiveram contato com a dança afro-brasileira; analisar possíveis atravessamentos da dança afro-brasileira na construção da identidade de gênero e raça das professoras negras de dança afro-brasileira; compreender a relação das interlocutoras com a ancestralidade na sua prática cotidiana de dança afro-brasileira.

MÉTODO

O presente estudo ancorou-se na abordagem qualitativa de pesquisa. O foco principal da pesquisa qualitativa situa-se na percepção das experiências de vida dos(as) participantes e da maneira com a qual eles e elas atribuem significados (CRESWELL, 2007). Nesse sentido, buscando coerência com os objetivos da presente pesquisa, foram realizadas três entrevistas, incluindo a entrevista piloto, com mulheres que se autodeclararam negras, professoras de dança afro-brasileira, que lecionam essa dança a mais de cinco anos, e maiores de dezoito anos.



Entrevistar mulheres que se autodeclaram negras contribuiu para a compreensão da identidade racial do grupo étnico ao qual elas pertencem. Valorizando assim seus direitos de legitimidade, dignidade e reconhecimento da sua história (OIT, 2003 apud DIAS; TAVARES JUNIOR, 2018).

Para a produção dos dados, recorreu-se ao Método das Narrativas, e optou-se pela técnica de Entrevista Episódica, considerada uma das modalidades de entrevista narrativa. Essa técnica tem como objetivo realizar uma conexão sistemática entre as respostas e os dados relatados. Seu foco está em proporcionar o relato de episódios e situações em que o entrevistado vivenciou (FLICK, 2013).

Para a confecção do roteiro da entrevista episódica, o instrumento foi baseado no método de Flick (2013). Dessa forma, foi possível descrever os desdobramentos da experiência das interlocutoras quando em sua trajetória tiveram contato com a dança afro-brasileira, analisar possíveis atravessamentos da dança afro-brasileira na construção da identidade de gênero e raça das professoras negras de dança afro-brasileira e compreender a relação das interlocutoras com a ancestralidade na sua prática cotidiana de dança afro-brasileira. Diante do exposto, este estudo visou desenvolver uma pesquisa de cunho social, onde as interlocutoras foram as principais atrizes de suas histórias.

No tocante à realização das entrevistas, o procedimento foi realizado por meio de comunicação à distância, na modalidade síncrona. Isto é: ambas as participantes estavam on-line ao mesmo tempo, através de chamada de vídeo pelo computador por intermédio do aplicativo *Zoom*.

Diante do que foi citado acima, o trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), tendo sido aprovado sob número do CAAE 46425221.7.0000.0057, na data 19/03/2021. Com base nas diretrizes contidas na Resolução n° 466 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012), a Resolução n° 510 Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016) e a do Conselho Federal de Psicologia (CFP), nº 016/2000 de 20/12/2000. Após a submissão, as entrevistas foram realizadas após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das narrativas das interlocutoras, foi possível observar que o processo de se tornar negra foi viabilizado, também, através da dança afro-brasileira. Os motivos para ingressar na dança foram diversos, contudo, as três participantes demonstraram em seus discursos que o contato com essa arte fomentou a busca e afirmação da sua identidade. Além disso, potencializou o entendimento enquanto ser mulher e preta que vive em um país desigual, e que tem o racismo enquanto base que estrutura a sociedade. Nessa perspectiva, a dança afro-brasileira possibilitou com que as três professoras se conectassem mais com seus corpos, e mergulhassem no universo de potência que esses corpos negros simbolizam para a história de sua comunidade. Além disso, permitiu com que elas estudassem mais sobre o passado e a história das pessoas negras.

A ancestralidade foi o termo que mais transitou nas entrevistas. Essa palavra, com sentido concreto e abstrato, permitiu com que se entendesse a capacidade que a ancestralidade tem de conectar o passado, o presente e fomentar o futuro. Para todas as entrevistadas, de acordo com suas narrativas, a dança afro-brasileira permite com que a ancestralidade esteja mais viva e presente em seus corpos. O dançar da negritude viabiliza essa conexão que não se explica, apenas se sente. Sente-se de forma visceral, de maneira tão grande, que conecta o corpo com algo divino. Vale destacar que essa conexão não é algo relacionado diretamente à religião, e sim a essa ancestralidade negra que não é totalmente palpável, concreta, mas que se o negro, a negra se permitir sentir, vivenciar, seja pelo toque do tambor, do vibrar das cores, das músicas e do balançar dos seus quadris, elas e elas podem sentir essa vibração ancestral.

A partir dos relatos coletados, e do entendimento das repercussões que a dança afro desempenha na vida dessas professoras, foi possível alcançar e responder os objetivos da presente pesquisa. Diante disso, torna-se possível caminhar para as considerações finais. Cabe dizer aqui, que mesmo sendo as considerações finais deste trabalho, os movimentos não acabam neste estudo. Talvez esse tenha sido o ensaio, os primeiros passos para que muitos outros espetáculos sobre negritude, mulheres pretas e dança afro-brasileira possam surgir.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir sobre identidade negra no Brasil, muitas vezes, é um grande desafio. Falar sobre dor, injustiça e sofrimento não foi nada fácil. Entretanto, poder ressignificar essas dores em forma de palavras e trazer para o palco a cultura e a história da dança afro-brasileira faz ressoar os ensinamentos de Veiga (2019), ao argumentar que liberando-se do auto ódio e da culpabilidade, nós pessoas negras, podemos ter outra relação com nossa subjetividade.

Ainda falando sobre a difícil tarefa de ser preta no Brasil, as interlocutoras deixaram marcado que os obstáculos da discriminação e o racismo podem fazer em suas vidas. Passando por inúmeros processos de racismo, sejam eles estrutural, institucional ou cotidiano (KILOMBA, 2019). Contudo, é possível pensar que através da dança afro-brasileira elas, de certa forma, encontram possíveis caminhos para se autoafirmarem e ressignificarem suas identidades.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. Disponível em: https://inegalagoas.files.wordpress.com/2020/04/almeida-silvio_-o-que-c3a9-racismo-estrutural_-2-pc3a1ginas-1-17.pdf. Acesso em: 02 abr. 2021.
- CONRADO, A. V. S. Capoeira angola e dança afro: contribuições para uma política de educação multicultural na Bahia. 2006. 314 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Cap. 4. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11891/1/Tese_Amelia%20Conrado1.pdf. Acesso em: 01 maio 2021.
- CRESWELL, J.W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007, cap. 1, 9 e 10. Disponível em. Acesso em: 18 fev. 2020.
- DIAS, G; TAVARES JUNIOR, P. Heteroidentificação e cotas raciais: dúvidas, metodologias e procedimentos. 1 ed. Canoas, RS: IRFS campus Canoas, 2018.
- FLICK, U. Introdução a metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.
- KILOMBA, G. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.
- MUNANGA, K. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? Abpn, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 6-14, out. 2012. Disponível em: <https://silo.tips/download/negritude-e-identidade-negra-ou-afrodescendente-um-racismo-ao-avesso>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- SOUZA, N. S. Representação de si. In: SOUZA, N. S. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. Fractal, Rev. Psicol., Rio de Janeiro, v. 31, n. spe, p. 244-248, Dec. 2019. Disponível em. Acesso em: 02 maio. 2021.



DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS E OS DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE: A PSICOLOGIA NA ATENÇÃO BÁSICA E AS PRÁTICAS DE CUIDADO ÀS MULHERES IDOSAS

Iniciação Científica

Ana Carolina da Paz Fragassi, anacfragassi@gmail.com
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Camila Barreto Bonfim, cbbonfim@uneb.br

RESUMO

Introdução: Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) e o Diabetes Mellitus (DM), conhecidas como Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), possuem etiologia multifatorial e são prevalentes na população idosa, estando associadas às iniquidades em saúde promovidas pelos Determinantes Sociais da Saúde (DSS). Constituindo-se como porta de entrada do SUS, a Atenção Básica se estrutura como ponto central de cuidado integral a essa população, que necessita de acompanhamento longitudinal. Esta revisão integrativa de literatura tem por objetivo compreender quais são as contribuições da psicologia no cuidado às mulheres idosas com HAS e/ou DM. **Método:** As etapas da construção foram identificação do tema; seleção da questão norteadora do estudo; estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão dos artigos; coleta de dados; categorização dos estudos; análise crítica dos estudos selecionados; discussão dos resultados; síntese do conhecimento. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 15 artigos, sendo três pertencentes à área da psicologia, identificando-se que os principais resultados das publicações selecionadas refletiram a relação entre DSS, prevalência de HAS e DM, adesão à terapêutica e agravamento do quadro de saúde, tendo sido identificada e sistematizada a contribuição da psicologia nas linhas de cuidado às mulheres idosas com HAS e DM. **Conclusão:** Verificou-se que há escassez de pesquisas sobre a psicologia na Atenção Básica. Identificou-se a necessidade da entrada da psicologia na pesquisa científica neste contexto, visando uma maior disseminação da sua contribuição para pensar a integralidade em saúde no contexto da Atenção Básica, assim como a expansão desta atuação para as demais áreas da psicologia.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia. Saúde pública. Integralidade em Saúde. Determinantes sociais da saúde.

INTRODUÇÃO

As doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) se configuram como um grupo de patologias em crescimento progressivo no Brasil, devido à mudança demográfica e à urbanização acelerada, causando grande perda de qualidade de vida e impactos econômicos (BRASIL, 2013). Em 2013, as DCNT foram responsáveis por 72,6% das causas de óbito, dentre elas a Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) e o Diabetes Mellitus



(DM) (MALTA et al., 2019). A Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) e o Diabetes Mellitus (DM) possuem etiologia multifatorial, em que fatores ambientais (alimentação não saudável; consumo de álcool; sedentarismo; uso de cigarro) e biológicos se entrecruzam, sendo a Atenção Básica (AB), por meio das Unidades de Saúde da Família (USF) e Unidades Básicas de Saúde (UBS), as responsáveis pelo cuidado aos usuários diagnosticados (IBGE, 2020).

Os Determinantes Sociais da Saúde (DSS), dentre eles raça, etnia, gênero, geração, escolaridade e renda, estão imbricados no processo saúde-doença, verificando-se a influência dos mesmos nas DCNT. HAS e DM estão diretamente relacionados com desigualdades sociais, raciais e de gênero, uma vez que se observa uma maior prevalência entre mulheres idosas negras, com baixa renda e baixo nível de escolaridade. De acordo com a Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel) do ano de 2019, cerca de 61,6% das mulheres idosas de 65 anos ou mais foram diagnosticadas com HAS. Como aponta a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (BRASIL, 2017), as mulheres negras possuem 50% maior prevalência de diagnósticos de DM tipo II do que mulheres brancas. Verifica-se que a prevalência de HAS e DM é maior entre mulheres com até 8 anos de estudo (46,8% e 15,6%, respectivamente) (BRASIL, 2020).

Sendo a AB o ponto central do acompanhamento a essa população, tem-se que um dos principais objetivos desta é o estabelecimento do cuidado humanizado e integral, possuindo como norte a promoção de saúde e prevenção de doença. Para tal, funciona por meio de equipes multiprofissionais guiadas pela Estratégia de Saúde da Família (ESF), que visam garantir uma prática em que os usuários são compreendidos em sua dimensão biopsicossocial, considerando-se, principalmente, os DSS (AYRES, 2004, 2009). Neste campo multiprofissional, comporta-se o Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF-AB), em que a psicologia se insere realizando visitas domiciliares, intervenções no território adstrito, grupos terapêuticos e com foco em psicoeducação e em educação em saúde, matriciamento às equipes mínimas e atendimentos compartilhados, orientadas pela Clínica Ampliada e pelo Projeto Terapêutico Singular (PTS) (CFP, 2019), configurando-se como imprescindíveis ao cuidado integral à população com HAS e DM.



Apesar do vasto conhecimento acerca da importância do estudo sobre o entrelaçamento entre fatores psicossociais e biológicos no acometimento e agravamento das condições de saúde da população com HAS e DM, observa-se a escassez de pesquisas sobre a atuação da psicologia na promoção do cuidado integral neste contexto. Neste sentido, esta pesquisa objetivou identificar as contribuições da psicologia no cuidado às mulheres idosas com HAS e DM na Atenção Básica.

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, caracterizada como um método que sintetiza e integra estudos anteriormente realizados sobre o fenômeno a ser analisado, mapeando o conhecimento produzido e identificando lacunas de pesquisa a serem reparadas futuramente (SOUZA et al, 2010). Foi delineada a partir das seguintes etapas: identificação do tema; seleção da questão norteadora do estudo; estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão dos artigos; coleta de dados; categorização dos estudos; análise crítica dos estudos selecionados; discussão dos resultados; síntese do conhecimento.

A estratégia de busca consistiu na utilização das bases de dados LILACS, Medline, CAPES e Google Acadêmico (até a 5ª página devido ao grande número de artigos duplicados), entre os meses de setembro e dezembro do ano de 2020. Utilizou-se os descritores “psicologia”, “atenção básica”, “hipertensão arterial sistêmica”, “diabetes mellitus” e “mulheres idosas”, fazendo-se da combinação dos descritores com o operador booleano “OR” e “AND”.

Os critérios de inclusão dos artigos nesta revisão foram: artigos publicados em português, inglês e espanhol; textos completos; publicados no período de 2010 a 2020; com pesquisas empíricas; revisões de literatura; monografias. Por sua vez, os critérios de exclusão foram: artigos duplicados e teses e dissertações.

Devido à escassa quantidade de artigos selecionados, fez-se necessário realizar busca ativa a partir dos descritores “mulheres idosas”, “diabetes mellitus” e “hipertensão arterial sistêmica”, com o auxílio do operador booleano “AND” na plataforma do Google Acadêmico (até a 1ª página devido ao número excedente de artigos duplicados). Neste estudo, incluiu-se artigos previamente conhecidos condizentes com a temática de estudo.



Após a seleção, sistematizou-se os artigos selecionados das bases de dados e em busca ativa de acordo com a área de formação; data de publicação; abordagem feita aos DSS; principais resultados. A análise dos dados foi feita de forma descritiva qualitativa e quantitativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Selecionou-se e analisou-se, a partir da busca em bancos de dados e da busca ativa, 15 artigos. Dentre os 6 artigos selecionados nas bases de dados, a maioria foi publicada no ano de 2017 (50%) e na área de enfermagem (66,8%), não havendo artigos correspondentes à área de psicologia. Obteve-se, quanto a abordagem realizada aos DSS, que todos os artigos abordaram as categorias 'gênero' e 'geração', ao passo em que 'raça' e 'escolaridade' foram analisados somente em 4 artigos, sendo 'renda' o DSS menos presente nos estudos. Observou-se que a maioria das publicações não abordou todos os DSS.

Os 9 artigos selecionados a partir da busca ativa se mostraram diversos quanto ao ano de publicação. Dentre os 9 artigos selecionados, apenas 2 foram publicados no mesmo ano, 2011 (22,2%), e 7 foram publicados em anos distintos, entre 2010 e 2020, que contabilizaram 11,1% cada. A maioria dos artigos foi publicada na área de enfermagem (66,8%), contendo 33,3% das publicações na área de psicologia, tendo sido observada a abordagem a todos os DSS. Dentre os artigos que não abordaram todos os DSS (raça, gênero, geração, escolaridade e renda), obteve-se que 'raça' foi o DSS menos presente nos estudos.

Verificou-se que os DSS estão imbricados no agravo das condições crônicas. As mulheres idosas foram a população com HAS e DM mais prevalente entre os estudos, verificando-se que o estresse se constitui como fator de risco para alterações de níveis glicêmicos e pressão arterial (LESSMANN et al., 2011). Nesse sentido, tem-se que as DCNT, assim como os tratamentos medicamentosos e não-medicamentosos, geram perda da qualidade de vida, permeando aspectos psicossociais e a construção da identidade dos indivíduos, como verificam Renovato (2012) e Costa (2017), o que podem vir a ser elementos estressores.



Souza et al. (2018) descreve a associação entre a presença de sintomas depressivos e ansiosos e o acometimento destas condições crônicas entre a população idosa feminina negra e indígena com baixo nível de escolaridade, ao passo em que Patrão et al. (2019) expõe a relação entre discriminação percebida entre a população negra e a maior exposição a fatores e comportamentos de risco para estas DCNT. Neste sentido, Boing et al. (2010) introduziu a necessidade da(o) profissional da psicologia se inserir no contexto da AB como profissional de saúde geral, visando o cuidado integral em saúde. Neste terreno, o trabalho da psicologia pode ser feito através de visitas domiciliares, por exemplo, não se limitando ao espaço físico das unidades de saúde; a equipe multiprofissional da AB deve trabalhar em conjunto com os usuários, não estabelecendo uma relação hierarquizada e vertical (MAYEAMA et al., 2020).

A psicologia, guiada por teorias e abordagens como a Psicologia Social, pode ampliar horizontes das Equipes de Atenção Básica, uma vez que esta tem como campo de estudo o indivíduo e as coletividades, compreendendo os sujeitos como dotados de interação entre biológico, psicológico e social (BOCK, 2007; BOING, 2010). A prática da psicologia deve considerar as categorias raça, gênero, geração e classe social como inerentes aos estudos e análises. Observa-se o déficit de pesquisas, nos artigos selecionados, que considerem os Determinantes Sociais da Saúde como presentes no processo saúde-doença, além de desconsiderar o caráter indissociável dos mesmos, havendo análises rasas e separadas, sem desenvolvimento de pensamento crítico acerca dos resultados encontrados. A ausência da psicologia na produção científica nacional acerca do tema reflete um esvaziamento de reflexão sobre a integralidade do cuidado no campo da psicologia. O trabalho, neste terreno, exige uma reformulação de práticas adequadas para o campo de equipe multiprofissional, que funciona sob a lógica da Clínica Ampliada e conta com trabalhos voltados para o âmbito individual e coletivo do território adstrito de atuação. Neste sentido, não se pode haver somente adaptação de técnicas clínicas, mas a reinvenção de sua prática (BOING, 2010; CFP, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Esta revisão integrativa permitiu a exploração de pesquisas que versassem sobre a temática da psicologia na Atenção Básica e as práticas de cuidado às mulheres idosas com doenças crônicas não transmissíveis, localizando o cuidado integral e os DSS como centrais. Observou-se a escassez de pesquisas no campo da psicologia sobre a temática, sendo desconhecidas quais são as práticas de cuidado ofertadas pelas psicólogas atuantes na Atenção Básica às mulheres idosas com hipertensão arterial sistêmica e diabetes mellitus. Desse modo, verificou-se, portanto, práticas ainda incipientes da psicologia no contexto das DCNT com mulheres idosas, sendo o conhecimento da psicologia utilizado por outras áreas profissionais para se pensar a integralidade em saúde. Como contribuição, identifica-se a necessidade da entrada da psicologia na pesquisa científica sobre a temática presente, a fim de disseminar as contribuições da(o) psicóloga(o) na atuação em uma equipe multiprofissional. Recomenda-se a reformulação das matrizes curriculares nas graduações de psicologia.

REFERÊNCIAS

- AYRES, J.R.C.M. **Cuidado: trabalho e integração nas práticas de saúde**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos e Pesquisa em Saúde Coletiva, 1. ed., 2009.
- AYRES, J. R. C. M. Cuidado e reconstrução das práticas de Saúde. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 8, n. 14, p. 73-92, São Paulo, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nvGMcCJJmpSSRjsGLhH8fmh/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 26 dez. 2020
- BOCK, A.M.B. et al. Sílvia Lane e o projeto do "Compromisso social da psicologia". **Psic. & Soc.**, Recife, v. 19, ed. especial n. 2, p. 46-56, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/w5gPmcgxnB5w5ThhFkCyCtb/?lang=pt>>. Acesso em: 12 jun. 2021.
- BOING, E.; CREPALDI, M.A. O psicólogo na atenção básica: uma incursão pelas políticas públicas de saúde brasileiras. **Psic. Cienc. e Prof.**, Brasília, v. 30, n. 3, p. 634-649, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000300014>>. Acesso em: março 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Diretrizes para o cuidado das pessoas com doenças crônicas nas redes de atenção à saúde e nas linhas de cuidado prioritárias**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes%20cuidado_pessoas%20doencas_cronicas.pdf>. Acesso em: 05 fevereiro 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política do SUS**. Brasília, DF, 2017. Disponível em:



<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra_3d.pdf> Acesso em: 05 abril 2020

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Vigitel Brasil 2019:** vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2019. Brasília, DF, 2020. Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2019_vigilancia_fatores_risco.pdf>. Acesso em: 02 março 2020.

CFP. **Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos(os) na Atenção Básica à Saúde.** Brasília, 2019. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas-os-na-atencao-basica-a-saude/>>. Acesso em: 10 fevereiro 2021

COSTA, A.L.G. et al. **O impacto da diabetes mellitus tipo 2 na vida das mulheres idosas.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem), Univag, Várzea Grande, 2018. Disponível em:

<<https://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/enf/article/view/47>>. Acesso em: 06 jul. 2020

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde (2019):** percepção do estado de saúde, estilos de vida, doenças crônicas e saúde bucal - Brasil e grandes regiões. Rio de Janeiro, RJ, 2020. Disponível em:

<<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101764.pdf>>

LESSMANN, J.C. et al. Estresse em mulheres com diabetes mellitus tipo 2. **Rev. Bras. Enf.**, v. 64, n. 3, p. 451-6, Brasília, 2011. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/reben/a/3cKDZSJs9Tv7vYyC7zNvXmp/?lang=pt>>. Acesso em: 06 jul. 2020

MALTA, D.C. et al. Probabilidade de morte prematura por doenças crônicas não transmissíveis, Brasil e regiões, projeções para 2025. **Rev. Bras. Epid.** Belo Horizonte, v. 22, n. e190030, abr. 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-790X2019000100428&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 19 março 2021.

MAYEAMA, M.A. et al. Aspectos Relacionados à Dificuldade do Controle Glicêmico em Pacientes com Diabetes Mellitus Tipo 2 na Atenção Básica. **Braz. Jour. Of Dev.**, v. 6, n. 7, p. 47352-47369, Curitiba, 2020. Disponível em:

<<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/13278/11156>>.

Acesso em: 09 jul. 2020

PATRÃO, A.L. et al. Association Between Perceived Discrimination and Alcohol and Tobacco Consumption in ELSA-Brasil Cohort: Focusing on Gender Differences. **Arca-Fiocruz**, p. 1532-2491, ISSN: 1082-6084, Salvador, 2019. Disponível em:

<<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/32470>>. Acesso em: 06 jul. 2020

RENOVATO, R.D. et al. Idosos hipertensos na atenção básica em saúde: discursos e identidades. **Rev. Bras. Geriat. e Geront.**, v. 15, n. 3, p. 423-431, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbagg/a/Zc46PCPvHhsv5R5rx7wKqYM/?lang=pt>>. Acesso em: 10 jul. 2020



SOUZA, G.N.P. Prevalência de sintomas depressivos e/ou ansiosos em pessoas com hipertensão arterial sistêmica e/ou diabetes mellitus. **Rev. Port. Enf. Saúde Ment.**, n. 20, p. 43-50, Porto, 2018. Disponível em:

<https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602018000300006?script=sci_arttext&pid=S1647-21602018000300006>. Acesso em: 08 jul. 2020

SOUZA, M.T. et al. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1, p. 102-106, São Paulo, 2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167945082010000100102&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 mar. 2021



A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS PROCESSOS DE AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DA MUSICALIDADE E RITMICIDADE DA VOZ

Trabalho de Iniciação Científica

Abraão Carneiro do Carmo Rodrigues, rodrigues.a.c90@gmail.com

Orientadora: Rosemary Lapa de Oliveira, rosy.lapa@gmail.com

RESUMO

Introdução: A voz é um recurso empregado pelo contador de histórias no ato da contação. No âmbito da teoria psicanalítica se configura como elemento fundamental da relação mãe-bebê que, dotada de musicalidade e ritmicidade, reverbera nos processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem. **Objetivos:** objetiva-se apresentar parte dos resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa com informações produzidas a partir da análise de histórias de contadores tradicionais da cidade de Santaluz, Bahia, Brasil, designados C e Z. Utilizamos a entrevista narrativa e o registro videográfico como instrumentos metodológicos de interface com os sujeitos de pesquisa. Recorremos a análise de conversação e às discussões psicanalíticas sobre a relação mãe-bebê. **Resultados e Discussão:** Encontramos como resultados: a) C e Z apresentam características prosódicas presentes no modo de fala particular da relação mãe-bebê, o manhês, a saber: tom de voz elevado (Z), fala lentificada (C), alongamentos de vogais (C e Z) e agudização da voz (C e Z); b) presença de figuras de linguagem como assonâncias, rimas e repetições, que conferem musicalidade e ritmicidade. **Conclusões:** A partir daí, o material aponta para a possibilidade do uso de elementos do manhês na performance de contação, conferindo a ela ritmo e melodia que, associados à articulação de palavras que promovem efeitos de sonoridade, indicam potencial terapêutico para os processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem, considerando o pressuposto psicanalítico de que a melodia da voz pode inserir a criança em um dialogismo necessário à entrada na linguagem.

Palavras-chave: Contar Histórias. Psicanálise. Voz. Musicalidade. Ritmicidade.

INTRODUÇÃO

A Contação de histórias é uma prática que, embora de origem tradicional, mantém-se viva na contemporaneidade, de modo a perpassar o cotidiano das pessoas, utilizando múltiplos formatos e mediações (COSTA, 2015). Não obstante, todo ato de contar histórias consiste num misto de conteúdo e forma, de modo que, para além da criação do enredo e das personagens, o contador constrói uma ação artística performática,



através do uso de uma série de elementos gestuais, corporais e de linguagem, que incluem a voz (SISTO, 2012).

A psicanálise, por seu turno, estuda a voz e sua modulação a partir da relação mãe-bebê, apontando para a relação existente entre ela e os processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem. De acordo com Catão (2009), a vocalização emitida pelo cuidador primordial da criança, participa da subjetivação desta, necessária à sua entrada na linguagem e, por conseguinte, à constituição dela enquanto sujeito, que, para Lacan (2008), só passa a existir quando inscrito no campo do simbólico, onde se localizam os elementos que compõem a linguagem, a saber, os significantes.

A efetividade da inscrição nesse território, decorreria, conforme Souza (1999), de um enlace pulsional, isto é, da captura da criança em um circuito subjetivante que envolve tanto a ela quanto um outro cuidador. Esse percurso foi evidenciado por Lacan (2008) como o trajeto da pulsão, estruturado em três vias: ativa, reflexiva e passiva. A criança precisaria, portanto, para iniciar seu processo de subjetivação, ser inserida nesse percurso que, segundo Ferreira (2004), demanda um cuidador que estabeleça uma relação de interlocução com a criança, inserindo-a em um diálogo, antes mesmo dela fazer uso de sua língua materna. Para tanto, a criança precisa ser capturada para o dialogismo pretendido, que se faz, de acordo com Jerusalinsky (2014), por meio de um modo particular de fala, o *manhês*, que, para a autora, está marcado por uma voz cuja entonação e prosódia conferem musicalidade àquele que enuncia e se dirige à criança.

É, pois, o delineamento desta interação dialógica, iniciada pelo uso de uma voz apropriada ao chamamento inicial, cujo objetivo central consiste na inserção da criança em uma conversação, na posição de interlocutora, que uma terapia da linguagem é apontada como possível (VORCARO, 2004), tendo a voz como um dos elementos que a constitui, a partir da teoria psicanalítica.

Tendo isso em vista, e considerando que a contação de histórias é uma ação cuja voz é um recurso que confere às histórias melodia e som, a pesquisa de Iniciação Científica intitulada *Contação de Histórias e Psicanálise: a musicalidade e ritmicidade da voz nos processos de desenvolvimento da linguagem* buscou verificar o potencial terapêutico da contação de histórias nos processos de aquisição e desenvolvimento da



linguagem, considerando os aspectos de musicalidade e ritmicidade da voz. Desse modo, o objetivo deste trabalho é apresentar parte dos resultados obtidos na referida pesquisa.

MÉTODO

Trata-se de um trabalho de abordagem qualitativa e tipo exploratório, que produziu informações por meio do uso de recursos da pesquisa biográfica, a saber, a entrevista narrativa e o registro videográfico, com dois contadores de histórias tradicionais da cidade de Santaluz, Bahia, Brasil, identificados como C e Z, sujeitos desta investigação. O percurso metodológico cumpriu as seguintes etapas: a) realização das entrevistas por meio da plataforma *Microsoft Teams*; b) transcrição do material a partir do manual de conversação de Marcuschi (2003); e c) análise das informações produzidas à luz da correlação teórico-conceitual da contação de histórias com a psicanálise.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dois sujeitos entrevistados apresentaram, nos atos da contação, variações constantes de volume e velocidade, corroborando com as afirmações de Matos e Sorsy (2003), de que tais oscilações são comuns às vocalizações dos contadores de histórias. A voz de Z é marcada por falas enfáticas, que sinalizam o aumento do tom. Um tom mais alto foi apontado por Catão (2009) como estando presente no *manhês*. Além disso, faz uso de tons mais agudos, assim como realiza, frequentemente, alongamentos de vogais, características que também se fazem presentes no *manhês* (FERREIRA, 1997). No entanto, em alguns momentos, apresentou falas apressadas e não utilizou de sílabas, não convergindo, nestes aspectos, com o modo de fala mencionado.

C, por sua vez, emite um tom de voz mais lentificado, tendendo a variar mais o tom do que a velocidade, principalmente nos momentos em que dá ênfase e acento a algumas expressões. Além disso, praticamente durante toda a narrativa, é possível notar a contadora fazer uso de alongamentos de vogais, mas recorrer pouco às sílabas e a agudização da voz. Também foi possível observar, em alguns trechos da história, pausas curtas. As variações vocais desenvolvidas por C, além de corroborar com o que falou Matos e Sorsy (2003) a respeito da habitual variação entoacional dos contadores de história, apresenta características prosódicas muito utilizadas na modulação de voz do



manhês, tal como pontua Catão (2009), a saber, o alongamento de vogais e a lentificação da voz, diferindo, portanto, do que foi observado na escuta da história de Z, a esse respeito, já que notamos uso de fala apressada. Sinalizamos, também, na modulação vocal de C a presença de sussurros, recurso paralinguístico que, de acordo com Gomes (2003), é uma estratégia do contador para que a história seja compreendida pelos seus ouvintes. Além disso, tem a função, de acordo com o autor, de marcar a intenção do contador e de mobilizar afetos.

Acreditamos que, a partir da análise empreendida, em todas as variações vocais apresentadas, tanto por C, quanto por Z, apresentam-se marcas prosódicas e paralinguísticas que estão, também, presentes no manhês, mesmo que no seu conjunto, não captamos a modulação vocal típica deste modo de fala. As diferenças destas características, no entanto, entre os dois contadores – tons mais elevados em Z e fala mais lentificada em C – chamam a atenção para as particularidades de cada contador. Tal fato é mencionado por Sisto (2012), ao dizer que cada contador tem seu modo de contar e, neste sentido, o modo de apresentar a narrativa difere de um contador para outro, já que cada um fará uso de seus recursos, apresentando, pois, um modo singular de dizer. O autor sinaliza, diante disso, que cada contador deve descobrir as suas possibilidades de dar sonoridade à história que conta.

O que o material nos fornece, portanto, é a ilustração de que é possível visualizar elementos da relação mãe-bebê no ato da contação quando o contador faz uso de uma voz com elementos que musicalizam suas histórias. Parte da potência terapêutica reside, neste caso, no fato de que é possível contar histórias com recursos paralinguísticos que sonorizem à história de um modo que a criança seja convocada, tal como afirmou Jerusalinsky (2014), ao processo dialógico que a mãe realiza quando usa o manhês.

Além de termos identificado a presença de algumas características prosódicas do manhês, observamos a presença de rimas, assonâncias e repetições que conferem musicalidade e ritmo à história contada. A consideração do efeito terapêutico de musicalidade, para além das modulações vocais características do manhês, assenta-se no potencial de invocação que todos os objetos sonoros apresentam, conforme as ideias sinalizadas por Tavares e Hashimoto (2016). Os autores pontuam que o contato com



elementos sonoros reverbera no sujeito, acarretando modos de subjetivação, daí, consideramos as figuras de linguagem mencionadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada, identificamos características prosódicas típicas do *manhês*, a saber: a) domínio de tom mais elevado em Z; b) falas mais lentificadas por C; c) uso de alongamentos de vogais pelos dois contadores; e d) tom de voz agudo realizado tanto por ambos. Tendo em vista tais resultados, concluímos que, apesar de ter sido observados elementos do *manhês* nos dois atos de contação, não há vocalizações cujas musicalidades tenham íntima semelhança com esse modo particular de fala. Acreditamos que isso decorre de que nenhuma das *performances* analisadas reúne na voz todas as características prosódicas do *manhês*. No entanto, consideramos que isso não inviabiliza seu potencial terapêutico, se admitimos que as características encontradas contribuem, juntamente com um repertório de figuras de linguagem de sonoridade, a saber, assonâncias, rimas e repetições, para o efeito de musicalidade e ritmicidade no ato da contação.

REFERÊNCIAS

- CATÃO, I. **O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo**. São Paulo: Langage, 2009.
- COSTA, Edil Silva. Narrativas orais na contemporaneidade: conexões e fissuras. **Sentidos da Cultura**, Belém-PA, Ano 2, n.2, 2015.
- FERREIRA, Severina Sílvia Maria Oliveira. **João, uma criança com olhar de estrela. O autismo**: um estudo de caso. 2004. 346 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.
- FERREIRA, Sílvia. A interação mãe-bebê: primeiros passos. In: WANDERLEY, Daniele de Brito (Org.) **Palavras em torno do berço**. Salvador: Ágalma, 1997.
- GOMES, Adriano Lopes. A voz que vem de longe: os códigos paralinguísticos na compreensão de narrativas oralizadas. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências e Comunicação, 2003, Belo Horizonte, **Anais**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2003. Disponível em: <
http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/index_trabalhos_apresentados.htm> Acesso jul. 2020.



JERUSALINSKY, Julieta. **A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê.** Salvador: Ágalma, 2014.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar.** 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes (2009).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação.** São Paulo: Ática, 2003.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.** 3 ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SOUZA, Sandra Pavone de. Um lugar para falar... **Estilos clin.**, São Paulo, v. 5, n. 8, p. 156-169, 2000. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282000000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 nov. 2021.

VORCARO, Angela. (Org.) **Quem fala na língua?** Sobre as psicopatologias da fala. Salvador: Ágalma, 2004.



HUMOR DEPRIMIDO E FATORES PSICOSSOCIAIS ASSOCIADOS EM IDOSOS NA PANDEMIA DE COVID-19

Caio Pereira de Oliveira; caiocpo9@gmail.com; Luana Coutinho Luz, luana.l.queiroz@gmail.com; Thiago Dias Carvalho, carvalhothiagodias@gmail.com.

Orientadora: Camila Barreto Bonfim, cbbonfim@uneb.br.
Co-orientador: Mino Correia Rios, mino.rios@gmail.com.

Introdução: A pandemia de COVID-19 tem intensificado a fragilização de grupos historicamente mais vulneráveis. O presente trabalho iniciou-se na disciplina de Medidas em Psicologia no semestre de 2020.2 e buscou avaliar como idosos brasileiros vêm vivenciando esse período e quais fatores interferem nesse processo. **Método:** Conduziu-se um *survey* por meio de formulário eletrônico com idosos de diferentes cidades (N=127), com questionário contendo: a) dados sociodemográficos; b) fatores de vulnerabilidade e de suporte; c) hábitos de vida. Elaborou-se uma escala Likert (5 pontos) para avaliar as vivências com base em quatro dimensões: humor deprimido ($\alpha=0,80$); percepção de apoio ($\alpha=0,72$); estratégias de socialização ($\alpha=0,65$); estratégias de autocuidado ($\alpha=0,62$). **Resultados e Discussão:** Os resultados das análises estatísticas apontam para vivências moderadas de humor deprimido (valor de $p < 0,05$ estatisticamente significativo), ainda que com heterogeneidade nas respostas ($X=2,53$; $dp=0,84$) e um padrão semelhante nas estratégias de autocuidado ($X=3,40$; $dp=1,02$). Tratando da percepção de suporte ($X=4,17$; $dp=0,87$) e estratégias de socialização ($X=4,0$; $dp=0,90$) observou-se níveis mais expressivos, embora pouco homogêneos. Considerando os efeitos da depressão, sobretudo durante o isolamento social, e a heterogeneidade do resultado, conduziu-se uma análise inferencial de regressão *stepwise*. Assim, obteve-se variância de 39,7%, com os seguintes preditores: rede de suporte físico-emocional ($B=-0,426$; $t=-5,902$; $p < 0,001$); cuidados em saúde mental ($B=-0,316$; $t=-4,535$; $p < 0,001$); ocupação ($B=-0,17$; $t=-2,457$; $p < 0,05$); perdas pessoais para a COVID ($B=0,16$; $t=2,168$; $p < 0,05$). **Conclusão:** Mensurar a vulnerabilidade dos idosos atualmente, bem como analisar os agravantes e enfrentamentos, é essencial para pensar estratégias de manejo eficientes - como os efeitos profiláticos das redes de apoio e autocuidado apontados pelo estudo. Todavia, sendo um estudo exploratório, reconhece-se a necessidade da condução de outros estudos para entender melhor o sofrimento psíquico contemporâneo à pandemia de COVID-19.

Palavras-Chave: Depressão; Idoso; Pandemia por COVID-19.



INTRODUÇÃO

O Brasil conta com mais de 28 milhões de idosos, representando 13% da população total. Esse percentual tende a dobrar nas próximas décadas, segundo a Projeção da População divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE (IBGE, 2018). Dessa forma, espera-se que, em 2025, o Brasil ocupe o sexto lugar quanto ao contingente de idosos, alcançando cerca de 32 milhões de pessoas com 60 anos ou mais (VIANA, SILVA, LIMA, 2020). Dessa forma, pensar em trabalhos que proponham uma atmosfera de cuidado e bem estar para com essa população é uma questão urgente. Entretanto, é importante ressaltar que esse cuidado precisa ser muito mais do que somente aquele destinado ao físico, sendo necessário cuidar das questões subjetivas dessa faixa etária.

Diante da indispensabilidade do isolamento social, é inegável que a internet e os contatos mediados pelas redes sociais, frequentemente, são tidos como formas de enfrentamento aos sentimentos negativos de solidão vivenciados no período pandêmico. Contudo, é fundamental que se analise também os graus de escolaridade e renda, visto que nem todos os idosos são alfabetizados e/ou possuem condições econômicas para se apropriar dessas tecnologias (COSTA et al., 2020).

O presente trabalho iniciou-se na disciplina de Medidas em Psicologia no semestre de 2020.2 e buscou avaliar como idosos brasileiros vêm vivenciando esse período e quais fatores interferem nesse processo.

METODOLOGIA

O estudo foi elaborado por meio de uma pesquisa quantitativa do tipo transversal e de caráter exploratório. O público-alvo deste estudo foi constituído por idosos acima de 60 anos, durante a vivência das medidas de proteção contra o novo coronavírus, o SARS-CoV-2, devido às suas proporções globais no ano de 2020. Buscando alcançar possíveis respondentes do questionário, apropriou-se do uso de técnicas de amostragem por conveniência não probabilística e da técnica da bola de neve. Idosos de diversos municípios (N = 127) foram submetidos a um *survey* por meio de formulário eletrônico



contendo questionamentos quanto: dados sociodemográficos; fatores de vulnerabilidade e de suporte; hábitos de vida.

O instrumento para coleta de dados foi construído contendo 17 perguntas elaboradas para avaliar a experiência da população idosa durante a pandemia de COVID-19, precedidas por um questionário de perfil sociodemográfico e o pedido de consentimento para uso dos dados em propósitos científicos. A aplicação do instrumento foi realizada por intermédio do *Google Forms* durante o mês de Dezembro/2020, sendo seu *link* de acesso disponibilizado e compartilhado a partir das redes sociais: *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*.

Os dados coletados foram examinados fatorialmente com o programa estatístico SPSS-20 e foram distribuídos em quatro dimensões distintas: humor deprimido ($\alpha = 0,80$); percepção de apoio ($\alpha = 0,72$); estratégias de socialização ($\alpha = 0,65$) e estratégias de autocuidado ($\alpha = 0,62$). Dessa forma, foi investigado o impacto e a relação das vivências pandêmicas com as dimensões propostas, além da análise do percentual, frequências, médias e desvios padrões das respostas do questionário sociodemográfico.

Diante do contexto pandêmico e da impossibilidade de contatos diretos e presenciais com os participantes, não foi necessário a passagem por um comitê de ética perante a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. O caráter voluntário da pesquisa foi confirmado a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) preenchido pelos participantes antes de responderem o questionário, onde encontravam todas as informações acerca do estudo. Posteriormente, o trabalho “Validação de Escala Psicométrica para Medir o Humor Deprimido em Idosos” foi submetido e aprovado no “X Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica” realizado pelo Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP) no mês de Julho/2021.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante dos dados sociodemográficos obtidos, verificou-se uma idade média igual a 68,92 ($dp = 6,86$) e uma prevalência do gênero feminino (75,6%). Além disso, a porcentagem dos idosos que moravam com a família (73,2%) foi maior do que a porcentagem de idosos que moravam sozinhos (26,8%). Os resultados apontam para



vivências moderadas de humor deprimido, embora seja um resultado de caráter heterogêneo ($X = 2,53$; $dp = 0,84$) e com um padrão similar nas estratégias de autocuidado ($X = 3,40$; $dp = 1,02$). Com relação à percepção de suporte ($X = 4,17$; $dp = 0,87$) e estratégias de socialização ($X = 4,0$; $dp = 0,90$) foram identificados níveis mais expressivos, ainda que pouco homogêneos.

Dessa forma, com base na pouca homogeneidade da pesquisa e atentando-se aos impactos da depressão para a população idosa - principalmente durante o isolamento social, conduziu-se uma análise de regressão com método de stepwise para avaliar os preditores desse indicador. Assim, obteve-se variância de 39,7%, com os seguintes preditores: rede de suporte físico-emocional ($B = -0,426$; $t = -5,902$; $p < 0,001$); cuidados em saúde mental ($B = -0,316$; $t = -4,535$; $p < 0,001$); ocupação ($B = -0,17$; $t = -2,457$; $p < 0,05$); perdas pessoais para a COVID-19 ($B = 0,16$; $t = 2,168$; $p < 0,05$).

A pesquisa de caráter exploratório, contou com limitações em sua amostra, possuindo mais participantes do gênero feminino (75,6%), mais participantes que tiveram acesso ao ensino superior (50,4%), dos quais somente 43,3% concluíram a graduação. Ademais, 73,2% dos idosos pesquisados moram com a família e apenas 15,7% relataram ter algum acompanhamento psicológico.

Dessa maneira, a partir dos valores trabalhados, percebeu-se a importância, sobretudo, das redes de suporte físico-emocional, investigadas por meio de perguntas que tratavam do apoio que os idosos obtinham em seu cotidiano, e o autocuidado que afeta na saúde mental, dentro do teste proposto. Tais resultados dialogam com a literatura sobre o tema e sua abordagem acerca da necessidade das redes de apoio na vida dos idosos no cotidiano para promoção do bem-estar, diminuindo os impactos da situação estressora (GRIEP *et al.*, 2003; VIANA; SILVA; LIMA, 2020), bem como estudos como os de Osório *et al.* (2020), que tratam da importâncias de práticas esportivas não somente para a saúde física, mas também para a saúde mental dos idosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mensuração da vulnerabilidade dos idosos no contexto de pandemia, bem como a análise dos agravantes e dos enfrentamentos é essencial para pensar estratégias de



manejo para com esse público. Nessa perspectiva, as redes de apoio e o autocuidado destacaram-se pelos seus efeitos positivos para a saúde mental da população idosa. Entretanto, dada a limitação do estudo, novos estudos que contem com uma amostra ampliada e mais diversificada são necessários para melhor entender o sofrimento psíquico contemporâneo à pandemia de COVID-19, explicitando as condições de idosos pertencentes a diferentes repertórios socioculturais.

REFERÊNCIAS

- COSTA, F. A. et al. COVID-19: Seus impactos clínicos e psicológicos na população idosa. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/13704>. Acesso em: 14 out. 2021.
- GRIEP, R. H. et al. Apoio social: confiabilidade teste-reteste de escala no Estudo Pró-Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. 2, p. 625-634, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/ZQtvf8vvvt9Ytprg8LXBhd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2021.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.
- OSÓRIO, N. B. et al. O IMPACTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA SAÚDE DE IDOSOS EM ISOLAMENTO SOCIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: Relato de experiência. **Revista Observatório**, Palmas, v. 6, n. 2, p. 1-14, 1 abr. 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/9514>. Acesso em: 14 out. 2021.
- VIANA, S. A. A.; SILVA, M. L.; LIMA, P. T. Impacto na saúde mental do idoso durante o período de isolamento social em virtude da disseminação da doença COVID-19: uma revisão literária. **Revista Diálogos em Saúde**, v. 3, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.iesp.edu.br/index.php/dialogosemsaude/article/view/272>. Acesso em: 14 out. 2021.

